Bayerische StaatsBibliothek
Münchener DigitalisierungsZentrum Digitale Bibliothek

Castro, Damião Antonio de

Historia Geral De Portugal, E Suas Conquistas

Bd.: 5

Lisboa (1786)

Port. 36 m-5
urn:nbn:de:bvb:12-bsb11020058-3

Port. 36 m Lemos

Port. 36 m

HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO QUINTO.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL, E SUAS CONQUISTAS;

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS FARIA E CASTRO.

TOMO V.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1786.

Com Licença da Real Meza Censoria.

Bayerische
Staatsbibliothek
München

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO XVIII.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Principio do Reinado de D. Fernando o Gentil, IX. Rei de Portugal.

NA idade de vinte e dous annos ſuccedeo D. Fernando o Formoſo a ſeu Pai D. Pedro, e entrou no dominio de hum Reino forte, e ſocegado, com vaſſallos ricos, e contentes, os theſouros Reaes bem providos, e tudo Era vulg. 1367

do

Era vulg.

do na figura de huma felecidade conſtante. Deſmentírão os ſucceſſos as bem fundadas eſperanças, porque a paz eſtimavel, e as riquezas para aquelle ſeculo portentoſas, cahírão nas mãos de hum genio, que comſigo meſmo diſputou os exceſſos da demaſia no affavel, e no prodigo, no reſoluto, e inconſiderado, na inconſtancia, e na deſgraça. Foi elle aviſado da morte de ſeu Pai, e veio a Eſtremoz para acompanhar o cadaver a Alcobaça, aonde ſe fez o acto da ſua inauguração com as ceremonias coſtumadas. O Rei moço, bizarro na preſença, agil nas acções, filho de hum Pai muito amado do Povo, entrou a receber cultos officioſos dos corações, que ſe promettião indeffectiveis as fortunas em tantas bellas qualidades.

A economia domeſtica lhe levou as primeiras attenções: Criando para ſeu Mordomo Mór a D. João Affonſo de Menezes, Conde de Barcellos: para Monteiro Mór a Gonçalo Annes: para Chanceller Mór a D. Nuno Rodrigues de Andrade, Meſtre da Ordem

de

de Chriſto: para Cevadeiro Mór a Gonçalo Eſteves: para Falcoeiro a Joaõ Gonçalves: para Guarda Mór a Affonſo Ribeiro: para Porteiro da Camara a Domingos Eſteves: para Eſcrivaõ da Puridade a Joaõ Gonçalves Teixeira: para Veador a Franciſco Eſteves, e outros Officiaes, que até entaõ recebiaõ dos Reis eſtes empregos ſem a propriedade, que tem hoje muitos delles. Depois abrio os ſeus theſouros, e mandou reparar as Praças, e Caſtellos, ſem poupar deſpezas, com tal força, actividade, e diligencia, como ſe tiveſſe eminente a mais vigoroſa guerra; provendo todos dos Alcaides, que entendeo capazes de os ſuſtentar com honra. Era vulg.

Creſceo nos Póvos a complacencia na ſem demora, com que mandou vender os votos do filho obediente ao Chéfe viſivel da Igreja, e com que cumprio exactamente o teſtamento de ſeu Pai. Continuando a moſtrar a extenſaõ do ſeu animo verdadeiramente Real, naõ ſó admittio no Reino honradamente a Diogo Lopes Pache-

co,

Era vulg. co, e lhe fez entrega de tudo, quanto o Rei D. Pedro mandára na hora da morte; mas ordenou, que aos herdeiros de Pedro Coelho, e de Alvaro Gonçalves Coutinho, todos matadores de D. Ignez de Castro, se lhes restituisse a honra, que antes tiveraõ as suas familias, e todos os bens, que haviaõ sido de seus pais.

Dadas estas disposições, que necessariamente se faziaõ acceitaveis para inclinar os animos ao seu author; D. Fernando seguio o exemplo dos seus Maiores na visita do Reino, que entaõ naõ incommodava as Povoações pelo trem moderado com que os Reis faziaõ as suas jornadas. Por toda a parte foi a sua liberalidade dispendendo varios generos de beneficencias, que seriaõ nas idades recommendaveis se o Rei as talhasse mais pelos moldes da prudencia, que pelas medidas do gosto.

Este o transportou para pôr ao lado com figura de mulher propria a D. Leonor Telles, que o era na realidade de Joaõ Lourenço da Cunha, Senhor

de

de Pombeiro. Aquelle homem, que passou a Castella, trazia pendente do chapeo a deviza da sua affronta em duas pontas, que diz Manoel de Faria eraõ cocar indigno para tremolar na alta fantasia de hum Fidalgo Portuguez. Della teve o Rei D. Fernando filhos, que morrêraõ meninos, a dous Infantes sem nome na Historia; e a Infante D. Brites, que nasceo em Coimbra no anno de 1372: foi sua herdeira, e casou a 14 de Maio de 1383 com D. Joaõ I. Rei de Castella, para trazer a Portugal huma innundaçaõ de embaraços, que corrêraõ diluvios de sangue, como veremos a seu tempo. Era vulg.

Sendo solteiro teve D. Fernando bastarda a D. Isabel, que nasceo em 1364, e casou com D. Affonso Henriques, Conde de Gijon, Senhor de Noronha, filho bastardo de Henrique II. de Castalla. Este Rei, que se estimulou da indifferença com que seu filho D. Affonso tratava a esposa, que elle lhe déra, o despojou dos seus Estados, e reduzio a tal extremidade, que

se

Era vulg. ſe queixou em Avinhaõ ao Papa Gregorio XI., e em Pariz a Carlos V. Rei de França. Nada aproveitáraõ ao Principe infeliz eſtes recurſos; porque Carlos VI. qne os concluio, pronunciou contra D. Affonſo huma ſentença taõ ſevera, que o tratou de rebelde ao ſeu Rei, e o mandou ſahir de França. Elle ſe retirou para a Rochella, aonde o veio encontrar ſua mulher, que com elle viveo a expenſas da generoſa Viſcondeça de Thouars, que lhes deo a Villa de Marans nas terras de Aunis.

Oito filhos ficáraõ deſte matrimonio de Affonſo, e Iſabel, que foraõ D. Pedro, D. Joaõ, D. Fernando, D. Sancho, D. Henrique, D. Nuno, D. Martinho Henriques, e D. Conſtança, todos com o appellido de Noronha. Alguns deſtes filhos do Conde de Gijon vieraõ a Heſpanha, aonde caſou o primogenito D. Pedro, que he tronco de caſas grandes, e depois de viuvo foi Arcebiſpo de Lisboa. D. Joaõ morreo no ſitio de Belaguer em Catalunha; D. Fernando foi Conde de Vil-

Villa Real, origem dos Marquezes deſte titulo, Duques de Caminha, dos Condes de Monſanto, e de Linhares; D. Sancho foi Conde de Mira; D. Henrique caſou com huma filha de D. Pedro Vaſques de Mello, Conde de Atalaia; D. Nuno foi marido de D. Mecia de Ribadaneira, e ambos pais de D. Joanna, que caſou com D. Joaõ Maſcarenhas, de quem deſcendiaõ os Marquezes de Montalvaõ; D. Martinho Henriques ſervio ao Rei de França Carlos VII.; D. Conſtança foi ſegunda mulher de D. Affonſo, primeiro Duque de Bragança, ſem filhos. Era vulg.

Foi D. Fernando o ultimo Rei varaõ legitimo do tronco do Conde D. Henrique, e tambem o ultimo dos noſſos Soberanos, que naſceo em Coimbra. As ſuas qualidades brilhantes ſaõ notadas pelas guerras imprudentes, que emprehendeo; pelas liberalidades profuſas, que exercitou; pela entrega total da vontade ás peſſoas, de que goſtou; mas antes da Hiſtoria ſe empregar na narraçaõ da

Era vulg. resulta destes defeitos, he necessario nella mesma fazer-se reflexaõ sobre as causas.

1368 No fim do Reinado precedente deixei eu ao Rei D. Pedro o Cruel de Castella em Bayona de Inglaterra, sollicitando do Principe de Galles D. Duarte soccorros para o restabelecimento no Reino usurpado por seu irmaõ bastardo D. Henrique, Conde de Trastamara. Aquelle Principe bellicoso, que he hum dos ornatos magnificos da Historia do seu tempo, e junto a seu Pai tinha a alta estimaçaõ, que mereciaõ as suas virtudes sublimes: Elle o fez conceber por hum dos empenhos mais honrosos a protecçaõ favoravel ao perseguido D. Pedro, até o fazer remontar o seu Throno. Com exercito numeroso, a que a presença do Principe, todo espiritos, communicava muitas almas, marcháraõ elle, e o Rei pelos terrenos de Navarra, e entráraõ por Castella. Os successos desta expediçaõ, como pertencentes á Historia daquella Monarquia, nós lhe naõ daremos mais exten-

tensaõ, que a necessaria para os prendermos no fio da nossa. Era vulg.

Atacáraõ-se os dous exercitos nos campos de Naxera; mas como o Principe de Galles trazia a fortuna ao seu soldo, e com a mesma que o acompanhava em França, veio a Hespanha: sem embargo do valor desmedido das trópas de D. Henrique, e das gentilezas, que obrou pelo seu braço, elle foi derrotado, o Marischal de Guesclin prisioneiro, muitos os mórtos, e feridos. Succedeo esta batalha a 6 de Abril no anno antecedente de 1367, D. Henrique depois de tudo perdido, tornou a buscar o refugio de França para dever ao seu Rei segundo amparo contra D. Pedro, que desenfreou a crueldade com a victoria, quando a devia fazer hum estimulo da brandura. Os Fidalgos, que lhe cahíraõ nas mãos, mandou sem piedade degollalos, e para executar o mesmo nos prisioneiros dos Inglezes, instou com o Principe ordenasse, que lhos entregassem por baixo resgate, com o pretexto de que em seu poder os tinha mais segu-

Era vulg. guros. O Principe generoſo, que entaõ acabou de lhe conhecer os fundos do animo, lhe reſpondeo com os modos graves, que lhe inſpirava a clemencia: Agora que vos vejo vencedor, vos contemplo chegado á conjuntura de perder o Reino; como naõ attrahis corações, naõ podeis ſer Soberano; ſe zombais da vida dos homens, nem eu, nem o Rei meu Pai poderemos ajudar-vos.

De nada aproveitou eſta advertencia pathetica de tal Protector em conjuntura taõ critica. O Principe, que com o Rei eſtava em Burgos, lhe requereo o cumprimento do Tratado na paga dos ſoldos, na entrega de Biſcaia, e outras terras, que promettera a Inglaterra pelo ſeu reſtabelecimento. Servindo-ſe deſte motivo, com apparencias, de que para cumprir tudo lhe era neceſſario ir a Toledo, e Carmona, deixa ao Principe em Burgos para a tudo lhe faltar. Ás terras de Biſcaia mandou ordens apertadas, para que aos Commiſſarios Inglezes nada ſe entregaſſe; e naõ poden-

dendo conter-ſe no exercicio da tyrannia, elle meſmo andou huma noite por Carmona com as ſuas patrulhas, recreando-ſe de paſſar á eſpada todas as peſſoas, que entendia faccionarias de *D.* Henrique. Era vulg.

Com o meſmo ſemblante paſſou a Sevilha, levando na ſua vã-guarda o terror, que eſpantava todas as claſſes de vaſſallos. Daqui enviou a Portugal o ſeu Chanceller Mór para ratificar as pazes com o Rei D. Fernando. O Principe de Galles, eſcandaliſado de hum proceder taõ eſtranho a toda a conſideraçaõ, naõ querendo perder em Caſtella mais tempo, e gente, que ſe lhe diminuia com as moleſtias da Eſtaçaõ, ſem vêr, nem ſe deſpedir do infeliz D. Pedro, ſe fez na volta de Guiena; levando por fructo da jornada o arrependimento. D. Henrique, que eſperava em França o meſmo, que vio ſucceder, e Caſtella deſaſombrada da corage do Principe Inglez; em Setembro de 1367 com o ſoccorro dos Francezes veio dar ás ſuas pretenções, e aos ſeus ami-

Era vulg. amigos huma alma nova. Por varias partes de Caſtella andou elle ganhando terras, e vontades, até ſe apreſentar ſobre Toledo, que atemoriſada da crueldade de D. Pedro, naõ ſe atreveo a recebello como deſejava.

Soffreo Toledo hum ſitio de dez mezes com conſtancia heroica, e reſiſtencia incrivel a huma fome extrema. Determinou D. Pedro ſoccorrella a todo o riſco, e com o ſeu exercito chegou ao Caſtello de Montiel. D. Henrique quiz fiar a ſua fortuna de huma ſorpreza, e antes que ſeu irmaõ o preveniſſe, marchou a toda a diligencia para o atacar na madrugada. Os primeiros inveſtidos, e derrotados foraõ os Mouros auxiliares, logo as trópas do Rei, que temeroſo de perder a liberdade, ou a vida no alcance, ſe recolheo no Caſtello de Montiel. Diz o Padre Fr. Manoel dos Santos no *VIII. Tomo da Monarquia Luſitana* com huma politica, que derrota na verdade a alma da Hiſtoria, que no Caſtello de Montiel fora o Rei D. Pedro morto por engano. Só elle

le pensou este acaso, que foi revestido de todas as circunstancias premeditadas, que eu vou a referir. Era vulg.

Afflicto D. Pedro por se ver cercado, sem esperança alguma de soccorro, nem de refugio, negociou com o Mariscal de Guesclin a sua liberdade por meio de consideraveis promessas. Guesclin fez a D. Henrique sabedor da negociaçaõ, e se convencionáraõ com o segredo, que foi só para elles. O certo he, que D. Pedro veio á tenda do Mariscal com a segurança de quem fiava a Pessoa da sua fé: que estando nella desarmado, com o acaso prevenido chegou D. Henrique, e que travando-se de razões, passáraõ ás mãos. D. Pedro, que era muito forçoso, levou a Henrique debaixo. Dizem os Chronistas Castelhanos, que Guesclin neste passo, dizendo: Naõ tiro Rei, nem ponho Rei, mas ajudo a meu Senhor: mudou a postura dos combates, e pôz com vantagem a D. Henrique. Outros querem, que esta manobra fosse feita por Fernaõ Sanches de Toar. D. Hen-

Era vulg. rique , vendo-se com superiodade,
1369 por engano, tirou de hum punhal, e
sem lhe fazer horror o sagrado da Ma-
gestade abatida , matou a punhalladas
o irmaõ Rei , de quem nasceo vas-
sallo.

Desta maneira , na idade de 34
annos , acabou a sua vida o Rei D.
Pedro ás mãos de hum fratricida : Ca-
tastrophe , que encheo de horror aos
Principes desinteressados da Europa ,
especialmente os das Hespanhas , que
logo se alliárao para vingar o sangue
Real , naõ ficando de fora o Rei Mou-
ro de Granada , amigo de D. Pedro.
Que a ambiçaõ teve huma grande par-
te neste zelo , os effeitos o mostrárao ;
e o titulo de usurpador em D. Hen-
rique era hum pretexto bem especio-
so para muitas usurpações. Os Reis
de Navarra , Aragaõ , e Granada naõ
perdêraõ tempo em se lançar sobre as
Praças , que podiaõ fazer mais respei-
taveis as suas fronteiras , e este era o
unico direito da conquista. O Duque
de Lancastro , filho de Duarte de In-
glaterra , que casou com D. Constan-
ça ,

ça, a mais velha dos filhos do Rei D. Pedro havidos em varias mulheres, pelo mesmo tom com que exagerava a dor da morte injusta de seu sogro, persuadia a infallibilidade do seu direito ao Throno vago. Portugal, como mais visinho, meditava a conjuntura favoravel aos seus interesses, e sem medida talhou huma vasta extensaõ de idéas, que perdêraõ o proprio pelo desejo de haver o alheio, como eu passo a mostrar no Capitulo seguinte. Era vulg.

CAPITULO II.

O Rei D. Fernandp se empenha em huma guerra funesta com o fim de conquistar o Reino de Castella.

COM semelhanças do grande Alexandre de Macedonia, o nosso Rei D. Fernando principiou a guerra contra Castella, dando tudo, e reservando para si a esperança. Elle repartia tanto por cada Castelhano descontente

Era vulg.

te de D. Henrique, que vinha offerecer-ſe ao ſeu ſerviço, que ſe deſtribuiſſe a ametade por meia duzia de Portuguezes, veria ſeis baluartes de firmeza na face do inimigo. Eſqueceoſe D. Fernando, de que ſeu Pai o Rei D. Pedro, tio do cruel de Caſtella,, reconhecêra a D. Henrique, e com elle celebrára hum Tratado de paz, e alliança. Agora D. Fernando o injuriava com os epithetos de uſurpador, fratricida, traidor, intruſo, e abrio a porta aos deſcontentes, que lhe roubáraõ a caſa propria com a induſtria das eſperanças, que lhe fizeraõ conceber do dominio de hum novo Reino. Elle deo quinze Villas a D. Fernando de Caſtro Xerés, cunhado do Rei Henrique: nove Villas, o Condado de Arraiolos, e o emprego de Condeſtavel a D. Alvaro Peres, irmaõ do dito D. Fernando: dezaſeis Villas a D. Fernando Affonſo de Samora: cinco Villas a D. Mendo Rodrigues de Seabra: ſete Villas a D. Gonçalo Martins de Caceres: duas Villas a D. Affonſo Gonçalves: ſeis

villas, que repartiraõ entre ſi D. Joaõ Era vulg. Fernandes de Andeiro, e D. Affonſo de Baeza: quatro villas a Vaſco Peres de Camões, progenitor do grande Poeta deſte apellido: ſeis villas para amigavelmente poſſuirem D. Pedro Affonſo Giron, e D. Affonſo Peres: duas Villas a D. Lopo Gomes, e outras duas a D. Affonſo Lopes: tres villas repartidas por D. Lopo Rodrigues, por Gonçalo de Agujar, por D. Affonſo Moxica, e por D. Paio Rodrigues: duas Villas a D. Rodrigo de Villegas: ſete Villas a D. Affonſo de La-Cerda, além de innumeraveis gratificações pecuniarias, com que ficou Portugal em poder dos Caſtelhanos antes de fazer a guerra a Caſtella.

Eſtes grandes homens, que ſe viraõ taõ remunerados ſem mais merecimento, que a liberalidade natural de D. Fernando, nenhuma dúvida tiveraõ em preferir o ſerviço, e reſidencia de Portugal ao amor, e commodidades da propria Patria, que naõ era de mãos taõ rotas. Seguiraõ o ſeu ex-

Era vulg. exemplo muitas Cidades, e Villas de Caſtella, que reconhecendo no meſmo Rei a legitimidade do ſangue do ſeu Santo D. Fernando, lhe eſcrevêraõ ſubmettendo-ſe ao ſeu dominio, e pedindo as defendeſſe como Senhor da tyrannia de hum intruſo. Galliza, e as terras de Leaõ foraõ as mais empenhadas nos rógos, que encontráraõ a acceitaçaõ taõ facil, como os ſeus paizanos achavaõ a liberalidade franca. A eſtas offertas do Reino, e das peſſoas ſabia a politica de D. Fernando occultar as intenções com a indifferença, dizendo: Que Rei de Caſtella foſſe quem Deos quizeſſe; que elle naõ pretendia mais, que fazer os ultimos esforços em vingança da morte de ſeu primo o Rei D. Pedro.

Reſoluto D. Fernando a romper, mandou-ſe juſtificar, e expôr ao Papa, e Principes da Europa o direito, que tinha á Coroa de Heſpanha uſurpada por hum baſtardo. Ajuſtou paz por cincoenta annos com o Rei de Granada, que naõ a obſervou, compondo-ſe pouco depois com D. Henri-

rique. O Rei de Aragaõ mandou Embaixadores a Portugal com o meſmo fim, e ajuſtáraõ a diviſaõ de Caſtella em forma, que ao Rei de Aragaõ ficaria o Reino de Murcia, o ſenhorio de Molina, e outras Praças: a D. Fernando o reſtante de Caſtella, e Leaõ com titulo de Reino, unido á Coroa de Portugal: que eſta pagaria a Aragaõ por tres annos 3500 lanças para a guerra: que a Infante D. Brites, irmã do Rei D. Fernando, caſaria com o Duque de Girona, Principe herdeiro de Aragaõ. Com eſtas diſpoſições ſe declarou a guerra, que o Rei principiou no mez de Junho com o rendimento de Tuy, Compoſtella, e Corunha, que nos fez agora preſente do ſeu natural Joaõ Fernandes Andeiro, depois Conde de Ourem, e elle entre nós a grande figura, que tem de fazer repreſentações varias no noſſo theatro até conſummar o ultimo auto da Tragedia. Era vulg.

A noticia das marchas forçadas com que D. Henrique vinha acodir a Galliza, naõ deixou mais acordo ao

Rei

Era vulg. Rei (que paſſou áquelle Reino mais em tom de triunfante, que de guerreiro) que o neceſſario para ſe embarcar em huma das ſuas Galés, e recolher-ſe ao Porto, deixando reforçada a guarniçaõ da Corunha. D. Henrique, que com as ſuas altas qualidades adquirio a anthonomaſia de Magnifico, naõ lhe fazendo eſpecie os outros inimigos, quiz moſtrar o ſeu reſentimento a Portugal, atacando as Praças, que ſeguíraõ a ſua voz, e eſcolheo a de Samora para deſcarregar nella os primeiros golpes. O ſeu esforço encontrou a reſiſtencia dura; e ou foſſe por naõ arriſcar a reputaçaõ, e as forças, ou por acodir á invaſaõ de Galliza; elle levantou o ſitio, e reſolveo-ſe a decidir comnoſco a ſua fortuna em huma batalha. Como D. Fernando ſe havia retirado, foi facil a D. Henrique ſocegar a perturbaçaõ de Galliza; entrar por Portugal devaſtando a Provincia do Minho, e ſitiar a Cidade de Braga, ſem os Portuguezes apparecerem na campanha, nem ſe opôr aos ſeus deſignios.

Con-

Conta o noſſo Agiologio, que neſta occaſiaõ as almas de D. Affonſo Sanches, e de D. Thereſa Martins, Fundadores do Convento de Santa Clara de Villa de Conde, falláraõ dos ſepulchros dos ſeus córpos á Prelada, advertindo-a ſe retiraſſe com as ſuas Freiras para o Porto; porque na manhã ſeguinte os Caſtelhanos ſaqueariaõ a Villa, naõ ſuccedeſſe profanar-lhes o ſacrario da pureza. Rendeo-ſe Braga por falta de ſoccorro; e D. Fernando, com a meſma facilidade com que rompeo a guerra, offereceo agora a paz ao Mariſcal de Gueſclin por meio de hum Mercador eſtrangeiro, que o conhecia. Foi elle bem recebido do Rei, que o mandou com o meſmo Mariſcal tratar os ajuſtes, que ſe naõ effeituáraõ, com o Conde de Barcellos. Quando D. Henrique acabava de render Bragança, e outros Lugares na Provincia de Tras-os-Montes, foi aviſado da perda, e deſtruiçaõ da importante Praça de Algezira pelo Rei de Granada, que ſe ſervia da ſua auſencia para avançar conſideraveis as conquiſtas.

Era vulg. 1371

Eſ-

Era vulg. 1370 Esta noticia desconcertou as medidas de D. Henrique, que houve de abandonar a empreza de Portugal para resistir á diversaõ de Granada. O movimento naõ esperado desta retirada fez lembrar ao Rei D. Fernando, que as armas de Castella naõ consentiaõ divisaõ, e por isso devia elle continuar a guerra com vigor na fronteira, e fazer declarar a D. Pedro de Aragaõ pela sua. Para o primeiro designio augmentou o número dos Officiaes, e das trópas; pedio soccorros a Inglaterra, que lhe foraõ mandados com o Conde de Cambrix por Commandante, mais a destruir, que a ser proveitosos a Portugal; e apresstou huma grossa armada de 30 náos, e 32 galés para atacar as costas de Andaluzia.

Para o segundo projecto mandou a Aragaõ os Bispos D. Martinho de Evora, D. Joaõ de Sylves, Fr. Martinho, Abbade de Alcobaça, e o Conde de Barcellos D. Joaõ Telo de Menezes com huma esquadra de galés, e presentes, que tudo respirava grandeza,

za, e magnificencia, para ajuſtarem o casamento com a Infante D. Leonor, e a conduzirem a Portugal. Foi eſte o primeiro malogrado caſamento de D. Fernando, que juſto, e celebrado com todo o prazer do Rei D. Pedro, Pai da Infante, ſuppoſta a diſpenſa, que para elle havia conceder o Papa; ſem ſe encher eſta condiçaõ, naõ conveio o Aragonez na partida de ſua filha para Portugal, que ancioſamente a deſejava. Era vulg.

Accendeo-ſe a guerra por todas as noſſas Provincias para deſaggravarem com muitos golpes a hum tempo, os que deixáraõ de dar os braços ocioſos na campanha paſſada. Pela do Alem-Téjo entráraõ os Infantes D. Joaõ, e D. Diniz, que arrazáraõ todas as obras exteriores de Badajoz. Pela meſma parte penetrou a terra com 500 homens o bravo Gil Fernandes, fazendo huma preza taõ conſideravel, que occupava huma legoa de terreno. Para disfarçar o ſeu pouco poder, e ſalvar a preza ſem o perigo de o virem reconhecer, fingio-ſe, e ſe fez tratar pelo Infante

D.

Era vulg. D. Joaõ, eſpalhando a voz das grandes forças, que o ſeguiaõ. Eſtratagema, que conteve os Caſtelhanos, e que lhe ſervia para introduzir no Reino toda a preza ſem algum ſuſto. Os Senhores da Familia de Caſtro em Galliza ſuſtentavaõ as noſſas Praças naquelle Reino, e naõ davaõ deſcanço ás armas dos inimigos. Pela Beira comprio os ſeus deveres o Fronteiro Lourenço Gomes do Avelar com as conquiſtas de Cerralvo, S. Felices, e Inojoſa.

No rio de Sevilha entrou a noſſa armada das galés, aonde eſteve muito tempo ſurta ſem acçaõ. Determinou o Rei de Caſtella ſurprendella pela fome, que já principiava a ſentir, e mandou ao ſeu Almirante D. Ambroſio Bocca-Negra com huma groſſa eſquadra a impedir-lhe a ſahida para render a noſſa ſem peleija. Nós nos viamos em eſtado de naõ poder combater, nem ſubſiſtir, e esforçamos as induſtrias para nos ſalvar. Como a eſquadra inimiga formava huma linha, que tomava toda a bocca do rio, eſperámos hu-

hũma noite eſcura: poſtámos as galés em ala com a proa de cada huma ſobre a popa da outra: a chuſma com os remos promptos a eſperar o ſinal para a voga: accendemos o fogo em dous navios carregados de azeite, alcatraõ, e outras materias combuſtiveis: deitamollos ao tom da corrente rápida, que deſcia, e foraõ as galés em voga ſurda, ſeguindo-os no movimento: hiaõ elles cahindo ſobre a armada Caſtelhana, que temeroſa do perigo, abrio pelo centro para dar paſſo aos brulotes, que já eraõ dous incendios. Entaõ os noſſos, apertando os punhos, a toda a força da voga arrancada, em pouco eſpaço ſahíraõ pela abertura ao mar, e ſe pozeraõ em ſalvo. Era vulg.

Dous ſitios deſta campanha foraõ as acções mais glorioſas de toda ella. Sobre Cidade Rodrigo veio o Rei de Caſtella em peſſoa com exercito poderoſo, publicando que eſta empreza era digna do ſeu caracter. Em dous mezes de ataque vigoroſo achou ſempre taõ prompta a reſiſtencia, que

por

Era vulg. por naõ arriſcar as forças, aonde amolgava a opiniaõ, teve de levantar o ſitio, ſervindo-lhe as incommodidades do Inverno de pretexto para esfriar no conceito dos homens o ardor da noſſa corage. Moſtráraõ os ſucceſſos, que naõ os acaſos, mas o esforço ſuſtentou Cidade Rodrigo na noſſa obediencia até ao Tratado da paz, em que por convençaõ a cedemos. A retirada do Caſtelhano deſconcertou as medidas do Rei D. Fernando, que ſe fazia preſtes para o inveſtir no campo. Por naõ eſtarem ocioſas as armas, que tinha juntas, dividio o exercito em tres corpos para entrar em Caſtella por partes differentes. Os eſtragos foraõ inſeparaveis deſtas invasões; mas dellas naõ ſe recolhêraõ outros intereſſes, que derramar o terror nas terras, que ſeguiaõ a voz de D. Henrique.

Sua mulher a Rainha D. Joana foi a authora do ſegundo ſitio; e emula da gloria do marido, a quiz adquirir na conquiſta de Carmona, que depois de lhe dar a eſtimaçaõ de Heroina,

na, ella julgava o meio mais efficaz para o reſtabelecimento dos negocios do Reino. Na téſta das ſuas trópas, a que dobrava os alentos a façanhoſa preſença mulheril, mandava ella obſervar tantas formalidades militares, e avançar combates taõ vigoroſos, que naõ ſe podiaõ conceber o vigor, e a dexteridade. Mas era Commandante deſta Praça por Portugal o bravo D. Martim Lopes, Graõ-Meſtre da Ordem de Calatrava, chamado por outros D. Affonſo Lopes de Texeda, que na formoſura da defenſa obrou gentilezas taõ cheias de heroicidade, que a todas as memorias fizeraõ o ſeu nome reſpeitavel. Naõ entendeo a vaidade da Rainha, que reſiſtencia ſemelhante ſe atreveſſe á ſua face, ſenaõ macillenta pelo medo, já vermelha pela colera, que lhe accendia a confiança. Ella propoem a D. Martinho, que ſe renda, antes que o furor das armas o obriguem a hum arrependimento a que ſerá inexoravel a clemencia. O Heróe, que ſabia dar lugar á civilidade na maior fortaleza do ar- Era vulg.

dor,

Era vulg. dor, lhe refpondeo: Que o refpeito, naõ os fuftos, lhe movia os defejos de obfervar as fuas ordens; mas que hum embaraço taõ confideravel, como era a honra da fidelidade promettida ao Rei de Portugal, que elle reconhecia legitimo de Caftella, lhe prendia o paffo para o dar em outro ferviço, que naõ foffe o daquelle Principe: Que lhe concedeffe tempo para o avifar das fuas pretenções, na certeza, de que naõ faltaria á execuçaõ das determinações, que recebeffe.

Condefcendeo a Rainha com a propofta de D. Martinho, pedindo dous de feus filhos em refens, que o General politico naõ duvidou entregar á delicadeza da fé de huma Princeza, que fe intitulava Rainha. Immediatamente defpachou avifos a D. Fernando do eftado de Carmona; da refoluçaõ das trópas em a defender até a ultima extremidade; mas que era neceffario Sua Alteza naõ lhe demorar os foccorros, que fem elles, a conftancia da fitiante renderia inuteis os esforços dos fitiados. D. Fernando, que

que tinha o exercito prompto, e devia marchar ſem demora a huma acçaõ taõ importante, gaſtou o tempo em conſelhos ſem deliberaçaõ; contentando-ſe de mandar reforçar a Praça com 70 homens. Se elle quiz aſſim perſuadir aos inimigos, que os deſprezava, a ſua facilidade o enganou, e de nada lhe valeo a conſtancia paſmoſa com que a politica de D. Martinho preſumio remediar a mal advertida do Rei D. Fernando. Era vulg.

A Rainha, impaciente, por concluir huma empreza, que olhava como obra toda ſua, apenas eſpirou o prazo concedido a D. Martinho lhe requereo a entrega de Carmona. O bravo Heróe, que media pela ſua intrepidez a de toda a guarniçaõ; que tinha firmado na idéa deixar ao mundo hum exemplo immortal de fidelidade, reſpondeo á Rainha, que elle já mais concebêra penſamentos de ſe render, ſempre reſoluto em ſuſtentar huma defenſa com ſuperioridade infinita ao valor, com que foſſe atacado. A fereza deſta reſpoſta foi hum eſtrago da mo-

Era vulg. moderaçaõ da Rainha, que ſem outras lembranças, ſenaõ as deſte aggravo, o concebeo em tal tom de injurioſo, que lhe arraſtou o animo inteiro para a vingança a qualquer cuſto. Ella manda conduzir á viſta de D. Martinho os dous filhos, que elle lhe mandára em refens, bem longe de imaginar, que huma mulher havia ſer authora da atrocidade, que vou a referir. Ella o faz notificar, que eleja, ou a entrega de Carmona, ou ſer teſtemunha da morte, que a punhaladas manda dar na ſua face aos dous pedaços tenros da ſua natureza. Fluctuaõ em D. Martinho a fidelidade ao Rei, e o amor dos filhos; a reputaçaõ, e o ſangue; quanto ha de mais nobre, e mais ſenſivel. Com poucos intervallos de indeciſaõ prevalece o generoſo ao delicado; e diz D. Martinho lhe degolem ſeus filhos, que elle eſtá prompto para ver a execuçaõ com a indifferença de huma montanha.

Eſta reſiſtencia mais ſublime, que a de quantas defenſas ha heroicas, ſe havia aballar o peito de D. Joana para

ra se render piedosa; ella a enfureceo para se conduzir atroz; ordenando, que entre a Praça, e o exercito os dous innocentes Fidalgos fossem despedaçados. Morte deshumana, que tisna a gloria de huma Princeza com mancha inapagavel: Morte barbara, que estimula os espiritos de hum pai para vender cada pedra dos muros de Carmona pelo preço de muitas vidas. He horror quanto daqui em diante obrárão a cólera, e a desesperação, a corage, e o furor. Mas o Heróe, que da sensibilidade da dor não apartava a observancia das maximas da prudencia. Vendo Carmona em estado de não poder mais defender-se, para poupar vidas importantes de homens, que não erão seus filhos por natureza, ainda que até então o fossem da disciplina, elle capitula, e se entrega. Era vulg.

Já nestes tempos parece que tinha sequito no mundo a maxima perniciosa, e abominavel, que ensina: Como os juramentos não tem nada de bom, senão em quanto servem de

Era vulg. meio para enganar os homens. Juráraõ os Reis de Castella, e promettêraõ a D. Martinho Lopes, que elle, e a sua guarniçaõ sahissem de Carmona para onde quizessem, salvas as vidas, e as fazendas. A execuçaõ desmentio a promessa, e o juramento; menos estimaveis aos Reis, que a perda da liberdade de D. Martinho, e que a posse dos muitos dinheiros, que se guardavaõ em Carmona, como lugar de segurança. Tudo foi apprehendido, D. Martinho preso, porque o Rei D. Fernando assim o quiz; e como a authoridade, e reputaçaõ deste grande homem faziaõ aos Reis huma sombra, que lhes naõ era toleravel; D. Henrique, raras vezes exacto, e sempre politico, naõ escrupulisou com o juramento, e promessa para mandar tirar no carcere a vida a D. Martinho Lopes.

Entendeo D. Fernando, que como elle naõ teve a gloria de dar a D. Henrique a batalha para que o desafiou, quando esteve sobre Cidade Rodrigo, que ficára dispensado para soccor-

correr Carmona, aonde os eccos desta reputaçaõ imaginaria bastaria para derrotar as ideas dos inimigos. Agora que os successos mostráraõ o erro dos discursos, para soldar a québra da inacçaõ, mandou ao Almirante Lançarote Peçanha com a esquadra Portugueza atacar a Castelhana; mas como esta tinha ordem para se desviar do combate, reduzio-se a expediçaõ a fazer varios desembarques sem fructo na cósta de Cadiz, e voltar a armada para os portos donde sahíra. Era vulg.

O clamor desta guerra ferio os ouvidos do Papa Gregorio XI. que temia se approveitassem della os Mouros de Africa, para, amparados á sombra do Rei de Granada, entrarem no projecto da reconquista de Hespanha. Receio taõ bem fundado o obrigou a empenhar em officios promptos, e efficazes os principaes Prelados de Castella, e Portugal para disporem os animos dos seus Principes a ajustes razoaveis, que elle mandaria concluir pelo Cardeal Agapeto Colona, já nomeado para vir aos dous Reinos

in-

Era vulg. indicar as ſuas boas intenções, de que logo veremos os effeitos.

CAPITULO III.

Ajuſta-ſe a paz com Caſtella, e ſegundo caſamento para D. Fernando com a ſua Infante D. Leonor a deſprazer da Leonor de Aragaõ, e ſe trataõ outros acontecimentos.

1371 A CHEGADA dos Legados Pontificios á Heſpanha fez mudar o ſemblante a tantos ſucceſſos triſtes: Faceis em admittirem as propoſtas de paz, D. Henrique pela neceſſidade, que della tinha para ſe ſuſtentar no Throno, e domar a ferocidade de vaſſallos teimoſos; D. Fernando pela volubilidade natural, que lhe fazia difficultoſa a permanencia. D. Henrique nomeou Plenipotenciario a D. Affonſo Peres de Guſmaõ, Alcaide Mór de Sevilha, e D. Fernando ao Conde de Barcellos D. Joaõ Affonſo de Menezes, que já ſe havia recolhido de Aragaõ a Portugal ſem a Infante D. Leonor,

nor, que fora conduzir. Deſtinou-ſe a Villa de Alcoutim no Algarve, fronteira a S. Lucar do Guadiana, para lugar das conferencias, que principiáraõ em Dezembro do anno paſſado de 1370. Reduziraõ-ſe eſtes ajuſtes á mutua entrega das Praças conquiſtadas: á liberdade plena dos Caſtelhanos, que quizeſſem ficar em Portugal, e os Portuguezes em Caſtella: á promeſſa de caſamento de D. Fernando com a Infante D. Leonor, filha do Rei D. Henrique com os dotes arbitrados, que ſe eſcuſaõ nomear como circunſtancias de hum matrimonio, que naõ ſe chegou a concluir. Era vulg.

O Rei de Aragaõ, que naõ foi incluido neſte Tratado, ſe queixou altamente de D. Fernando, aſſim pela paz com Caſtella, como pelo ajuſte do caſamento com a ſua Infante, ſem attençaõ aos eſponſaes antes contraidos com ſua filha. A difficuldade de impedir huma, e outra negociaçaõ, eſtimulou os deſejos de algum reſentimento, que honeſtamente ſe pudeſſe pretextar. Os primeiros impul-

Era vulg. pulſos foraõ de prender os Embaixadores, que na ſua Corte deixára o Conde de Barcellos, eſperando a diſpenſa do Papa; mas como appoderarſe de 2151 marcos de ouro, que o Rei de Portugal tinha promptos em Barcelona para as deſpezas do caſamento, era lance mais conveniente: Publicando os muitos gaſtos, que D. Fernando o obrigára a fazer, e que de alguma ſorte os havia reſarcir, eſta perſuaſaõ córou o pouco eſcrupulo de ſe utiliſar do alheio.

Como tanta profuſaõ, mercês, e gratificaçoẽs, que o Rei fez na occaſiaõ deſta guerra inconſiderada, diminuíraõ huma grande parte das Rendas Reaes; elle ſe quiz compenſar augmentando o valor dos generos: Idéa fatal aos Eſtados, que ſobre provocar a murmuraçaõ, a impaciencia dos Póvos; obriga os Eſtrangeiros a que levem no cambio dos contratos o dinheiro corrente em lugar das eſpecies do Paiz, que no avance dos preços lhes derrotaõ o Commercio. Clamou o Reino com a careſtia dos viveres,

com

com o augmento do valor da moeda, e os Eccleſiaſticos, que pelas Leis precedentes eſtavaõ impedidos para poſſuirem bens de raiz, e as contravinhaõ por meio das Doações, que eu deixo dito: Agora acompanháraõ o Povo no deſprazer, quando víraõ, que o Rei lhes atalhava o paſſo com a obrigaçaõ impoſta aos Taballiães de naõ fazerem as Cartas de Doaçaõ; e que para os Eccleſiaſticos, que dalli em diante compraſſem com licença ſua, ou dos Reis futuros, houveſſe hum livro de Chancellaria, em que ſe reſiſtaſſem as licenças; que á celebraçaõ da venda aſſiſtiſſem o Almoxarife Real, e o Eſcrivaõ da terra para impedirem, que o valor da compra naõ excedeſſe a quantia concedida na licença. Eſta providencia foi derrogada pelo Rei D. Affonſo V. que concedeo faculdade aos córpos de Maõ morta para poſſuirem bens de raiz com as formalidades, e reſtricções, que ſe contem nas ſuas Leis. Era vulg.

Já tinhaõ eſpirado os cinco mezes taixados na paz de Alcoutim para

Era vulg. 1372

o Rei celebrar o ſeu caſamento com a Infante D. Leonor de Caſtella : Alliança, que entranhavelmente deſejavaõ ambos os Reinos, como meio de fazerem firme a concordia. D. Fernando, porém, com a meſma facilidade que teve em lançar dos ſeus intereſſes a D. Pedro de Aragaõ, com a meſma muda de ſentimentos, e arroja delles a D. Henrique de Caſtella. Havia na ſua Corte outra Leonor, nome para eſte Rei terrivel, por naſcimento ſua vaſſalla; mas com dotes da natureza, que lhe deraõ a preferencia no concurſo com duas Infantes, filhas dos maiores Soberanos de Heſpanha. Era Dama da Infante D. Brites, irmã do Rei, D. Maria Telles de Menezes, viuva de Alvaro Dias de Souſa, e filha de Martim Affonſo Tello de Menezes. Ella tinha outra irmã caſada na Beira com Joaõ Lourenço da Cunha, chamada D. Leonor Telles, que veio viſitar D. Maria ao Paço, aonde ficou hoſpeda, e entrou Cometa, que arraſtou, e eſcureceo o primeiro Aſtro. D. Fernando a vio, e perdeo-ſe : chegou

gou o tempo della voltar para ſeu marido, o amor a prende, o poder lhe detem o paſſo. Era vulg.

Declarou-ſe o Rei com D. Maria, e logo lhe perſuadio, que o ſeu ardor naõ era lavareda de amante; mas intençaõ de eſpoſo: que como tal fazia a D. Leonor a fineza de abandonar a Infante de Heſpanha para ella ſó ter lugar no thalamo, e no Throno: que o ſeu matrimonio com Joaõ Lourenço eſtava nullo por ſerem parentes naõ diſpenſados: que elle tomava á ſua conta romper todos os laços, tirar todos os tropeços, que a elle lhe podiaõ impedir ó goſto, a D. Leonor a fortuna. Soube D. Maria fingir lances de honra, affectar difficuldades no eſcandalo, propôr receios dos vaſſallos; mas de tudo cedeo facilmente; que promeſſas de huma Coroa ſaõ taõ atractivas, que mal lhe podia reſiſtir hum peito fragil, quando ellas fazem baquear os mais conſtantes. Ver huma irmã vaſſalla Rainha de golpe era bataria, que naõ havia deixar de abrir brecha. D. Leonor ſe rendeo ao primei-

Era vulg. meiro tiro, e já ſem lembrança de Joaõ Lourenço da Cunha, entra a eſtimar-ſe mulher do Rei D. Fernando de Portugal.

Para ſe effeituar o caſamento, era neceſſario que Roma declaraſſe a nullidade do primeiro, como fez pela proximidade do parenteſco, que naõ tinha ſido diſpenſado. Eſta acçaõ em ſi meſma odioſa, cauſou no Reino infelicidades, nos Póvos revoluções, eſpecialmente no de Lisboa, que ſe ſublevou contra o Rei, e tomou as armas. Elle pôz na ſua teſta a Fernaõ Vaſques, hum homem da plebe deſembaraçado, e fallador, para repreſentar por todos o eſcandalo, que recebiaõ em huma deſordem digna de ſe atalhar a todo o cuſto. Nas advertencias que elle fez ao Rei, mas com as armas na maõ, lhe rogou olhaſſe mais pela ſua reputaçaõ, que pelo ſeu amor; mais pelo intereſſe dos ſeus vaſſallos, que pela paixaõ a huma mulher alheia, que elle naõ podia fazer propria, nem os ſeus vaſſallos haviaõ conſentir. A politica do Rei negou to-

toda a verdade das ſuas intenções, e para ſocegar a inquietaçaõ, ordenou ao Povo, que na manhã ſeguinte ſe achaſſe na Igreja de S. Domingos, aonde elle ſem reſerva lhe declararia tudo em peſſoa. Acreditou Fernaõ Vaſques a palavra Real, como devera, e fez que todos ſe recolheſſem para no outro dia ouvirem no lugar deſtinado a reſoluçaõ do Rei. Era vulg.

Elle ſe aproveitou da noite para ſe retirar com D. Leonor, paſſarem a Santarem, dahi á Provincia do Minho, aonde a recebeo por mulher no Moſteiro de Leça. Daqui emanáraõ pelo Reino ordens bem eſtranhas á eſperança da credulidade do Povo de Lisboa, que vio convertidas em ameaças as primeiras doçuras; as promeſſas benignas em execuções rigoroſas. Julgou o Rei delinquentes a todos os que ſe opunhaõ ao ſeu goſto, ou notavaõ de ligeira a ſua reſoluçaõ. Entaõ o zelo, o amor, a fidelidade ſentíraõ as penas de inconfidentes na confiſcaçaõ dos bens, nas mãos, e pés cortados, como entaõ ſe uſava, e ſe

fez

Era vulg. fez o uſo mais vulgar por hum crime novo. Eſtas execuções rigoroſas, que tinhaõ origem em hum amor tenro, aſſombráraõ os mais intrépidos, igualmente ſenſiveis ao ſeu terror, e á magoa de verem andar o ſeu Rei pelo Reino, de terra em terra, moſtrando ao lado como Rainha a ſenhora, que elles ſó reconheciaõ mulher de Joaõ Lourenço da Cunha.

Diogo Lopes Pacheco, o matador de D. Inez de Caſtro, e parente muito chegado daquelle Fidalgo, naõ teve valor para ver duas acções, que julgava indignidades; huma no Rei, que a fazia, outra no ſeu parente, que a ſopportava; e ſem matar a D. Leonor, como matou a D. Inez, tornou a fugir para Caſtella, naõ ſuccedeſſe pagar na vida de huma a morte da outra. Elle era muito obrigado ao Rei D. Henrique, que o amparou em França; ſervio-o nas batalhas de Naxera, e Montiel, e neſta occaſiaõ buſcou o refugio da ſua Corte, donde pouco depois o acompanhou armado contra a Patria. Joaõ Lourenço

ço da Cunha lhe ſeguio os paſſos, e conforme a opiniaõ de Manoel de Faria, ſe elle ſentio o caſo foi no interior, que quanto nas demonſtrações públicas, elle o fez materia de hum entremez na Deviſa, que pendurou no chapeo para ſe dar a conhecer pelo que era. Era vulg.

A nobreza, que via ao ſeu Rei conduzir a Dama como em triunfo, ſentia que a paixaõ vehemente lhe encheſſe todas as medidas, que ſe deviaõ occupar da razaõ, e da gloria. Ella acabou de ficar atonita, quando no Lugar do Eixo lhe mandou o Rei beijaſſe a maõ a D. Leonor como Rainha. Entaõ lembrou o ſacrificio, que o ſeu amor para com ella fazia das Infantes de Caſtella, e Aragaõ; o Sceptro, que lhe offerecia; o coraçaõ, que lhe cativava; os Eſtados conſideraveis, que lhe conferia: tudo próvas de exceſſos, que chamavaõ por outros muitos. Eſte temor fez dobrar o joelho ao Infante D. Joaõ, e a ſeu irmaõ o Meſtre de Aviz, que tomáraõ a maõ a D. Leonor, a beijáraõ co-

Era vulg. como vaſſallos, e ella os recebeo Rainha. O Infante D. Diniz naõ ſe quiz moſtrar medroſo, nem politico, e reſpondeo reſoluto: Que elle naõ beijava a maõ de peſſoa, que devia beijar-lhe a ſua. Deſprezo taõ declarado moveo tal deſeſperaçaõ no Rei, que o atraveſſára com hum punhal, ſe Ayres Gomes da Silva naõ deſviára o golpe. O Infante fugio, e paſſou para Caſtella, aonde veremos os ſeus ſucceſſos tragicos, e os do Infante D. Joaõ, que depois buſcou o meſmo refugio.

Todo o mundo eſtranhou eſtes exceſſos, que ſe fazem notados naquelles homens, que vem ao mundo para ſe moſtrarem nelle humas Idéas puras ſem paixões. O Rei de Caſtella ſe ſorprendeo dos expedientes do de Portugal para com elle, muito mais a reſpeito da Infante ſua filha, que elle dizia fora deſprezada em razaõ de huma adultera; por eſte crime infame indigna da vida, quanto mais de hum throno. Elle quizera, que na vingança naõ houveſſe demora, e que as reſ-

pi-

pirações do ſeu furor foſſem incendios; mas o eſtado dos ſeus negocios houve entaõ de cobrir as brazas com cinza. D. Fernando, que naõ ignorava o tom groſſeiro, por que D. Henrique ſe explicava, fez-ſe deſentendido, ou naõ ſabedor; mandando á ſua Corte hum Enviado com deſculpas ſimplices, que nada ſignificavaõ, e o Rei colerico naõ quiz attender. Como os males ſem remedio naõ tem outro além do ſoffrimento, houve Portugal de ſe acommodar ao ſeu deſtino, e os Reis cuidarem em ſe ſegurar na boa fé dos vaſſallos. Elles o conſeguíraõ; D. Fernando amontoando mercês, e beneficencias depois dos rigores, e caſtigos; D. Leonor derramando agrados, e civilidades para attrahir venerações, e obſequios. Era vulg.

Era vulg.

CAPITULO IV.

Trata-se da segunda guerra do Rei D. Fernando com D. Henrique de Castella.

1372 EM seu vigor observava o Rei D. Henrique de Castella religiosamente o Tratado de Alcoutim, quando Joaõ, Duque de Lancastro, filho segundo de Duarte III. Rei de Inglaterra, intentou disputar-lhe o Throno, que dizia ser de sua mulher D. Constança, filha do Rei D. Pedro o morto em Montiel. O primeiro passo do Duque foi fazer D. Henrique odioso aos seus vassallos com aquelles pretextos, que se sabem expender ao largo, quando se buscaõ occasiões para romper. Mas como para se obter hum Estado, que outro possue, e naõ quer largar, naõ bastaõ boas razões, nem o direito bem fundado, se faltaõ as forças para o fazer valer: O Duque de Lancastro sollicitou para isso a alliança do Rei D. Fernando, que naõ recusou a pro-

proposta sem o embaraçar a fé do dito Tratado. Ignorava D. Henrique estes ajustes, intimamente desejava a conservaçaõ da paz, e sem D. Fernando estar prevenido para a guerra, foi informado da represalia, que elle mandára fazer nos navios Castelhanos por todos os seus portos. Era vulg.

Diogo Lopes Pacheco, desejoso de se vingar do seu Rei, já sabedor da alliança feita com o Duque de Lancastro, aconselha a D. Henrique, que sem perda de tempo, e antes que D. Fernando se arme, entre a fogo, e sangue por Portugal, aonde achará ao seu lado todos os Portuguezes, por causa de D. Leonor desgostosos com o seu Rei. O animo pacifico de D. Henrique naõ quiz estar por este parecer sem esgotar todos os meios de persuadir a concordia. Para isso mandou a Portugal o Bispo de Siguença D. Joaõ Garcia Manrique, que naõ sendo nelle attendido, assegurou ao seu Rei lhe era inevitavel a guerra. Este proceder, taõ opposto ás boas formalidades do Rei de Castella, o irri-

Era vulg. ritáraõ tanto, que entrou a fazer vêr nos aprestos, que se preparava, naõ para a rotura; mas para a vingança. Os Fidalgos Portuguezes, que tinha no seu Reino, sobre todos o Infante D. Diniz, completamente o instruem no estado dos negocios de Portugal, que lhe alentaõ os designios de marchar sobre Lisboa para descarregar o golpe da indignaçaõ na cabeça do Estado.

1373 O politico D. Henrique para ficarem desculpados todos os excessos, que meditava, deo alto caracter de injuriosa á rotura do casamento de sua filha; á liga, que no meio da paz fizera contra elle D. Fernando; a haver admittido no Reino muitos dos seus vassallos descontentes, que naõ cessavaõ de mover revoltas em Castella. Antes que D. Fernando se preparasse para a execuçaõ dos designios premeditados, elle entra com hum exercito formidavel por Portugal, e manda pelo Almirante Boccanegra occupar o Téjo com a sua armada. Com o nascimento da Infante D. Brites prin-

ci-

cipiou a guerra : presagio infeliz das muitas , de que ella havia ser causa. Penetrou D. Henrique a fronteira do Estado desprevenido, que intentava ser o aggressor , e foi levando sobre a marcha , entre horror , e estragos , Almeida , Pinhel , Cerolico , Linhares , até se postar sobre Coimbra. Chegou elle a esta Cidade , quando D. Leonor dava á luz a Infante D. Brites. O Rei valeroso fez aqui ostentaçaõ da sua politica , naõ atacando a Praça , e demorando-se nella pouco em attençaõ á Infante , e por naõ assustar a Mãi : idéa delicada do Rei Magnifico , que naõ deve ser esquecida. Era vulg.

Veio o Infante D. Diniz incorporar-se com o exercito de Castella ; e como o conselho de Diogo Lopes Pacheco o levára a este Reino , elle se desnaturalizou , e fez vassallo de D. Henrique ; sendo causa de perder o dominio de Portugal o voto do mesmo homem , que da cabeça de sua Mãi arranca a Coroa. O Rei com o Infante Conde de Gijon foraõ talando os campos até Torres-Novas , e fazendo

Era vulg. do caminho á viſta de Santarem, aonde eſtava D. Fernando, elle naõ alterou a ſua indifferença, mal aconſelhado por Fidalgos, que promoviaõ os ſeus intereſſes a troco da reputaçaõ do Principe. Aſſim chegáraõ até Lisboa, donde foi o Infante Conde D. Affonſo inveſtir Caſcaes, e outros Lugares, que achando-os ſem reſiſtencia, ſaqueou a todos. Lisboa foi atacada com todo o vigor por mar, e terra. A ſua
1373 defenſa a arbitrio da paizanage, que ſe armou voluntaria, ſem ordem, ſem regra, falta de Commandantes, foi de pouca duraçaõ, e rendeo-ſe Lisboa com entrega ao inimigo de quanto na Cidade, e no Reino eſtava de eſtimavel.

Golpes ſemelhantes, que parecia eraõ ſenſiveis ás pedras, naõ deſpertáraõ ao Rei do lethargo, em que o tinha ſepultado o freneſi amoroſo por D. Leonor Telles. Elle ſe conſolava em Santarem com a eſperança da armada, que havia vir, e naõ acabava de chegar de Inglaterra. Os mares ſe lhe pozeraõ intractaveis para naõ vir

a

a Lisboa no tempo, em que havia ſervir á maior neceſſidade. Neſta occaſiaõ D. Nuno Alvares Pereira, mandado por ſeu Pai, que zelava a honra da Naçaõ, explorar as forças do inimigo; na idade de treze annos ſe portou de modo nos tyrocinios de ſoldado, que todos entendêraõ naõ tardaria muito em ſe fazer Heróe. Depois de informar a ſeu Pai do que víra, foi dar conta ao Rei a Santarem, e pedio foſſe ſervido dar-lhe algumas trópas, que elle queria combater o campo dos Caſtelhanos, e o faria com vantagem pela ſituaçaõ, em que os obſervára. Eſte impeto de generoſidade no Moço, que acabava de largar o cóllo da ama, foi taõ geralmente applaudido, que o Rei o armou Cavalleiro, e elle ſoube em todas as idades remunerar a mercê com a reputaçaõ eſtrondoſa, que deo á Patria. Era vulg.

Atonito eſtava Portugal contemplando a inacçaõ do ſeu Rei na face das mais triſtes ruinas, de hum perigo eminente; e de todas as Provincias ſe offereciaõ os fidelíſſimos Portu-

Era vulg. tuguezes para impedirem os progreſſos dos Caſtelhanos a troco das ſuas vidas, e do ſeu ſangue. Entre todos o mais inſoffrido foi Joaõ Sanches, moço de baixa ſórte, como filho que era de hum lacaio do Rei D. Pedro. Eſte moſtrando o ſeu zelo igual á ſua firmeza, clamava aos Póvos, que era huma inſania eſtar vendo eſtragar a Patria, e naõ lhe acodir por naõ faltar a huma obediencia, que naõ tinha merecimento: que para todos era mais glorioſo ir morrer debaixo das ordens de qualquer homem, que os quizeſſe guiar, que na falta das do Rei D. Fernando conſentir, que os Caſtelhanos ſe fizeſſem ſenhores de Portugal. Elle concluia, que os Portuguezes tinhaõ os meſmos eſpiritos para fazerem em pó os ſeus contrarios; que ſó lhes faltava quem os conduziſſe; e para iſſo ou haviaõ inſtar ao Rei olhaſſe por ſi, e por todos, ou elles deviaõ buſcar peſſoa, que contra os inimigos os governaſſe.

Sentio o Rei como era razaõ, que ſemelhante homem tiveſſe inten-

tos

tos de divertir os vaſſallos da ſua obediencia, e metter-ſe a interprete dos motivos, que elle tinha para o ſeu modo de conduzir-ſe. Elle o mandou vir á ſua preſença, e depois de lhe eſtranhar o eſpirito de revolta, que o tranſportava, o caſtigou com o deſprezo de mal naſcido, chamando-lhe Moço de mulas, que tinha ſido o officio de ſeu pai. Tudo Joaõ Sanches ouvio attento; mas como a virtude, e o valor, o zelo, e amor da Patria haviaõ reparado nelle os defeitos do ſeu naſcimento, reſpondeo reſpeitoſo, e intrepido: Senhor eu conheço, que aſſim he quanto dizeis; mas ſe vós tiveſſes muitos Moços de mulas como eſte, os Caſtelhanos voſſos inimigos naõ ſe atreveriaõ tanto a vós, e ao voſſo Reino. A reſpoſta naõ foi tomada como offenſiva do reſpeito, mas a voz commua da liſonja a notou de temeraria. Outras acções glorioſas com caracter de ſublimidade ſem defeito nos offerece a Hiſtoria neſte tempo, que naõ devem ficar ſepultadas no ſilencio. Era vulg.

Quan-

Era vulg.

Quando o Rei D. Henrique marchava de Coimbra para o ſitio de Lisboa, chegou com todo o exercito a Torres-Novas; Praça, que defendia Gil Paes como ſeu Alcaide Mór, que foi notificado para a entregar ſem ſe expôr ao perigo, que lhe ameaçava hum exercito victorioſo, e formidavel. Reſpondeo Gil Paes, que elle ſó tinha medo de faltar ás obrigações da honra, e que para cumprir com ellas eſtava reſoluto a defender a Praça até a ultima extremidade contra o poder do mundo. Os primeiros repelões, aſſim nas ſahidas ao campo, como no ataque dos muros, moſtrárão ao Rei de Caſtella, que Gil Paes fallára devéras. Como elle eſtava impaciente por chegar a Lisboa, e obſervou na defenſa de Torres a perda do tempo; mandou levar á frente dos muros a hum filho de Gil Paes, que tinha priſioneiro, ordenando-lhe entregaſſe a Praça ſenaõ queria vêr enforcar ſeu filho. Reſpondeo o Alcaide Mór: Que ſeu filho eſtava em ſeu poder, e elle tinha acçaõ para fazer delle

le o que quizeſſe; mas que a Praça, Era vulg.
ainda que eſtava nas ſuas mãos, era do Rei ſeu Senhor, e elle naõ tinha poder para a entregar ſem offender a ſua honra. Com barbaridade indigna foi o filho enforcado á viſta de ſeu pai, ſó tocado dos ſeus deveres, ao ſentimento natural como immovel; mas elle teve a gloria de ver levantar o ſitio, e arvorar o ſeu Caſtello os trofeos, que entaõ deixáraõ arraſtar as Cidades mais fortes de Portugal, ſobre todas a ſua Corte.

Com muitas trópas de Galliza entráraõ por Entre-Douro e Minho os Fronteiros Pedro Rodrigues Sarmiento, e Joaõ Rodrigues de Biedma, derramando a conſternaçaõ pelos ſeus Póvos indefenſos. Quizeraõ oppôr-ſe aos inimigos alguns Fidalgos das Provincias com a gente, que podêraõ ajuntar, e com valor deſeſperado atacáraõ os Caſtelhanos, que levavaõ de vencida; mas como o partido era muito deſigual, e elles cahíraõ em huma cilada, que de repente os envêſtio pelas eſpaldas, naõ podendo ſuſtentar

Era vulg. este ataque dobrado, muitos foraõ mortos, e os mais se salváraõ como podéraõ, entre estes D. Henrique Manoel, e D. Fernando de Castro. Acodia a unir-se com este destacamento a gente do Porto, que fazia caminho pelo Castello de Faria pouco distante da Villa de Barcellos. O seu Alcaide Mór o Grande Nuno Gonçalves, que a vio passar, quiz ser participante do feito honrado, que se esperava; e deixando o Castello encarregado a seu filho, a acompanhou com algumas lanças. Quando chegou esta trópa ao lugar, que havia ser do combate, e já era da victoria dos Castelhanos, ella quiz retirar-se, e naõ o pode fazer sem a perda da liberdade de muitos cavalleiros, em que entrou o grande Nuno Gonçalves.

Temeo este Heroe, que chegando os Castelhanos triunfantes ao seu Castello, o filho que havia defendello, o entregasse, e pedio aos que o prendêraõ quizessem conduzillo ao mesmo Castello para fallar a seu filho, e lhe persuadir a entrega; graça, que fa-

facilmente lhe foi concedida na cer- Era vulg.
teza, de que pela liberdade do pai a nada o filho se escusaria. Mas a linguagem com que lhe fallou este Capitaõ bravo, tronco illustre dos descendentes do appellido de Faria, mostrou bem quanto as suas intenções eraõ differentes da promessa. Elle lhe disse com a energia, que faz sahir da alma os sentimentos heroicos, se lembrasse: Que aquelle Castello lhe fora entregue pelo Rei D. Fernando para o defender com a honra propria do seu nascimento: que supposto estar preso, e impossibilitado para o cumprimento dos seus deveres, sob pena da sua maldiçaõ lhe ordenava, que em quanto naõ perdesse a vida sustentasse o Castello, ainda que visse ser elle alli mesmo feito em pedaços ás mãos dos Castelhanos, que o ouviaõ. Mais quizera fallar o Heróe, se as espadas dos inimigos, escandalizados da zombaria, naõ lhe cortassem o tecido da oraçaõ com os fios da vida. Passado de muitas estocadas, duas vezes illustre morreo no leito da honra o grande Nuno

Gon-

Era vulg. Gonçalves de Faria ; mas ſeu filho, em quem a morte do pai fez menos impreſſaõ aos olhos, que harmonia as ſuas vozes aos ouvidos, pelas meſmas medidas de intrepidez, que o pai talhou o deſprezo da morte, o filho medio as do valor, com que ſe lançou aos Caſtelhanos, lhes arrancou das mãos a preza, e os obrigou a reſpeitar as paredes do ſeu Caſtello.

Huma acçaõ juſtamente merecedora da memoria, o Rei D. Fernando para a perpetuar, deo por Armas aos deſcendentes de Nuno Gonçalves hum Caſtello em campo de purpura, que fazia alluſaõ ao ſangue do Heróe, derramado, com a porta, e janellas de preto ; ao pé delle hum homem morto, que foi tirado, quando as Leis da Armaria prohibíraõ figuras humanas nos Eſcudos. Nuno Gonçalves foi caſado com D. Thereſa de Meira, filha de Gonçalo Paes de Meira, ſenhor de Colares, e outras muitas terras. Teve della dous filhos, que foraõ Gonçalo Nunes de Faria, Chéfe do Caſtello, e vingador da morte de

ſeu

ſeu pai, que depois foi Clerigo, Abbade de Rio Covo; e Alvaro de Faria, Senhor da caſa, e armado cavalleiro na batalha de Aljubarrota em premio das muitas gentilezas, que nellá obrou no ſerviço do Rei D. Joaõ I. o ſeu valor herdado. Era vulg.

Por outra parte as trópas do Rei de Caſtella, que haviaõ pilhado Lisboa, depois que ſe apoderáraõ della, faria laſtimoſa a ruina deſta Capital, e ſeus contornos, ſenaõ occorrêra ao meſmo tempo a mediaçaõ do Papa Gregorio XI. que enviou ao Cardeal de Bolonha com o caracter de Legado para mediar a paz entre os dous Reis belligerantes. Ambos os animos achou elle diſpoſtos para facilmente ſe ſubmetterem ás determinaçóes paternaes do Pontifice; hum porque conhecia a ſem razaõ com que rompeo a guerra, e lhe ſentia os eſtragos; o outro porque ſe quiz moſtrar obediente, e ceder dos ſeus triunfos á inſinuaçaõ do Santo Padre; como D. Fernando eſtava deſarmado, muitas Praças do Reino rendidas, o inimigo entra-

Era vulg. tranhado nelle, com estas realidades de vencido, naõ podia esperar Tratado muito vantajoso. Elle foi obrigado a abandonar a alliança do Duque de Lancastro; a ligar-se com Castella, e França; a lançar de Portugal os Castelhanos, antes rebeldes a D. Henriquo; mas as Praças todas lhe foraõ restituidas.

O Rei de Castella, que estava escarmentado da pouca duraçaõ das pazes de Alcoutim, quiz segurar estas com refens de terras, e pessoas consideraveis, que realmente se lhe entregáraõ. As Praças foraõ Viseo, Miranda, Pinhel, Almeida, Cerolico, Linhares, e segura. As pessoas eraõ o Conde D. Joaõ Affonso, irmaõ da Rainha D. Leonor; D. Joaõ, Conde de Viana; D. Rodrigo Alvares Pereira, filho do Prior do Crato; o Almirante Lançarote Peçanha; seis filhos de outros tantos Cidadãos nobres de Lisboa; quatro do Porto, e quatro de Santarem, que haviaõ estar em Castella tres annos por Garantes da palavra Real do seu Soberano. O Cardeal

deal Legado cheio de prazer pelo bom ſucceſſo, e brevidade da ſua negociaçaõ, para eſtreitar mais a uniaõ entre os Reis, depois de fallar a D. Henrique em Lisboa, paſſou a Santarem a perſuadir D. Fernando para ſe aviſtarem ambos, e tratarem amigavelmente dos ſeus intereſſes. Foi determinado, que quando D. Henrique ſe recolheſſe para Caſtella, o primeiro encontro foſſe no Téjo. Era vulg.

Quizeraõ os Caſtelhanos divertillo com o eſcrupulo de qual dos Reis havia fallar primeiro; pertendendo, que D. Fernando rompeſſe o ſilencio, por ſer Rei de Eſtado mais pequeno, e mais moderno, que o de Caſtella. D. Henrique atalhou a dúvida, e diſſe, que como elle nada perdia das regalias Reaes em ſer primeiro, ou ultimo em fallar, que ſaudaria a D. Fernando, antes que elle o fizeſſe. Chegou D. Henrique com o ſeu exercito a Vallada, pouco diſtante de Santarem, aonde embarcou em hum eſcaler brilhante, o Cardeal Legado em outro, e appareceo D. Fernando em hu-

Era vulg. huma falûa magnifica, mandada por hum Cavalleiro de gentil preſença. Quando o Rei de Caſtella o aviſtou, diſſe para os ſeus: Formoſo Rei, formoſa barca, formoſo Arrais. O modo da abordage foi, poſtando-ſe nos lados os eſcaleres Reaes, e no centro o Cardeal Legado, que naõ podia disfarçar a ſua complacencia em occaſiaõ de tanto goſto, que era obra ſua. D. Henrique cumprio o que promettêra, fallando primeiro, e dizendo a D. Fernando: *Dios os mantenga, Señor; mucho eſtimo el veros, por ſer la coſa, que yo mas deſeava.* Praticados os actos da civilidade mais delicada, os dous Soberanos juráraõ a paz, e entre vozes de alvoroço, deſembarcáraõ em Santarem.

Aconteceo neſte encontro o que raras vezes ſe tem viſto no mundo, que foi ficarem os dous Reis taõ mutuamente affeiçoados, que o reſto das ſuas vidas ſe tratáraõ com amizade religioſa, e effectiva. Para elles a apertarem em laços mais eſtreitos, ajuſtáraõ os caſamentos do Infante D. Sancho,

cho, Conde de Albuquerque, e ir- Era vulg.
maõ de D. Henrique, com a Infante D. Brites, irmã de D. Fernando; e o de D. Affonſo, Conde de Gijon, filho do meſmo D. Henrique, com D. Iſabel, filha de D. Fernando, ambos baſtardos: Caſamento taõ pouco agradavel ao Conde D. Affonſo, que lhe originou os grandes trabalhos já referidos. Os prazeres, o goſto, as feſtas, que neſta occaſiaõ ſe celebráraõ em Santarem, fizeraõ eſquecer as ruinas da guerra; e miſturados Portuguezes com Caſtelhanos pareciaõ as duas Nações emulas hum ſó Póvo concorde.

Da paz de D. Fernando com Caſtella, da rotura da liga com o Duque de Lancaſtro, reſultáraõ os deſejos de moſtrar ao Rei D. Pedro IV. de Ara-
gaõ o ſentimento, que naõ podia di- 1374
gerir na retençaõ do dinheiro reſervado em Barcelona para o infeliz caſamento com ſua filha. Eſta reſoluçaõ, que naõ paſſou de idéa, e lhe pareceo motivo baſtante para huma rotura, o obrigou a ajuſtar nova alliança

Era vulg. contra Aragaõ com Luiz, Duque de Anjou, irmaõ de Carlos V. Rei de França. De parte a parte se mandáraõ Embaixadores os dous Principes contratantes, que nada do que ajustáraõ
1375 emprehendêraõ. Em quanto estas cousas se tratavaõ, D. Fernando naõ esquecia os actos da sua liberalidade, nem tambem os da sua justiça. O fatal Diogo Lopes Pacheco, que em virtude da paz, ficára na Corte, agora convencido, de que com Joaõ Lourenço da Cunha conspirava para matar o Rei com veneno, terceira vez foi confiscado, e proscripto.

Outro fructo da paz, proprio da magnanimidade do Rei contra a esperança de todos, veio a ser a grande obra dos muros de Lisboa, que lançando-se a primeira pedra no ultimo de Setembro de 1373 se víraõ concluidos em Julho de 1375. Depois fortificou Santarem, Obidos, Ponte de Lima, e Viana, Almada, Torres-Vedras, e Leiria. Com a mesma profusaõ fez muitas mercês a varias Igrejas, e Mosteiros, que ainda hoje lhes

conſervaõ o explendor. Fez Cortes para promulgar Leis favoraveis ao Commercio, ſempre ambicioſo de fornecer aos ſeus vaſſallos os meios de ſer felices. Entaõ foraõ vantajoſos os progreſſos da Religiaõ de S. Jeronymo neſte Reino, que ſe illuſtra com o magnifico Moſteiro de Belém, hum dos Padrões immortaes da piedade dos noſſos Soberanos.

Era vulg.

1377

CAPITULO V.

Modos delicados com que ſe conduz a Rainha D. Leonor, ſucceſſos do Infante D. João, Sciſma do Anti-Papa Pedro de Luna, e nova guerra com Caſtella.

A VARIEDADE do tempo, a ſerie de tantos negocios naõ alteravaõ no Rei os primeiros vigoroſos extremos de amor para com a Rainha: paixaõ, que creſcia ao paſſo que a reprovaçaõ do Povo ſe augmentava. Ella de eſpirito penetrante para prevenir os ſucceſſos futuros, vieſſem elles da maõ

do

Era vulg. do Rei, ou do desprazer dos vassallos, qualquer delles bastante para lhe destruir a grandeza insubsistente se hum dos dous sopros a agitasse; preparou o espirito para a applicaçaõ dos meios, que naõ só apartassem della os máos successos; mas até os sustos. Ella applica todas as dexteridades, em quanto no Rei presistem os extremos, para fazer creaturas da sua maõ, que ainda na falta de D. Fernando lhe firmem a authoridade. A muita que ella tinha de presente, no seu espirito lhe dava plena segurança, hum direito firme para fazer o que quizesse, sem temer, que nada se lhe recusasse.

Como a sua politica naõ era taõ grosseira, que deixasse de saber, que havia pegar na occasiaõ pelos cabellos; ella cuidou em fazer poderosos a todos os seus, que haviaõ respeitalla como cousa sua. Por isso fez conferir o governo do Castello de Lisboa a seu tio D. Joaõ Affonso Telles, Conde de Barcellos, que já era Mordomo Mór. Seu irmaõ D. Joaõ Affon-

fonſo Telles já era Almirante; agora fez criar Conde de Neiva a D. Gonçalo Telles, outro de ſeus irmãos: Conde de Cea a ſeu cunhado D. Henrique: a D. Lopo Dias de Souſa ſeu ſobrinho Graõ-Meſtre da Ordem de Chriſto: ao meſmo D. Henrique de Albuquerque da Ordem de Sant-Iago. e a ſua irmã natural D. Joanna Telles, que caſou com Joaõ Affonſo Pimentel, ſe lhe deo o Senhorio de Bragança: a Gonçalo Vaſques de Azevedo, que determinava caſar com a filha de hum dos ſeus validos, procurou o Vice-Almirantado; e deſte modo os parentes de D. Leonor Telles ficáraõ occupando os primeiros cargos da Corte, ſendo elles os condutores das funções mais conſideraveis da Monarquia. Era vulg.

Ganhar a Nobreza, e attrahir a devoçaõ do Povo eraõ outros dous paſſos, que naõ fugiaõ á perſpicacia de D. Leonor, nem lhe eſcapavaõ as maneiras inſinuantes de os conduzir com vantagem. De hum, e outro corpo ella ſe declarou protectora para fazer

Era vulg. zer a ambos officios taõ conformes; que bem parecesse se arrogava a natureza do mais principal dos seus membros. Os Fidalgos para qualquer graça, que pertendessem, naõ necessitavaõ mais diligencias, que apresentar-lhe hum Memorial. O menos que os obrigava era o despacho, que ainda sendo grande, perdia o vulto á vista dos modos benevolos, com que elle era conferido. O povo se sollicitava immunidades, dons, privilegios, e isenções, encontrava a Rainha na sua testa como canal, que da maõ do Rei fazia correr tudo com affluencia, muitas vezes maior, que os desejos. Tudo isto era necessario para satisfazer a tantos descontentes de a verem no Throno; mas tudo era parto de huma politica corrupta, que naõ podia ter por muito tempo cobertos a impiedade, e o odio, que o coraçaõ de D. Leonor reconcentrava a todas as pessoas, de que se podia temer, sem excepçaõ do seu mesmo sangue. Huma fé apparente disfarçava a perfidia, que naõ tardou em mostrar nos es-

escandalos, que o Sceptro estava violento, e a Coroa fora do seu lugar. Era vulg.

O successo sem exemplar do Infante D. Joaõ he próva evidente destas verdades. Clandestinamente havia o Infante casado com D. Maria Telles, irmã da Rainha, sendo viuva de D. Alvaro Dias de Sousa; que estas senhoras na elegancia da sua gentileza tiveraõ dote sobrado para darem as mãos a Principes. O mesmo foi a Rainha penetrar o casamento occulto, que dar-lhe saltos o coraçaõ para naõ guardar medida ás industrias. Ella se deixou occupar do temor da morte prevista de D. Fernando, que promettia pouca duraçaõ por viver achacado, e já lhe parecia estar vendo o Infante, e sua irmã assentados no Throno na falta de filho varaõ, que nelle lhe succedesse. Sem perda de tempo entra a derramar palavras mysteriosas, que lisongeavaõ o Infante nas esperanças de o casar com sua filha a Infante D. Brites: Princeza a tantos promettida para ser o raio fatal, que ateou na Monarquia incendios

Era vulg. dios vorazes. Para fazer a D. Joaõ crivel eſte projecto, o capacita, que ſua irmã D. Maria lhe falta á fé de eſpoſa; he huma adultera, e que elle deve olhar pela ſua honra. D. Joaõ naõ duvida cumprir com ella ſe o crime for verdadeiro. A Rainha, que naõ queria deixar a ſua obra imperfeita, teceo a mentira com tantos apparatos de verdade, que o Infante a creo, e aſſegurou a D. Leonor, que elle ſem mais exame matava a mulher.

Sem dar reſpoſta ouvio D. Leonor eſta reſoluçaõ do Infante: Silencio abominavel, que o confirmou nella, arraſtado pela ambiçaõ de pegar no Sceptro com as mãos pingando ſangue. A morte violenta de D. Maria Telles traçada com ſemelhantes intrigas, que todas ſe imputavaõ ao Infante, fez-ſe enorme; naõ ha bocca, que deixe de fallar, todos ſe queixaõ. Teme a Rainha, que o Infante confeſſe o crime, e a declare complice. Fiada no ſeu poder, intenta conſeguir do Rei ſe ponha ſilencio na cauſa,

pa-

para o fazer crêr, que as ſuas attenções pelo Infante ſaõ nella mais efficazes, que os impulſos com que o ſangue a inſta a promover a vingança. Neſtas meſmas propoſtas conſeguio a arte os intentos do infeliz Infante, que por eſta morte entendeo abria o caminho ao Throno, fugir para Caſtella, deſamparar o Reino, deixar nelle ſepultadas as eſperanças da Coroa. Era vulg.

A Rainha contente por conſeguir as idéas deteſtaveis a expenſas da alma propria, e da vida da irmã innocente, agora lhe chorava a morte, quando a recreava a ruina do Infante, como meio unico da firmeza da ſua authoridade. Porém a Providencia Divina, que cheia de equidade confunde em ſi meſmas as idéas injuſtas dos homens; naõ ſó á Rainha, mas aos outros Co-Reos do crime deteſtavel fez no mundo huns eſpectaculos da execuçaõ da ſua juſtiça. Na Rainha deſcarregou o golpe da infamia na meſma culpa, que ella falſamente imputára a ſua irmã, e a arrojou a Caſtella ſem dominio, aonde foi viver pobre,

Era vulg. bre, preza, e acabar aborrecida. O Infante teve igual deſtino no meſmo Reino, e quando ſe vio opprimido dos ferros, entaõ conheceo, que a morte da mulher, forjada pela ambiçaõ de reinar, ella era a unica cauſa de perder a Coroa, que a natureza lhe deſtinára, ſe a crueldade naõ a perdêra. O Conde D. Joaõ Affonſo, depois de ſupportar os revezes da fortuna, foi morto miſeravelmente na batalha de Aljubarrota. Em todas as idades tem ſido politica inalteravel do preſcrutador das intenções humanas, que os authores das Tragedias, no ultimo auto, lavem o theatro com o ſeu ſangue.

Os peccados de eſcandalo, que neſtes tempos ſe amontoavaõ no mundo, enfurecêraõ o Deos das piedades, que permitio em caſtigo delles na ſua Igreja huma das roturas mais enormes, que ella tinha experimentado em mui-
1378 tos ſeculos. Morreo o Papa Gregorio XI.: perda para Portugal ſenſivel, que tantas próvas recebêra da ſua affeiçaõ paternal. Foi eleito Urbano VI.

pa-

para ſer teſtemunha da tempeſtade, que combateo a Náo da Igreja, e perturbou o animo dos Fieis com o Sciſma de tres Papas, ſem ſer facil diſtinguir o verdadeiro dos falſos: tudo confusões, que arraſtavaõ os homens mais ſabios para dizerem mal do bem, e bem do mal, para pôrem trévas nas luzes, e luzes nas trévas, para goſtarem o doce no amargo, e o amargo no doce. Ao Pontifice legitimo Urbano VI. oppozeraõ os Francezes o Anti-Papa Clemente VII. que com alguns Cardeaes veio para Avinhaõ, primeira origem do ſciſma, que durou 50 annos. Entaõ foraõ contínuas as deſordens nos Eſtados vacillantes, e muito maiores as dos dous Chéfes legitimo, e intruſo, que entráraõ a fulminar anathemas frequentes de Roma contra Avinhaõ, de Avinhaõ contra Roma. Era vulg.

Naõ mudou Clemente de eſtylo com Bonifacio IX. que ſuccedeo a Urbano, nem elle de condiçaõ a reſpeito de Clemente. Quando ſe eſperava, que com a morte dos dous conten-

Era vulg. tendores eſpiraſſe o ſciſma, e reinaſſe pacifico Innocencio VII. canonicamente eleito, contra elle ſe levantou Pedro de Luna, que ſe quiz chamar Bento XIII., e collocado no Solio de Avinhaõ, reſiſtio com tenacidade abominavel á Cadeira de S. Pedro em Roma. Caſtella, Aragaõ, e Navarra ſempre seguíraõ os Anti-Papas. De Portugal dizem o meſmo o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, Manoel de Faria, e Duarte Nunes, affirmando, que o Rei cahíra no erro, ainda que depois ſe retratára, ſem eſperar as decisões do Concilio de Conſtança, como os tres Soberanos de Heſpanha acima ditos. Aquelles Authores taõ illuminados ſe enganáraõ, ou de huns a outros ſe communicou o engano de algum delles em ponto taõ eſſencial, que forneceo fundamentos sólidos para ſe ſuſtentar o direito do Meſtre de Aviz contra o pertendido da Rainha D. Brites de Caſtella ſobre Portugal. Iſto ſuppoſto, ſem eu me embaraçar nos modos por que ſe conduziraõ na occaſiaõ deſte ſciſma os Reis daquella

la Coroa D. Henrique, que viveo pouco depois delle, e D. Joaõ I. que lhe ſuccedeo, por ſer hiſtoria alheia, eu paſſo a referir o que nos pertence. Era vulg.

Preſumem os tres Authores citados, que o Rei D. Fernando ſeguíra os Reis de Heſpanha no reconhecimento dos Anti-Papas de Avinhaõ, e que ſe retratára perſuadido dos Inglezes ſeus alliados, quando vieraõ ajudallo na guerra, que teve depois com D. Joaõ I. de Caſtella. Eſta nota geral ao Rei, e Reino naſce de hum engano parcial bebido na quéda de hum ſó Prelado com alguma parte do ſeu Povo, que ſem diſcernimento illuminado, marchou rebanho rude apôz os veſtigios do ſeu Paſtor. Foi eſte o Biſpo de Silves no Algarve D. Martinho de Samora, que como era de Naçaõ Caſtelhano, naõ quiz ſeparar-ſe dos ſentimentos dos ſeus Patricios, e á ſua imitaçaõ ſe declarou ſciſmatico. Todos os Eſcritores Eccleſiaſticos nos daõ próvas deſtas divisões arbitrarias dos Biſpos dentro de hum meſmo

Eſ-

Era vulg. Eſtado Soberano, e naõ nos deve fazer eſpecie eſta ſingularidade do Biſpo de Silves, contraria ao commum ſentir do Reino de Portugal, e de muita parte do do Algarve. Deos ſabe ſe o erro de D. Martinho foi a cauſa de o matarem ſem eſcrupulo como a hum ſciſmatico, quando elle já eſtava promovido a Biſpo de Lisboa na revolta do Meſtre de Aviz.

O Rei, e Reino de Portugal reconhecêraõ logo a Urbano VI. por Papa legitimo: Reſoluçaõ, que com huma Carta pompoſa pertendêraõ tranſtornar os Cardeaes ſeus oppoſtos. Mas chegando ao meſmo tempo de Italia o celebre Joaõ das Regras bem inſtruido pelo ſeu Meſtre Baldo na legitimidade de Urbano: elle a perſuadio com tanta força de razões, e ſenſibilidade de evidencias, que a Carta dos Cardeas foi deſprezada, e os Portuguezes ſe ſuſtentáraõ firmes na obediencia aos verdadeiros Succeſſores de S. Pedro, ſem que depois tiveſſem nada que innovar, nem de que ſe arrepender á viſta da deciſaõ do Concilio Conſtan-

cien-

ciense. Pedro de Luna, já Cardeal, veio a Hespanha vivendo ainda Henrique II., e naõ nos consta, que entre nós publicasse a sua missaõ diabolica, que tanto quiz prevalecer contra a Igreja de Deos. Dous annos depois recebemos a sua visita em Santarem, aonde o Rei D. Fernando lhe ouvio hum estirado discurso, taõ cheio de pompas, ornatos, e delicadezas, que era capaz de se insinuar nos corações mais duros. O Rei lhe respondeo, que como o assumpto da sua falla continha pontos de Doutrina, que naõ eraõ da sua profissaõ secular; que elle ouviria os Prelados do seu Reino para se resolver. Era vulg. 1379

Nós devemos a Authores Estrangeiros, especialmente a Rainaldo nos seus Annaes, dar-nos noticia desta Junta de Santarem. Elle nos diz: Que os Prelados de Portugal com argumentos sólidos jarretáraõ os sofisticos, e intrigantes do Anti-Cardeal Pedro de Luna. Depois trata ao largo os mesmos argumentos de convicçaõ no anno de 1381, número 34, e conclue: Que

Era vulg. os ſentimentos dos Prelados confirmáraõ aos Portuguezes na obediencia aos verdadeiros Papas: que elles cobríraõ de affrontas, e deſprezos ao Seductor, que ſe retirou envergonhado, e depois ſe queixou aos Padres ſeus amigos do Concilio de Conſtança deſta pouca attençaõ dos Portuguezes: que eſtes, entre os outros Reinos das Heſpanhas, eraõ os mais dignos de louvor, como os mais obſequioſos á Santa Sé; deſprezadores conſtantes dos liſonjeiros, e rochedos immoveis, aonde davaõ, e rotrocediaõ ſem os aballar as ondas furioſas da ſeducçaõ dos ſciſmaticos.

1380 Quando principiava eſte ſciſma a tomar as maiores forças, acabou a vida o Magnifico Henrique II. Rei de Caſtella, e entráraõ novas afflicções a opprimir o eſpirito da ambicioſa Rainha de Portugal D. Leonor para ſe ſegurar na mudança dos intereſſes, que naõ podia deixar de ſobrevir. Com a morte de D. Henrique ſe desfez o caſamento ajuſtado entre ſeu filho o Duque de Benavente Fredirico, e a noſſa Infante D. Brites, que ſe eſtimava her-

dei-

deira do Reino; e a continuação das moleſtias de ſeu Pai fazia temer a brevidade da ſua perda. Eſte ſuſto, e aquelle ſucceſſo obrigárão a Rainha a esforçar-ſe nas diligencias de buſcar hum protector poderoſo, que a titulo de marido futuro da Infante ſua filha a ſuſtentaſſe ſem mudança na authoridade preſente. Neſte anno naſceo o menino Henrique, filho primogenito do novo Rei D. João I. de Caſtella, e a Rainha o entendeo eſpoſo proprio, pelos muitos annos, que podia eſperar, para a Infante, que não goſtaria como herdeira de ter tanta paciencia. Ella o propôz a D. Fernando, que como era goſto da mulher, não podia duvidar; e mandados Embaixadores reciprocos, ſe ajuſtou com o recem naſcido o caſamento, que eſtava deſtinado para ſeu Pai. Era vulg.

O Conde de Ourem, e Gonçalo Vaſques de Azevedo forão os Miniſtros mandados a eſte ajuſte, que moſtrárão a ſeu Amo concluido, e nas duas Monarquias ſe fez público com a condição plauſivel, de que as Coroas

Era vulg. de Portugal, e Caſtella ſe veriaõ reunidas na frente do primeiro Principe, que naſceſſe do inaugurado matrimonio. Intereſſante era a Portugal, e muito mais á Rainha, ir-ſe nutrindo eſta idéa pelos meſmos vagares, com que o Infante de Caſtella ſe criava; mas o Rei D. Fernando, que em tudo tinha caracter ſingular, do ajuſte fez huma fabula; rompeo a alliança, e para moſtrar, que a amizade com D. Henrique era mais naõ poder, declarou o odio contra a peſſoa do filho; ſem motivo algum torna a ligar-ſe com o Duque de Lancaſtro ſobre as pretençóes á Coroa de Caſtella, e degenera o Tratado do caſamento em huma formal declaraçaõ de guerra, que trataremos no Livro ſeguinte.

LIVRO XIX.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Da guerra do Rei D. Fernando com D. Joaõ I. de Castella, e outros successos, que della foraõ resulta.

DETERMINOU o Rei D. Fernando descobrir ao mundo, que a amizade contrahida com D. Henrique nas vistas de Santarem era huma apparencia exterior, que occultava no fundo do animo a dor dos estragos na guerra passada; a emulaçaõ da sua fortuna para elle taõ contraria; os desejos da vingança na primeira conjunctura favoravel para ella. Tudo elle assim concebe, explica em proprios termos ao Conselho de Estado, que convocou para lhe ouvir os votos sobre o modo de fazer a guerra. Todo elle ficou atonito, quando ouvio a proposta do Rei, que sup-

Era vulg. 1380

Era vulg. ſuppunha ligado com os vinculos da mais perduravel paz. Naõ houve esforço a que elle perdoaſſe, para divertir o Rei de ſemelhantes intentos, que depois do ajuſte do caſamento dos Principes das duas Coroas, o mundo olharia para as ſuas negociações como para huma eſpecie de illuſaõ, que zombava das Mageſtades. Nada moveo a D. Fernando para mudar de dictame; e ſervindo-ſe de Joaõ Fernandes Andeiro, hum dos Fidalgos Caſtelhanos, que em virtude da paz de Santarem ſahio de Portugal, e eſtava em Londres; por ſeu meio ajuſtou a liga com Inglaterra, e elle veio occulto a Portugal dar parte dos Artigos da negociaçaõ.

Conſiſtiaõ elles, em que o Duque de Lancaſtro mandaria a eſte Reino a ſeu irmaõ o Conde Edmundo com as maiores forças, que lhe foſſe poſſivel para ajudar na guerra ao Rei D. Fernando: que o Conde traria comſigo o Principe D. Duarte, filho do Duque, e neto do Rei D. Pedro de Caſtella, para caſar com a Infante D. Brites,

tes, e ſerem ambos herdeiros dos dous Era vulg.
Reinos de Caſtella, e Portugal, que a cada hum tocavaõ; e outras diſpoſições a reſpeito do pagamento das trópas. Naõ ſe occultou ao Rei de Caſtella a negociaçaõ das duas partes contratantes; e para melhor obſervar os movimentos de Portugal, veio para Salamanca, aonde principiáraõ a affligillo idéas triſtes. A noticia da morte da Rainha D. Joanna ſua Mãi foi acompanhada dos aviſos de vinte galés, e quatro grandes náos, que ſe preparavaõ no Téjo; dos da grande armada Ingleza, que nelle ſe eſperava; do das muitas trópas, que ſe levantavaõ, e praças, que ſe guarneciaõ em Portugal; de que ſeu irmaõ o Conde de Gijon ſollicitava eſta guerra, reſoluto a unir as forças proprias com as de ſeu ſogro o Rei D. Fernando.

Tantos preparativos confirmáraõ a certeza da guerra ao Rei, que religioſamente obſervava os Tratados de paz, e naõ pode deixar de aſſuſtar-ſe com a vinda dos Inglezes a Heſpanha, acompanhados do direito do Principe

D.

Era vulg. D. Duarte á ſua Coroa, e com a promeſſa da de Portugal pela eſpoſa futura: intereſſes taõ importantes, que era impoſſivel deixarem de obrigar Inglaterra a fazer os ultimos esforços. Porém a reſulta deſtes penſamentos no Rei D. Joaõ foi reſolver-ſe a defender animoſo a ſua Coroa contra todos aquelles, que intentaſſem aballala. Como dilatou o coraçaõ, elle ſe deo taõ pouco a ſentir da renovaçaõ da liga, que a ninguem pedio ſoccorro, nem a viſinhos, nem a amigos. Tudo fiou das ſuas diſpoſições; deo ordens effectivas para a armada, e o exercito eſtarem promptos a ſahir ao mar, e mover-ſe ao primeiro ſom de caixa. Em quanto naõ marchava para a fronteira, foi fazer huma viſita aos Eſtados de ſeu irmãõ o Conde de Gijon, que ainda naõ eſperava por ella, e teve de ſe refugiar nas montanhas de Oviedo. D. Joaõ o foi ſeguindo, e o cercou neſta Cidade, que naõ pode defender, e rendido com humildade, reconheceo em ſeu irmaõ a ſoberania, de que ſe jurou fiel vaſſallo.

Com

Com a vantagem importante deste passo declinou elle a marcha para o Riba-Coa, e cercou a Praça de Almeida, que depois de hum mez de sitio, se rendeo por capitulaçaõ. Os Mestres de Alcantara, e Sant-Iago entráraõ por Elvas, e saqueáraõ os campos das Villas do Cano, Sousel, e Vieiros. Ao mesmo tempo sahio a armada de Sevilha ás ordens do bravo D. Fernando Sanches de Toar, que fez varias irrupções pela cósta do Algarve. Ainda o Rei se naõ movia, esperando a chegada dos Inglezes para principiar as operações da campanha; mas vendo os inimigos senhores das de mar, e terra, acodio primeiro á defensa das Praças, e encarregou Elvas a D. Alvaro Pires de Castro, Conde de Arrayolos; Olivença, Campo-Maior, e Arronches ao Mestre de Aviz D. Joaõ; Portalegre ao Prior do Crato D. Pedro Alvares Pereira; Villa-Viçosa ao Conde de Viana; Béja ao Mestre de Sant-Iago; e as das outras Provincias aos seus Alcaides Móres. Nomeou para Almirante da Armada ao Con-

Era vulg. 1381

Era vulg. Conde D. Joaõ Affonſo Tello, irmaõ da Rainha; primeiro preſagio da ſua infelicidade pela ignorancia do Chéfe nas manobras de mar, e guerra, que tudo hia aprender da diſciplina de hum Cabo ſugeito ás ordens do Conde.

O de Arrayolos em Elvas quiz deſpicar a injuria, que nos fizeraõ os Meſtres de Alcantara, e Sant-Iago, talando a campanha de Badajóz. Elle convidou para a empreza ao memoravel Gil Fernandes, que depois da occaſiaõ, em que ſe fingio o Infante D. Joaõ, os Caſtelhanos ouviaõ o ſeu nome com reſpeito. As trópas avançadas foraõ logo inveſtidas pela cavallaria de Badajóz, que fez parar o Conde para ver como os ſeus ſe retiravaõ. Gil Fernandes o inſtava para que ſe avançaſſe ſobre os inimigos; mas o Chéfe biſonho ficou immovel ſem ſaber determinar-ſe. O bravo Gil, naõ podendo ſoffrer a affronta á ſua viſta, com vinte de Cavallo ſe lançou aos inimigos como hum raio, e depois de matizar o campo de ſangue, os metteo ás lançadas pelas portas de Bada-

józ,

józ, donde ſe recolheo com a reputa- Era vulg.
çaõ renovada, cheio de gloria.

Penetrou-ſe o Rei D. Fernando da frouxidaõ do Conde de Arrayolos, e ordenou a D. Nuno Alvares Pereira, que na idade de 20 annos ſe fazia recommendavel entre os homens, deixaſſe a Provincia do Minho, e foſſe ſervir em Portalegre ás ordens de ſeu irmaõ o Prior do Crato para ſe achar com Gonçallo Vaſques de Azevedo na invaſaõ, que o mandava fazer no Paiz inimigo, em ordem a reparar a quebra do Conde. Já as trópas deſtinadas para a empreza eſtavaõ em marcha, e houveraõ de ſuſpendella pela noticia, de que o Infante D. Joaõ de Portugal, que ſervia em Caſtella, chegára com exercito poderoſo a Badajóz para ſe unir a D. Fernando Oſores, Meſtre de Sant-Iago, e formarem ambos o ſitio de Elvas, deſtinado para a abertura da campanha. No principio de Julho apparecêraõ elles á viſta da Praça com grande ſentimento do Rei D. Fernando, que tinha determinado ſer o primeiro em ſitiar

Ba-

Era vulg. Badajóz ; mas ſe eſte peſar o affligia, elle neceſſitou de todo o esforço do eſpirito para ouvir a nova infeliz da perda da ſua armada.

Embarcáraõ nella ſeis mil homens de tripulaçaõ com muitos Fidalgos da primeira diſtinçaõ do Reino, ambicioſos de honra, que foraõ perder debaixo do commandamento de hum homem, que fiava os bons ſucceſſos da vaidade de ſer irmaõ da Rainha D. Leonor. Fernaõ Lopes lhe córta os elogios pelas medidas do merecimento. Elle ſe naõ embaraçou com a falta de déz galés, que deixou divertidas em ver peſcar os maritimos do Algarve; e dando aſſim a ſuperioridade aos inimigos, que o eſperavaõ ſurtos; ſem ordem, nem fórma de batalha, os inveſtio. O deſtro D. Fernando Sanches de Toar foi ſuſtentando o impeto dos noſſos, que ſoldados, e chéfes de ſi meſmos, moſtravaõ que eraõ Portuguezes. Quando obſervou a confuſaõ opportuna aos deſignios, atacou-nos com toda a força, e ſem perda de vidas, mas com muitos feridos, tomou

to-

todas as galés com o Conde Almirante, que conduzio a Sevilha. Gil Lourenço do Porto, que governava huma galé, vendo a desordem com que o Conde envestia, a vantagem dos Castelhanos, a confusaõ da batalha, e tudo perdido; voltou a prôa, e veio a Lisboa dar a infausta noticia para impedir a sahida das náos, que se faziaõ prestes para reforçar a armada. Era vulg.

Huma perda taõ consideravel encheo de furor os Póvos do Reino, que clamavaõ contra a injustiça da guerra; pela lastima dos Lavradores, que metteraõ forçados na chusma da armada; contra os parentes da Rainha, que sem talentos, nem capacidade os punhaõ nos empregos para perderem o Reino; e outras vozes semelhantes, que detestavaõ a guerra como effeito da veleidade de hum animo, que dava precedencias ao seu gosto com desprezo dos interesses da Monarquia. O Rei disfarçou o sentimento na perda de tantos vassallos, e de desanove galés com a chegada de 48 náos Inglezas ao porto de Lisboa, em que vi-

nhaõ

Era vulg. nhaõ o Conde, e Condeça de Cambrix, e ſeu ſobrinho o Principe D. Duarte, de ſeis annos de idade, que ſe deſpoſou com a Infante D. Brites, que contava dez; mas como as palavras eraõ de futuro, ſobrevieraõ os contingentes, que com facilidade alteráraõ o contrato, como moſtraráõ os ſucceſſos. Com tanta tranquillidade, e magnificencia ſe fez eſta ceremonia, como ſe o Reino eſtiveſſe gozando a aura benigna da paz: porém os prazeres mudáraõ a face com tanta preſſa, quanta foi a fealdade no ſemblante da guerra.

O Rei de Caſtella, que eſtava na Beira, tinha tomado Almeida, e os ſeus Generaes ſitiavaõ Elvas, e Miranda, que ſe rendeo; com a noticia da chegada dos Inglezes, mandou levantar o cerco de Elvas, ajuntar as trópas, e pôr-ſe prompto a obſervar os noſſos movimentos. Para moſtrar aos Inglezes, que naõ os temia, eſcreveo ao Conde de Cambrix huma carta de deſafio, em que ſe obrigava a buſcallo duas jornadas dentro

tro de Portugal para igualarem o trabalho das marchas, e achar-ſe em proporçaõ conforme para a batalha. Naõ reſpondeo o Conde; mas o Rei mais picado, mandou ao Almirante Toar, que com a armada ſahiſſe de Sevilha, e a todo o riſco entraſſe no porto de Lisboa, e queimaſſe, ou fizeſſe priſioneira a Frota Ingleza. Hum dos dous deſtinos lhe dera Toar ſe ella naõ ſe recolheſſe no rio de Sacavem, que foi defendido por duas groſſas cadeas na ſua bocca, muitas vezes enveſtidas pelo Almirante Caſtelhano; mas como naõ as pode romper, elle ſe recolheo a Sevilha, e a armada para Inglaterra, deixando entre nós, nos Inglezes, inimigos muito mais crueis, que os Caſtelhanos. Era vulg. 1382

Naõ ſe cançaõ os noſſos Chroniſtas de encarecer as atrocidades, que eſtas trópas auxiliares cometteraõ em todos os terrenos de Portugal, por onde andáraõ. O Povo afflicto ſe contemplava atacado por duas guerras, mais intoleravel a dos Inglezes por contínua, ſem gloria, nem reſiſtencia.

Era vulg. 1382 cia. Preparava-ſe a campanha futura, e D. Joaõ, Meſtre de Aviz, com os Inglezes fez huma entrada por Caſtella com ruina dos Lugares de Lobon, e Cortijo. D. Joaõ de Caſtella penſava deſcarregar o golpe com mais força, e para elle lhe deo occaſiaõ a marcha do Rei para a Provincia do Alem-Téjo, com deſconſolaçaõ extrema dos moradores de Lisboa, que olhavaõ eſta retirada como huma fugida, que os deixava expoſtos a ſoffrer os tratamentos mais duros dos Caſtelhanos. Víraõ elles entrar pela barra as duas armadas de Sevilha, e Biſcaia compoſtas de oitenta vaſos, que faziaõ huma perſpectiva apparatoſa, e guerreira. Deraõ fundo, e ſem reſiſtencia do Governador Gonçalo Mendes de Vaſconcelos, parente, e criatura da Rainha, deſembarcavaõ; paſſeavaõ affoutos pelo campo de Santa Clara, e foraõ pondo fogo a tudo deſde os Paços de Xabregas até Villa-Nova da Rainha, ſem que o ecco de tantas ruinas deſpertaſſem o Governador do ſeu lethargo.

In-

Informado D. Fernando dos damnos, que os inimigos faziaõ em Lisboa, mandou depôr do Governo ao insensivel Gonçalo Mendes, e substituillo pelo Prior do Crato, que marchou de Evora com seus bravos irmãos D. Rodrigo, D. Fernando, D. Joaõ, e D. Nuno Alvares Pereira, que entaõ mostrou nas gentilezas do seu espirito as muitas, que os Castelhanos podiaõ esperar delle em todas as occasiões. Já os desembarques naõ eraõ taõ frequentes, depois que o Prior fez em postas huma partida, que fora saquear Sintra. Seu irmaõ D. Nuno fez na armada mais vulgar o terror, quando no choque de Alcantara, com poucos cavalleiros, elle cahido com o cavallo em terra, forçou hum corpo de trópas muitas vezes dobrado a embarcar-se fugindo; deixando no campo muitos mortos, e presos: Primeira acçaõ façanhosa de D. Nuno, que o encheo de reputaçaõ, e foi presagio feliz das muitas, para que os fados o guardavaõ, e hoje saõ hum pregaõ illustre da fa- Era vulg.

Era vulg. ma, que anima o decóro dos Fastos de Portugal.

Quando em Lisboa succediaõ estas cousas, os dous Reis em pessoa estavaõ com as suas forças sobre a fronteira de Elvas, e Badajóz; esperando-se a cada instante ouvir a noticia de huma batalha. Face á face se achavaõ os dous Rivaes com semblante de investir-se, quando de repente, sem a intervençaõ de Ministros, sem que até hoje se saiba quem a rogou, a paz se ajusta entre ambos os Reis. Os campos, prestes a combater, ficáraõ pasmados; os Inglezes atonitos; e como elles eraõ os mais prejudicados nos ajustes, se os soffrêraõ pacientes com o temor de quem estava em casa alheia, naõ os podêraõ levar callados, e hum suçurro vago arguia de leveza a resoluçaõ, que derrotava as promessas precedentes. Publicou-se a paz, e ouviraõ os Inglezes a primeira condiçaõ, que era o casamento da Infante D. Brites, já desposada com o seu Principe Duarte, agora novamente promettida a Henri-

rique, filho do Rei de Caſtella. As mais condições foraõ a entrega das Praças; a reſtituiçaõ das galés tomadas na batalha, que fica referida; a liberdade dos priſioneiros; e fornecer o Rei de Caſtella as náos neceſſarias, que conduziraõ os Inglezes ao ſeu Reino com a grande gloria, que tiráraõ deſta empreza. Era vulg.

Parece ter pouca dúvida, que o Rei de Caſtella naõ perdoou a diligencia para conſeguir eſta paz, para elle mais vantajoſa, que muitas victorias, ſe continuaſſe a guerra. Elle juſtamente devia temer a proclamaçaõ do Duque de Lancaſtro ao Throno de Caſtella, que fora feita no meio de hum exercito, e a que elle naõ podia prevêr as conſequencias. Os mais Artigos, eſpecialmente o do caſamento da Infante herdeira, todos ſe faziaõ reſpeitoſos. Porque aſſim o conheceo o Meſtre de Sant-Iago, quando vio o Rei duvidoſo em aſſinar o Tratado com a clauſula da reſtituiçaõ das galés, e que os Miniſtros Portuguezes o ameaçavaõ com a continuaçaõ da guerra

 ſe

Era vulg. ſe nella naõ convinha: O Meſtre lhe diſſe reſoluto: Que reparaes, Senhor, por vinte e duas galés em eſtado de naõ ſervir, que nada valem, e por naõ dares cinco náos de tranſporte aos Inglezes, quereis perder a importancia deſta paz. Tal naõ fareis; que ſe iſſo he por evitares as deſpezas, a minha Ordem as pagará. Fallando aſſim, reſpeitoſo, tomou a maõ do Rei, como quem o forçava a aſſinar o Tratado, que com effeito aſſinou.

CAPITULO II.

Valimento de Joaõ Fernandes Andeiro com a Rainha, e perſeguiçaõ contra D. Joaõ, Meſtre de Aviz, que o repróva.

HUM anno havia que Joaõ Fernandes Andeiro eſtava occulto em Eſtremoz no meſmo Palacio, aonde ſe hoſpedavaõ os Reis. Aqui eraõ frequentes as occaſiões para a muita converſaçaõ, que ſobre ſer cauſa do menos apreço, ordinariamente avança

as facilidades notaveis, e notadas, que coſtumaõ ter conſequencias funeſtas. A Rainha D. Leonor converſou muito com Joaõ Fernandes Andeiro: Converſações notadas, notaveis, e muitas, origem da facilidade com que ſe dizia, que a maõ de Deos deſcarregára a pena de Taliaõ em D. Leonor, permittindo na ſua peſſoa com verdade o crime, que ella falſamente imputára a ſua irmã a infeliz D. Maria. Como a mina em tomando fogo naõ pode deixar de vaporar incendios; a Rainha quiz, que Joaõ Fernandes Andeiro pareceſſe em público, como moço galhardo, e gentil-homem, que era. Tudo quanto pertendeo conſeguio do Rei, que já entaõ, pelos ſeus muitos achaques, parecia cadaver; hum homem todo da morte. Á liberdade de ſer viſto ajuntou a Rainha a honra de o fazer Conde de Ourem, que eſtava vago pela morte de ſeu irmaõ. Era vulg.

Gonçallo Vaſques de Azevedo, que por ſua mulher, Camareira da Rainha, foi informado das converſa-

Era vulg. ções da meſma Senhora com João Fernandes: Fiado na authoridade de parente, cahio na imprudencia de lhe fazer advertencias por meio de humas ironias, que ſe no ſeu juiſo eraõ delicadas, para o goſto da Rainha tiveraõ muito de groſſeiras. Ella lhe prometteo logo, que lhe cuſtariaõ caro os conſelhos, que ſe mettia a dar de graça; e porque temeo, que Gonçalo Vaſques deſcobriſſe o que ſabia ao generoſo Meſtre de Aviz, que incapaz de ſoffrer injurias de muito menos porte, ou elle as deſaffrontaria, ou as participaria ao Rei para as vingar: Ella ſe determinou a perdellos. Os meios verdadeiros, que para eſte fim traçou a iniquidade, os ſeus authores o ſaberiaõ; mas a fama pública ſuſtentava, que foraõ duas Cartas fabricadas pela Rainha, e Andeiro, que provàraõ na preſença do Rei, como o Meſtre, e Gonçalo Vaſques eraõ dous traidores, que tratavaõ intrigas em Caſtella contra o Rei, e o Eſtado.

El-

Ella, cheia de complacencia, persuade ao incauto Principe a felicidade, e destreza com que o seu cuidado pode haver á maõ as ditas Cartas: quanto se deviaõ recear os dous inconfidentes, que emprendiaõ idéas temerarias fiados nos Infantes D. Joaõ, e D. Diniz, irmãos do Mestre, retirados em Castella: que devia segurar as pessoas dos traidores para delles se fazer justiça correspondente ao merecimento da causa. Como ainda durava a guerra quando isto aconteceo, facilmente se capacitou o Rei de quanto lhe quiz introduzir a Rainha; e sem mais exame, mandou a Gonçalo Vasques Coutinho, genro de Gonçalo Vasques de Azevedo, que ao Mestre, e a seu sogro os levasse do Paço, aonde estavaõ, para o Castello da Cidade, que era a de Evora. Vasco Martins de Mello, Alcaide Mór da Cidade, tratou os presos conforme as ordens, que recebêra; mas advertido, e prudente, elle soube guardar o Deposito, que a Providencia amparava para honra, e liberdade de Portugal, quan-

Era vulg.

Era vulg. quando o deſacordo de huma mulher furioſa o queria fazer victima da ſua indecencia.

Na meſma noite da priſaõ foi ao Caſtello hum criado da Rainha, e apreſentou a Vaſco Martins hum Decreto falſo, em que o Rei mandava, que logo, ſem demora ſe cortaſſem as cabeças aos dous preſos. Vaſco Martins, que deſconfiou do Decreto, e do menſageiro, reſpondeo, que executaria as ordens. Paſſadas poucas horas voltou o meſmo emiſſario a ſaber ſe as execuções eſtavaõ feitas, e informado, que naõ; tirou por outro Decreto mais forte, que apreſſadamente as ordenava, e o emiſſario com vivas perſuasões as requeria. Vaſco Martins o deſpedio, dizendo: Que era meia noite, hora incompetente de fazer juſtiça: que naquelles Decretos poderia haver paixaõ, e queria, que o Rei déſſe lugar á ira: que pela manhã o informaria do que paſſava, e entaõ executaria as ordens, quando da Peſſoa do Rei as recebeſſe. Aſſim derrotou o ſabio Vaſco Martins as in-

intrigas malvadas, que aſſombráraõ o Rei, quando vio furtadas as ſuas firmas; mas com o aſſombro ſe ſatisfez, e foi-ſe para o Vimieiro deixando os innocentes preſos em Evora. Era vulg.

A Rainha que ponderava fruſtradas as ſuas idéas, e temia que os preſos brevemente ſeriaõ ſoltos, quiz fazer ſeu eſte negocio para obrigar o Meſtre; tratou, conſeguio a ſoltura, e na auſencia do Rei deo hum dia de jantar ao Meſtre. Elle ſe approveitou da conjuntura para lhe perguntar a cauſa da ſua priſaõ, que a Rainha naõ teve dúvida de imputar a Vaſco Porcalho pelo aleive, que lhe levantára na preſença do Rei, aſſegurando as ſuas correſpondencias em Caſtella, e a guerra que com os Infantes ſeus irmãos tratava de fazer a Portugal; mas que D. Fernando eſtava informado da falſidade de Porcalho. Outros preſumem, que a Rainha em nada contribuíra para a liberdade dos preſos, antes chegára aos pontos da ultima deſeſperaçaõ, quando os vio ſoltos; e naõ ſabendo a que attribuiſſe eſta re-

Era vulg. resoluçaõ do Rei, ajuntou á violencia do seu segredo a simulaçaõ da sua politica.

Naõ faltáraõ ao Mestre criados zelosos, e valentes, que quizessem tirar a vida ao Commendador Mór de Aviz Vasco Porcalho pelo testemunho, que a Rainha assegurava tinha levantado a seu Amo: mas elle, que conhecia a duplicidade daquella Senhora, os deteve, e persuadio guardassem o seu valor para o empregarem em occasiaõ mais justa. Com tudo, este espirito sublime, occupado da injustiça que se lhe acabava de fazer, vivamente se queixou ao Rei, e em público pedio lhe dissesse a causa da sua prisaõ. D. Fernando, que naõ tinha alguma com que a cohonestar, e ainda que já conhecia o caracter da Rainha, o amor naõ lhe dava lugar a arguilla, voltou ao Mestre em tom magestoso: Que elle tivera por conveniente obrar assim com a sua pessoa, para que conhecesse o mundo o poder, que tinha sobre elle. O Mestre, que sentio, mas naõ se perturbou com es-

eſta incoherencia, reſpondeo retirando-ſe: Deſde que vos reconheci por meu Rei, Eu creio que he aſſim o que me dizeis. Era vulg.

Ainda naõ ſatisfeito o heroico Meſtre com eſtas diligencias, que fizera para ſoldar a quebra da ſua honra offendida; pelas eſquinas das ruas de Lisboa amanhecêraõ muitos carteis, em que deſafiava a todos aquelles, que ſem reſpeito á ſua alta qualidade, tiveraõ o atrevimento de dizer, que elle havia faltado aos deveres da ſua fidelidade, e á veneraçaõ que conſagrava ao Rei ſeu irmaõ. Como a grande Dignidade deſte Principe punha a todos os ſeus inimigos fora da claſſe de reſponderem a eſtes carteis para medirem as eſpadas: Os Officiaes da ſua caſa fixáraõ huma Carta geral de deſafio, em que ſe offereciaõ a bater-ſe com quantos ouſaſſem a macular a integridade dos procedimentos de ſeu Amo. Naõ houve peſſoa, que tiraſſe a cara a eſtes arreſtos, tanto do Meſtre, como dos ſeus criados; porque D. Leonor, ſobre ſer Rainha,

era

Era vulg. era mulher, que naõ podia ſahir a campo, e eſte ſem combate ficou livre ao Meſtre para celebrar a victoria.

Dous mezes depois deſte ſucceſſo chegou a Portugal a noticia da morte da Rainha D. Leonor de Caſtella, Infante de Aragaõ, a primeira Senhora deſte nome fatal ajuſtada a caſar com o Rei D. Fernando: ſucceſſo, que pôz em inquietaçaõ o eſpirito dos noſſos Soberanos; o do Rei com hum objecto novo para o exercicio da ſua variedade; o da Rainha penſando no Pai genro mais poderoſo, que o filho para ſe ſuſtentar na authoridade depois da morte do marido, que para ella corria accelerado. O meſmo foi conceber-ſe a idéa, que reſolver-ſe os Reis á execuçaõ della, ſem duvidarem na rotura do Tratado freſco, nem em offerecer a Infante ao Rei viuvo, que podia naõ ſe lembrar de pedir para eſpoſa a Princeza, que acabava de ajuſtar para nora. O favorecido Joaõ Fernandes Andeiro, Conde de Ourem, foi nomeado para Embaixador Extraor-

ordinario de huma commissaõ, que por lhe ser taõ vantajosa aos intentos, a havia trabalhar com os maiores esforços. Era vulg.

Sahio este homem de Portugal com metade da Corte lisongeira, formando-lhe huma equipage taõ soberba, e magnifica, que entaõ se dizia em ambos os Reinos a altas vozes: Que Andeiro marchava em Rei, e que o Rei ficava Andeiro. A despeza excessiva, que D. Fernando fez nesta occasiaõ para o Ministro apparecer pomposo em Castella, foi no Reino assumpto da geral murmuraçaõ, que se nutria com a lembrança de outras profusões indiscretas, e remataváõ com a presente o vulto de huma prodigalidade sem medida. No lugar do Pinto junto a Toledo fez Andeiro ao Rei D. Joaõ as propostas, de que hia encarregado. Ellas adoçáraõ bem promptamente a tristeza, que o Rei mostrava ter concebido pela morte da Rainha sua esposa. Elle nomeou para seu 1383
Embaixador á nossa Corte a D. Joaõ Garcia Manrique, Arcebispo de Compos-

Era vulg. poſtella, que foi eſperado em Almeida, e conduzido a Lisboa pelo ſeu Biſpo D. Martinho; e como naõ ſe ignorava o negocio a que vinha o Arcebiſpo teve audiencia prompta.

As condiçóes do novo caſamento foraõ ajuſtadas nas primeiras deliberaçóes, porque a vehemencia dos deſejos mutuos naõ davaõ lugar a demoras longas. Por eſte Tratado foi concluido: Que ſe o Rei D. Fernando falleceſſe ſem filho varaõ, que a Infante D. Brites ſeria Rainha de Portugal: Que o filho primogenito, que della naſceſſe, lhe ſuccederia na poſſe deſte Reino: Que ſe ella naõ tiveſſe ſucceſſaõ, ſeu marido herdaria Portugal para ſi depois da morte de ſeu ſogro D. Fernando: Que tambem eſte ſeria Rei de Caſtella na falta dos filhos, que D. Joaõ já tinha da primeira mulher, dos que podia ter da preſente, e das outras futuras, ſe mais vezes caſaſſe. Em fim, eſta infeliz Infante, depois de ſer promettida a D. Fredirico, irmaõ de Henrique de Caſtella, a D. Henrique, e D. Fernando, filhos

do

do Rei actual do meſmo Reino, a D. Duarte, filho do Duque de Lancaſtro, veio a caſar com o viuvo D. Joaõ I. para carretar a Portugal trabalhos, que ſe a Providencia quiz fazer glorioſos, os meios de lhes colher os fructos foraõ taõ aſperos, que ſe fariaõ intoleraveis a outra qualquer Naçaõ, que naõ foſſe a Portugueza. Era vulg.

No dia 30 de Abril ſe celebráraõ as vodas na Capella Real, e ſe determinou o da partida, a que naõ pode aſſiſtir o Rei, já neſte tempo em eſtado laſtimoſo, que lhe prognoſticava a brevidade da morte. A Rainha com toda a Corte marchou para a fronteira de Elvas, aonde ſe havia fazer a entrega da nova Rainha de Caſtella a ſeu marido, que mandou a ſeu filho o Infante D. Fernando para aquella Praça em refens á Rainha de Portugal, em quanto naõ conſummava o matrimonio. Nos planos entre Badajóz, e Elvas ſe armáraõ tendas magnificas de campanha, aonde haviaõ aſſiſtir as duas Cortes na funçaõ da entrega. Neſte lugar deo o Rei o juramento, que

Era vulg. que entaõ ſe coſtumava, ſobre huma Hoſtia conſagrada de guardar todas as condições eſtipuladas no Contrato matrimonial: ceremonia, que D. Fernando já tinha cumprido da ſua parte. Depois veio o Rei receber as Rainhas ás portas de Elvas, por onde ellas ſahíraõ a cavallo, e acompanhadas de ambas as Cortes, chegáraõ ao campo, aonde jantáraõ.

Aqui ſuccedeo hum caſo memoravel, que qualificou de auſada a corage inimitavel de D. Nuno Alvares Pereira. Comêraõ os Reis com o Meſtre de Aviz a huma meza. Os Senhores tinhaõ preparada outra em frente das dos Principes, que foi occupada pelos Grandes das duas Cortes, ſem ſe lembrarem de D. Nuno, e de ſeu irmaõ, que paſſeavaõ na tenda, e ficáraõ ſem lugar. D. Nuno incapaz de tomar eſta deſatençaõ por caſual, diſſe ao Prior ſeu irmaõ, que ſe recolheſſem; mas que antes queria moſtrar a Portuguezes, e Caſtelhanos, que os homens como elle naõ ſoffriaõ deſcortezias. Diſſimulado foi continuando

o

o passeio por junto da meza, e quando esteve em proporçaõ, de hum encontro deo com ella em terra. Todos os assistentes se perturbáraõ, nenhum se moveo, e D. Nuno sem alterar o passeio, foi sahindo com seu irmaõ. O Rei, que ao grande estrondo da quédá, reparou na meza cahida; vio o socego com que D. Nuno se retirava; cheio de perturbaçaõ perguntou, que homem era aquelle. Informado de todos, que era D. Nuno Alvares Pereira; do motivo, que em acto taõ respeitavel o obrigára a tomar huma satisfaçaõ taõ estranha, disse: Elles vaõ muito bem vingados; e homem que na minha presença tem ousadia semelhante em desaggravo da sua honra, he digno de louvór, porque tem coraçaõ para muito. Os successos posteriores mostráraõ a este Principe, que elle profetisára sobre a cabeça propria. Naõ teve mais consequencia esta temeridade de D. Nuno, que algum dia seria lembrada do Rei de Castella com o arrependimento de naõ lhe levar nesta occasiaõ a cabeça espetada Era vulg.

Era vulg. na ponta da lança, para impedir as muitas dos vaſſallos proprios, que elle cortou com a ſua eſpada.

Os prazeres deſta feſta correſponderaõ á grandeza precedente, que os preparára; e acabada a funçaõ, o Rei de Caſtella acompanhou a Rainha de Portugal até Elvas, donde voltou para conduzir a eſpoſa a Badajóz. Eraõ ſoberbos os preparos, que na Cidade ſe tinhaõ feito para eſte recebimento. Nella quiz o Rei, que foſſem dadas com aſſiſtencia dos Biſpos Portuguezes, e Caſtelhanos as bençãos nupciaes á Rainha. Sahio o Rei do Paço a cavallo, e a Rainha em huma haquenea magnificamente aderaçada, que levavaõ de redea ao ſeu lado eſquerdo Leaõ V. Rei da Armenia, que tinha vindo a Heſpanha da ſua priſaõ de Babylonia; ao eſquerdo D. Joaõ Meſtre de Aviz, ſeguidos aos meſmos lados do Infante de Navarra D. Carlos, e de hum Grande de Caſtella, todos a pé. Feita a funçaõ, o Rei de Caſtella diſtribuio gratificações copioſas pelos Fidalgos Portuguezes, que ſentindo ſerem chega-

gadas as veſperas do ſeu Reino recahir na dominaçaõ Caſtelhana, já lhe choravaõ as exequias nas liberalidades profuſas mandadas fazer pelo Rei D. Fernando aos Caſtelhanos, que deixavaõ eſgotados os eſpiritos do Eſtado. As ſuas medidas ſe podem córtar ſó pelas que neſta occaſiaõ recebeo D. Affonſo Moxica, que levou da noſſa para a ſua caſa 30 mil marcos de baixella de prata, 30 marcos de ouro, 30 cavallos, e 30 machos precioſamente ajaezados, excellentes tapeſſarias, e a propriedade da Villa de Torres Vedras. Era vulg.

Ceſſáraõ as liberalidades de D. Fernando poucos dias antes da ſua morte: teve fim o trabalhoſo negocio do caſamento de ſua filha, e quando hum fogo lento lhe hia conſummindo a vida, outro mais ardente lhe atiçou voraz o do odio contra o deſcomedido Joaõ Fernandes Andeiro, objecto do eſcandalo geral do Povo. Determina o Rei deſcartar-ſe deſte phantaſma eſtrangeiro, que ſubmettia ao medo tantos eſpiritos heroicos,

Era vulg. e para a façanha de lhe dar a morte; só entende com desembaraço a seu irmaõ o Mestre de Aviz. Elle lhe escreve, e dá as razões, que o obrigaõ a pedir-lhe, que humas mãos taõ honradas como as suas, sejaõ o instrumento do seu desaggravo, lavando-as no sangue de Andeiro. O Secretario confidente, que fez a Carta, antes de a fechar lhe representa: Que pondere as qualidades do espirito sublime do Mestre, que se já era amado do Povo, por esta occasiaõ, em que elle o mettia, ficaria adorado: Que as resultas poderiaõ ser funestas, naõ havendo no Reino Successor varaõ, e por isso se deviaõ prevenir as contingencias futuras. Produzíraõ estas lembranças os seus effeitos; queimou-se a Carta, e tanto na consideraçaõ do Rei, como no juiso do vassallo pesou menos a publicidade da affronta, que dar huma occasiaõ ao Mestre de se fazer espectavel. Porém a vingança a que o Rei o escusou na vida, elle saberá tomalla honrado depois da sua morte.

CA-

Era vulg.

CAPITULO III.

Caracter do Rei D. Fernando, sua morte, e sepultura.

BEM ao largo trataõ os nossos Chronistas os defeitos humanos do Rei D. Fernando, e todos fazem á sua memoria a injustiça de passar em silencio as suas boas qualidades, com especialidade a bella ordem, que elle estabeleceo no interior do Reino. Digaõ que elle foi hum prodigo, incerto nas resoluções, com variedade, e ainda fraqueza nos modos de se conduzir; mas naõ se esqueça, que elle reprimio o luxo, a demasia do trem, que já entaõ começava a arruinar as casas, e o Estado. Os jogos, que saõ outra peste das Repúblicas, elle os abollio por meio de penas severas. Os vagamundos eraõ o seu rancor; castigava a huns; fazia trabalhar os outros, e os que eraõ verdadeiramente invalidos, os sustentava de sua fazenda para naõ importunarem os Póvos

com

Era vulg. com os clamores da mendicidade. Zeloſo pela conſervação do Eſtado, que ſentia o exceſſo das acquiſições das Ordens Regulares, publicou hum Edito, que as taixaſſe, antes que a ſua liberdade em poſſuir o deſpojaſſe dos meios para ſe conſervar.

Com a meſma idéa regulou as diſpoſições teſtamentarias, para que contribuia mais a prevenção, e maximas dos intrigantes, que a vontade dos moribundos; forçados huns, outros perſuadidos a que a vida, que ſe lhes acabava, elles a eternizaſſem na memoria das paredes de hum Moſteiro, que lhes ſerviria de Padrão immortal, ainda que os parentes mais chegados ficaſſem reduzidos ao eſtado triſte da pobreza, que riſca na alma os caracteres da honra; ou ſe alguma couſa lhes deixavão, em lugar de huma ſucceſſão proveitoſa, erão muitos pleitos impertinentes. Aſſim taixou á juſtiça limites á cubiça daquelles, que devem eſtimar a pobreza Evangelica pelo ſeu theſouro; daquelles a quem o deſprezo do mundo coube em par-

ti-

tilha, e escolhêraõ a nudez por galla da sua virtude. Era vulg.

Porém o Rei attento a este genero de pobres, que a vocaçaõ, ou a eleiçaõ despojou dos teres, e haveres do seculo, do amor ás frias vozes meu, e teu; como a sua equidade natural nos seus juisos parecia dar huma nova força á authoridade Real: Elle permittio, que os testadores podessem dispôr de huma tal porçaõ de dinheiro a favor das Casas Regulares, por naõ ser justo, que ellas sentissem hum prejuiso continuado no esquecimento perpetuo, nem os Christãos fossem privados do merecimento de deixar os seus legados, que saõ huns meios approvados por Deos para a expiaçaõ das culpas. A estas disposições saudaveis se seguíraõ outras respectivas ao commercio, á Navegaçaõ, á Agricultura, que fizeraõ o Reino florescente, e fornecêraõ meios ao Rei para exercitar as liberalidades monstruosas, que viraõ em todas as occasiões Portugal, Castella, e Aragaõ.

Era vulg.

Depois de tantas acções brilhantes nada mais faltava a D. Fernando para completar huma grande obra, que reparar as Praças confideraveis da Monarquia. Elle o conſeguio venturoſsamente com muitas, em que deſpendeo theſouros com largueza igual ao goſto. Nas muralhas de Lisboa, Evora, e Santarem ſe conſervaõ as memorias do ſeu nome, e os veſtigios magnificos da ſua liberalidade. Como a ſua Capital elle a queria, naõ ſó forte como já fora, mas reſpeitavel, e formoſa como a ſua grandeza pedia, a nada perdoou para o conſeguir. Em Evora, ſe ſe lhe nota, que arrazou a fortificaçaõ dos Romanos, que defendia a Cidade com o reſpeito, para levantar a ſua: nos ultimos tempos, de nada ſerviria o reſpeito da dos Romanos, ſe a fortaleza da ſua naõ fizeſſe Evora tantas vezes reſpeitavel aos noſſos inimigos. Os trabalhos de Santarem, e de Coimbra naõ merecêraõ menos de exactidaõ, e de cuidado. Mas o que ſobre tudo aſſombra he, que obras taõ grandes,

taõ

taõ uteis aos Pόvos, taõ gloriofas para o Reino, que pediaõ efpaços taõ longos, como eraõ immenfas as defpezas, ellas foraõ acabadas no termo breve de dous annos. Era vulg.

Huma ordem taõ bella, que D. Fernando eftabelecia no feu Reino, naõ fó lhe adquirio a felicidade de fer geralmente amado; mas nós a devemos entender pela próva mais decifiva do defejo, que elle moftrou de reparar no fim da vida os defeitos, que naõ ignorava lhe eraõ notados defde os principios do feu Governo. Demonftraçaõ alguma de fenfibilidade fobre elles occultou efte Principe á vifta dos feus vaffallos. A mais indifferente das fuas acções a propunha á idéa taõ cheia de enormidade, que gradualmente lhe foffe elevando o pefar a refpeito das outras, que neceffitavaõ na realidade de compunçaõ mais viva para fazer efficaz o arrependimento. No burel do habito de S. Francifco, que naõ defpio em todo o refto dos feus dias, e decurfo da doença, tinha huma fé taõ forte, e huma devoçaõ taõ ar-

Era vulg. ardente, que o regava com lágrimas de ternura, que fazem fructos dignos de penitencia. Nada havia em que naõ encontrasse delicadezas de violencia hum Rei, que com a sua bondade igualava a Religaõ com as boas intenções.

Sobre muitas virtudes sublimes remontou D. Fernando à da constancia heróica com que supportou os ataques da sua longa molestia, a acerbidade das dores, as visinhanças da morte. Algum dia bastava vêr D. Fernando entre os homens para se conhecer, que era Rei. Agora as queixas o reduzíraõ a estado, que até a figura de homem destruíraõ; mudada a especiosidade em lastima; imagem humana, que passou com a figura do mundo, que voa. Nesta situaçaõ triste o Rei D. Fernando naõ se esqueceo de dispôr a beneficio dos Officiaes da sua Casa, como bom Pai de Familias, que nas recompensas dá outros tantos testemunhos de generosidade a respeito daquelles, que bem o servíraõ. Elle arbitrou a cada hum fundos pro-

proporcionados, que para o resto da vida lhes produzisse o necessario para os commodos da passagem, sem o esperarem na demora das mercês futuras, que pela maõ do novo Amo poderiaõ naõ ser promptas. Era vulg.

Engraveceo o mal estando o Rei em Lisboa. Elle cuidou em se preparar para a morte, e em ordenar na vida as suas exequias. Em quanto a estas, como D. Fernando se mettia na ordem dos Reis, que no principio dos Governos o seu Povo, o seu Estado he o seu gosto, elle recusou todas as honras, que previo se poderiaõ fazer depois da mórte a huma pessoa do seu caracter. Antes de se apartar a alma, D. Fernando se partio do mundo, amortalhando-se em vida no habito do Serafico Patriarca, com o qual esperou a mórte animoso. Humilde até ao profundo do abatimento, rogou aos seus vassallos o encommendassem a Deos mettido no número dos seus inimigos; porque naõ lhes merecia outro lugar hum Rei dissipador do seu Estado, sempre entregue ás leis da

Era vulg. da complacencia propria ; mas que nisto sería mais heróico o seu merecimento , fazendo rogativas ao Ceo pelo seu mesmo adversario.

Desta natureza foraõ os ultimos, e felices sentimentos de D. Fernando, que os acompanhou de huma innundaçaõ de lagrimas devotas , de actos de Fé sublimes , de resignaçaõ catholica no acto de receber os Sacramentos da Igreja. Assim morreo o Magnifico Rei D. Fernando em Lisboa aos 21 de Outubro , com 38 annos de idade , e nove dias , e de Reinado 16 , nove mezes , e tres dias. Seu corpo foi depositado no Convento de S. Francisco de Lisboa , donde o leváraõ á sepultura , que elle mandou fazer em vida no Convento do mesmo Santo na Villa de Santarem com o Epitafio simples : Aqui jaz o mui nobre Rei D. Fernando , filho do mui nobre Rei D. Pedro , e da Infante D. Constança. A disposiçaõ natural se excedeo nelle com elegancia formosa em aspecto de Principe , em magestade evidente , em gra-

ça particular, que o diſtinguiaõ entre os outros homens. Era vulg.

Com a morte de D. Fernando eſquecêraõ em Portugal os ſeus deſconcertos de homem, que antes ſe lhe arguiaõ; as ſuas prodigalidades indiſcretas, que deixavaõ os theſouros eſgotados; as ſuas guerras ſem conſideraçaõ, que tantos damnos cauſáraõ aos Póvos; os ſeus amores inquietos com D. Leonor, que pozeraõ no Throno a huma vaſſalla deſatendidas muitas Princezas: e ſó lembravaõ as ſuas virtudes catholicas; a ſua piedade para com Deos; o ſeu reſpeito á Igreja Santa; a ſua indole benigna; o ſeu animo affavel, e brando, que ainda aos mais humildes agaſalhava; que aos deſvalidos ſoccorria; que o facilitava ao trato; que o inclinava a moſtrarſe ao Povo; que lhe deſterrava as idéas da vingança; que naõ lhe conſentia ſer avarento; que o forçava a paſſar de liberal a prodigo; e que era a origem do amor univerſal, mais neceſſario aos Principes, que as maximas de fazer-ſe temer.

Eſ-

Era vulg. Eſte Rei criou de novo os dous grandes empregos de Condeſtavel, e Marichal na occáſiaõ, em que reformou a Milicia, que ainda ſe conduzia pela fórma da antiga Luſitania. O ſegundo Condeſtavel foi D. Nuno Alvares Pereira, e o primeiro Marichal Gonçallo Vaſques de Azevedo. Para nós darmos noticia do exercicio deſtes cargos, he neceſſario ſabermos o modo do antigo Regulamento, que por elles foi reformado. Por ſucceſſaõ dos noſſos Luſitanos primitivos chegou até ao tempo do Rei D. Fernando o uſo de chamarmos ao exercito Hoſte; á ſua vã-guarda Dianteira; á ſua retaguarda Çaga; aos dous lados Coſtaneiras. Quando o Rei naõ eſtava preſente, o Alferes Mór commandava toda a Hoſte; mas quando aſſiſtia o Rei, o Alferes cobria, e governava ſó a Dianteira. A Hoſte ſe compunha da gente de pé, e cavallo, que combatia com differentes generos de armas de ferro, páo, fundas, béſtas, virotões, e outras de arremeço, que entaõ chamavaõ armatoſte. Os movimen-

mentos eraõ á proporçaõ do modo dos combatentes, e as divisões dos corpos se chamavaõ mangas, que se avançavaõ conforme a necessidade o pedia. Era vulg.

D. Fernando mudou os nomes, e fórma militar com pouca differença do que hoje se pratica. Fez da jurisdiçaõ do Alferes Mór tres empregos distintos, todos de grande authoridade. A elle sómente o encarregou de levar, e defender a Bandeira Real; e para o governo do corpo do exercito criou os cargos de Condestavel, e Marichal com muitos subalternos, que eraõ outros tantos Auditores, e Ajudantes, estes que serviaõ de receber as ordens, os outros de fazer justiça. A Dignidade de Condestavel principiou entre os antigos Romanos, donde passou o uso ás outras Nações, e ultimamente a Portugal no anno passado de 1382, em que o Rei D. Fernando criou o primeiro, que foi D. Alvaro Pires de Castro, Conde de Arrayolos, irmaõ da Rainha D. Ignez de Castro. A este se seguio o grande D. Nuno

Al-

Era vulg. Alvares Pereira, e dahi em diante se conservou sempre o emprego nos seus Descendentes até a Acclamação do Rei D. João IV., a cuja coroação assistio com o estoque o Marquez de Ferreira D. Francisco de Mello. Depois no juramento de seu filho o Infante D. Pedro para Regente, levou a mesma insignia o Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira.

Esta palavra, que val tanto como dizer Conde-Estavel, significava que o Condestavel era hum homem, que assistia sempre ao lado do Rei. No exercito era a primeira pessoa depois delle, se estava presente, e na ausencia fazia todas as suas vezes. Elle podia na guerra usar de guião, de maças, de heraldos, e de Estoque embainhado com a ponta para baixo, em differença do Rei, que o levava nú com a ponta para cima. As suas regalias são as mesmas dos Duques, o Coronel alto, o elmo direito, e dourado. Pertencia-lhe eleger Capitães, exploradores, guias, atalaias; marcar terreno ao exercito; resolver sem appellação os

ca-

casos de justiça; ter parte nas prezas, e unir nos Bandos públicos a sua voz á do Rei. Nas Praças, em que este assistia, tinha o Condestavel as chaves, e elle punha os preços aos generos, que os vivandeiros traziaõ ao exercito. O exercicio do cargo de Condestavel nas cousas concernentes á guerra, o daõ hoje os Reis ao seu arbitrio, nomeando Generaes, e Chéfes das Armadas a quem lhes parece, servindo elle de hum titulo honorario. Era vulg.

Do Marichal diz o Livro do Rei D. Diniz, citado no Capitulo XLVIII. Livro XXII. do VIII. Tomo da Monarquia Lusitana: Que depois de Condestavel he o maior, e mais honrado officio da Hoste, porque a elle pertence fazer muitas cousas, que tangem á governança da Hoste, segundo se dirá em diante; e bem assim dos que pertencem á governança da justiça, assim como ao Condestabre, e elle lhe póde dar, ou mandar a seu Ouvidor, que lhe dê provimento com direito. Este emprego nos tempos em

Era vulg. que fallamos, era huma justiça nos exercitos, que os fazia prover de agua, e lenha: que tinha a seu cargo exercitar os soldados nas evoluções militares; Castigar-lhes os crimes: Que tinha as chaves das pórtas das Praças; rondava as sentinellas; fornecia mantimentos aos campos; examinava os pesos, e medidas; tinha inspecçaõ juntamente com o Condestavel em todos os negocios civís, e criminaes do Exercito. O primeiro Marichal de Portugal foi, como disse, Gonçalo Vasques de Azevedo, Senhor da Lourinhã, criado pelo Rei D. Fernando, e que pelo mesmo modo do Condestavel, veio a parar em titulo simples de honra, que os Reis deraõ a alguns Fidalgos; porque no exercicio lhes succedêraõ os Tenentes Generaes, que saõ as segundas pessoas dos exercitos.

Além destes empregos, e das innumeraveis mercês, e gratificações, que o Rei D. Fernando fez em sua vida, como eu deixo referido: Elle foi o primeiro, que augmentou o número-

mero, e deo fórma aos Titulos, que até entaõ eraõ raros, e tinhaõ pouca authoridade no Reino do tempo dos primeiros Reis até D. Diniz, e D. Pedro; eſte que fez Conde de Barcellos a D. Joaõ Affonſo de Menezes; aquelle que antes deo o meſmo Condado a D. Joaõ Affonſo de Albuquerque. D. Fernando porém, que naõ podia ter a liberalidadeocioſa, e aquelles dous exemplos o eſtimulavaõ a honrar os benemeritos: Elle nomeou Conde de Neiva, e Faria a D. Gonçalo Telles de Menezes, irmaõ da Rainha: Conde de Cea, e de Sintra a ſeu tio D. Henrique Manoel de Vilhena, filho baſtardo de ſeu Avô D. Joaõ Manoel, Principe de Vilhena: Conde de Barcellos, e Orenſe a D. Affonſo Telles de Menezes, filho de D. Joaõ Affonſo Telles, e porque morreo moço, deo o Condado de Barcellos a D. Joaõ Affonſo Telles de Menezes, irmaõ da Rainha D. Leonor: Conde de Arrayolos, Alcaide Mór de Lisboa, e Condeſtavel a D. Alvaro Pires de Caſtro, irmaõ da Rai- Era vulg.

Era vulg. nha D. Ignez de Caſtro : Conde de Ourem a Joaõ Fernandes Andeiro : Conde de Viana a D. Joaõ Affonſo Telles de Menezes , filho do Conde D. Joaõ Affonſo Telles , que os ſeus meſmos vaſſallos matáraõ na Villa de Penela.

Finalmente , o Gentil D. Fernando elegeo por deviſa o Emblema myſterioſo de huma eſpada , que do meſmo golpe atraveſſava dous corações , e por alma a letra : *Cur non Utrumque* : Se eſte Symbolo naõ fazia alluſaõ á ferida do amor , que com a meſma eſtocada penetrou o ſeu , e o coraçaõ de D. Leonor Telles para os unir , quando os deſpedaçava : Com elle quereria fazer entender , que a ſua penetraçaõ deſcobria as idéas occultas , que eraõ arcanos dos corações humanos , ainda que remontados para todo o exame , objectos de probabilidades á ſua perſpicacia , que teria a honeſta jactancia de ſaber prevenir deſignios naõ manifeſtos.

LIVRO XX.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Movimentos de Portugal no principio do Interregno, que se seguio á morte do Rei D. Fernando.

JÁ mais o Reino de Portugal, depois que teve Reis proprios, sentio os effeitos tristes, que a Anarquia costuma causar nos Estados. Diz o nosso Faria e Sousa com a sua costumada eloquencia nesta occasiaõ: Que filhos dos seus Reis viaõ os Portuguezes, e naõ lhes deixavaõ vêr Successores para o seu Reino as confusões, que se seguíraõ á morte do Rei D. Fernando. Pouco mais de anno e meio durou este Interregno; mas em espaço taõ curto corrêraõ aquellas confusões taõ apressadas, que alagáraõ o Reino com huma innundaçaõ de cala- Era vulg.

Era vulg. lamidades. Via-ſe nelle a D. Joaõ, Meſtre de Aviz, além de baſtardo, ſolemnemente profeſſo na ſua Ordem, bem longe dos penſamentos de reinar. Viaõ-ſe deſterrados em Caſtella aos Infantes D. Joaõ, e D. Dinis, que ſe tinhaõ deſnaturalizado, e tomado as armas contra a Patria. Via-ſe a Rainha D. Brites caſada com hum Rei eſtranho, que levava Portugal a dominio alheio com dor intoleravel dos Portuguezes, que a contemplavaõ filha de huma mãi aborrecida, e que naſcêra de hum adulterio. Todas eſtas meditações populares animáraõ o eſpirito intrigante da Rainha para ſe encarregar do Governo ſem oppoſiçaõ, até que os ſucceſſos correſſem o véo aos myſterios, que ſe occultavaõ no fundo dos animos.

Quando o Rei D. Fernando fez o caſamento de ſua filha em Caſtella, a uniaõ das Coroas foi entaõ olhada como hum evento muito ao longe, e como huma entidade, que parecia quimera. Agora que o acontecimento já ſe via de perto, el-

elle ſe temeo como huma realidade exiſtente, que perturbava os animos, e chamava pelas deſgraças. Dous eſpiritos, que eraõ os primeiros moveis para agitaçaõ das máquinas, que naõ poderiaõ retardar os movimentos, logo, e ſem demora deraõ aſſumpto para ſer geral a inquietaçaõ. O primeiro dentro em caſa, que era o da Rainha, ſentio menos a morte do Rei, que a poſſibilidade de perder o governo do Reino, e cuidou em promover toda a ſórte de meios, que entendeo proporcionados ao ſeu fim. O ſegundo eſpirito, que era o Rei de Caſtella, naõ teve paciencia para perder tempo ſem repreſentar a Portugal, que já lhe pertencia o dominio por ſua mulher a Rainha D. Brites, como herdeira. Era vulg.

No meſmo mez da morte do Rei D. Fernando mandou elle a Portugal a Affonſo Lopes de Tejada, e ao Arcediago de Cea pedir a ſua acclamaçaõ, e a da Rainha, que com effeito ſe fez em alguns lugares da fronteira; mas a Corte, e os Póvos mais princi-

ci-

Era vulg. cipaes o naõ conſentíraõ ; duros em ſe ſugeitar a huma dominaçaõ , que ſobre a impedirem as Leis fundamentaes do Reino , ella era taõ oppoſta aos ſentimentos vulgares da Naçaõ. Os noſſos Chroniſtas , eſpecialmente Fernaõ Lopes , trataõ ao largo o ſucceſſo, que em Portugal tiveraõ eſtas pertenções do Rei de Caſtella , que informado do que nelle ſe paſſava , e reſoluto a naõ perder tempo , nem a obſervar os Artigos do Tratado matrimonial , naõ tendo ainda ſucceſſaõ da Rainha , propôz no ſeu Conſelho: Se devia entrar logo por Portugal? Se o havia fazer pacifico , ou em tom de guerra ? D. Pedro Fernandes de Velaſco com os Fidalgos maduros , circunſpectos , e ſabios diſſuadíraõ ao Rei , tanto as armas , como a entrada no Reino , em quanto ſenaõ enchiaõ as condições do contrato de ſucceſſaõ. Os liſongeiros , moços , e inexpertos o perſuadíraõ tudo ao contrario ; mas o Rei , fazendo uſo da prudencia á viſta de dictames taõ encontrados , ſuſpendeo por entaõ a vehemencia dos de-

desejos para dar mais lugar ás refle- Era vulg.
xões.

Esta irresoluçaõ interina se rodeou, e occupou de outras imaginações, que fomentavaõ os sustos de ser possivel ao Rei de Castella deixar de reinar em Portugal. Elle tinha presentes dous objectos, que faziaõ naõ parecerem temerarios os seus juizos. Hum era o Infante D. Joaõ, que sabendo a noticia da morte do Rei seu irmaõ, podendo a seu salvo recolherse ao Reino, que anciosamente o desejava; foi tal a sua indolencia, que permaneceo immovel em Castella para agora ser preso, e posto em seguro, como tropeço o mais forte, que se entendeo impediria aos presumptivos Reis a sobida ao Throno. O outro foi o irmaõ do Rei D. Affonso de Noronha, Conde de Gijon, que estava casado com D. Isabel, filha bastarda do defunto D. Fernando; prendendo a ambos, e confiscando-lhes os bens, que tinhaõ em Castella, para que os Portuguezes naõ preferissem esta filha do seu Rei, e seu marido,

Era vulg. a elle, e a ſua mulher. As meſmas cautelas ſe uſárão com o Infante D. Diniz; e forão eſtas quatro victimas innocentes as primeiras, que o ciume do Rei de Caſtella ſacrificou á injuſtiça da ſua ambição.

Como a priſão dos dous Infantes, do Conde de Gijon, e ſua mulher davão ao Rei huma eſpecie de ſegurança a reſpeito das entreprezas, que elle entendia poderião intentar a ſeu prejuiſo: com as imaginações de herdeiro de ſeu Sogro D. Fernando, lhe mandou fazer honras magnificas na Igreja de Toledo, para que a pompa deſta ceremonia fizeſſe mais acceitavel a proclamação de Rei de Portugal, que ſe lhe havia ſeguir na meſma Cidade. Para a fazer exercitando o cargo de Alferes Mór, nomeou elle a Vaſco Martins de Mello, que tinha ido de Portugal em ſerviço da Rainha; mas o generoſo Fidalgo lhe reſpondeo: Que elle não podia acceitar a mercê, que Sua Alteza lhe fazia, porque era vaſſallo, e Guarda Mór do Rei de Portugal, que elle

ain-

ainda ignorava quem houveſſe de ſer; e no caſo de ſe declarar huma guerra em Caſtella, e Portugal, elle por caſo algum queria tomar armas contra a ſua Patria. Diſſimulou o Rei a magnanimidade de Vaſco Martins, e entregou a bandeira Real a Joaõ Furtado de Mendoça, que ſendo Caſtelhano, naõ duvidou acclamar Rei de Portugal ao ſeu Monarca, que devia ter propicio para a ſua fortuna. Era vulg.

Entaõ ſuccedeo o acaſo do pé de vento, que raſgou a bandeira, e ſeparou as Armas de Portugal, que eſtavaõ por baixo das de Caſtella. O ſuçurro do Povo foi o primeiro interprete deſte prodigio, que perſuadia a deſuniaõ dos Reinos na rotura da inſignia. O eſpirito da liſonja acodio com o remedio, antes que o ruido tomaſſe corpo, e lembrou ao Rei, que aquelle caſo ſuccedia: Porque as Armas de Portugal eraõ as chagas de Jeſu Chriſto que inconſideradamente ſe poſeraõ em lugar inferior ás de Caſtella: que ſe deviaõ collocar com igualdade para a reverencia evitar o deſtro-

Era vulg. ço. Aſſim ſe fez para continuar a acclamaçaõ, que ſe concluio em Toledo, e na Povoa com cortezia do vento, que reſpeitou na bandeira, as Armas poſtas no ſeu lugar devido, mais decente.

Feitas eſtas couſas em Caſtella, e aſſuſtado Portugal da revoluçaõ, que a ſeu reſpeito contemplava naquella Monarquia: O Meſtre de Aviz D. Joaõ ſe ſervio della para pretextar o requerimento, que fez ao ſeu Rei; pedindo o Governo do Reino, até que elle tiveſſe filhos da Rainha D. Brites. Eſta demanda recuſada ao Meſtre ſeria o paſſo mais vantajoſo ao Rei de Caſtella ſe elle a concedêra. Ella lhe abriria ſeguro o caminho para a uniaõ da noſſa Coroa com a ſua; ninguem lha diſputaria, e o Meſtre ſeria o ſuſtentaculo mais firme dos ſeus intereſſes. Mas como o Dominante Supremo dos Imperios tinha formado ſobre Portugal deſignios, que os homens entaõ naõ chegavaõ a penſar: Elle fez conceber ao Rei de Caſtella hum grande temor do Meſtre de Aviz,

por

por ſer dos Portuguezes taõ amado, como elle aborrecido: que os Póvos vendo-o com authoridade, ſe lhe inclinariaõ mais por goſto: que tomando-o á doçura dó Governo, que elle ſaberia temperar, viriaõ a fazer os ultimos esforços para o poſſuir Rei. Eſtas idéas funebres tanto o occupáraõ, que nem podia ouvir fallar na pertençaõ do Meſtre, julgando impoſſivel eſtar com ſocego na regencia de hum Principe Portuguez em Portugal, quando inteiramente lho perturbavaõ os Infantes ſem acçaõ em Caſtella. Era vulg.

O Meſtre, eſcandaliſado deſta repugnancia, ſoube aproveitar-ſe da deſinclinaçaõ dos Portuguezes ao Rei eſtranho para ſe declarar Chéfe de partido a favor do ſocego da Naçaõ. Elle ſe reveſtio de todas as exterioridades de doçura, de agrado, de docilidade, que ſabem ganhar corações para os ter favoreis nas conjunturas, que foſſe diſpondo a Providencia. A liberalidade das mãos ſe fez inſeparavel das affabilidades do roſto; e inalteravel no ſyſtema de naõ dar paſſo,

Era vulg. que naõ foſſe movido pelas deliberações do Conſelho de Eſtado, attrahio os votos univerſaes da Corte a ſeu favor. Elle, que naõ podia conſiderar indefferente o negocio da ſucceſſaõ, bem contemplava, que naõ lhe baſtavaõ ſó os expedientes de ſe fazer amado, ſem o concurſo da audacia, do valor, da dexteridade para ſe oppôr a quaeſquer deſignios, que intentaſſe Caſtella. Por outra parte alguns dos Fidalgos, eſpecialmente D. Nuno Alvares, e ſeu tio Ruy Pereira, entendiaõ, que todos os projectos do Meſtre haviaõ ter principio na morte, que elle devia dar ao eſcandaloſo Conde de Ourem, objecto do odio do Povo, dos agrados da Rainha, da injuria á memoria do Rei D. Fernando. Ella ficou ajuſtada entre os tres; mas o Meſtre conſiderou depois circunſtancias, que entendeo o deviaõ ſuſpender para melhor ſe ſegurar, e prevenir para o futuro mais firmeza.

Quando o Meſtre laborava neſta irreſoluçaõ, o veneravel velho Alvaro Paes, que fora Chanceller Mór dos

Reis

Reis D. Pedro, e D. Fernando, e que nada quiz fiar de Cartas, e de recados: com o pretexto da authoridade dos annos, e queixas da velhice, chamou o Meſtre de Aviz a ſua caſa, e tendo-o preſente lhe diſſe: Vós, Senhor, naõ penetrareis os motivos fórtes, que me obrigáraõ a chamar-vos a eſta caſa pelo Conde de Barcellos, que já eſtá inſtruido das minhas intenções zeloſas a voſſo reſpeito: Eu ſervi com o amor, fidelidade, e candura, que ſabeis ao Rei D. Pedro voſſo Pai, e a voſſo irmaõ D. Fernando: Quem póde ſentir mais que eu as injurias, que á ſua memoria faz eſte Joaõ Fernandes Andeiro? E de que caracter he a que vós recebeſtes delle, quando foſtes preſo em Evora, e eſteve a voſſa vida por hum fio? Vós penſais-vos ſeguro em quanto eſte homem viver? E em Portugal ha outra maõ, ſenaõ a voſſa, que o tire do mundo para deſaggravo da honra de voſſo irmaõ, eſtabilidade da Monarquia, e conſervaçaõ da voſſa Peſſoa? Morra Joaõ Fernandes Andeiro

Era vulg.

ás

Era vulg. ás mãos do Meſtre de Aviz na face da Rainha D. Leonor : que eſte golpe façanhoſo deſcobrirá o amor do Povo para comvoſco, quando feita eſta morte, os voſſos criados, e os meus publicarem pelas ruas de Lisboa, que vós no Paço eſtais em grande perigo, fomentado pelo meſmo Andeiro, que vos aborrece.

Eſte diſcurſo naõ ſurprendeo o Meſtre; mas deixou-o hum pouco penſativo para conſultar o valor á prudencia; para ſe determinar em hum negocio, que confundia o ſeu intereſſe particular com o commum do Eſtado; para conhecer plenamente, que o remedio de tantos males públicos unicamente dependia da morte do Conde Andeiro; para diſpôr na idéa o modo, que ſe fizeſſe plauſivel aos moradores de Lisboa; e depois de chamar tudo á preſença prompta do ſeu eſpirito, reſpondeo reſoluto a Alvaro Paes: Eu tomo á minha conta a morte do Conde de Ourem. O velho ardente, banhado em lagrimas de complacencia, ſe abraçou com elle,

rom-

rompendo neſte tranſporte zeloſo: He verdade, filho, e Senhor, o que vós prometteis fazer? He verdade (lhe tornou o Meſtre) que o ſangue infame de Andeiro ſalpicará as meſmas aras ſagradas, que profana. Entaõ o Velho Paes, ſoffocado em ſoluços, concluio dizendo: Filho, agora vejo a differença, que tem os filhos dos Reis dos outros homens: E lhe deo hum oſculo amoroſo. Era vulg.

Aſſim ſe hiaõ diſpondo inſenſivelmente as couſas a favor da fortuna do Meſtre de Aviz; mas a Rainha era muito politica para deixar de temer o grande credito, que elle hia adquirindo, e demaſiadamente penetrativa para naõ prevenir os deſignios, que elle podia conceber, ou foſſe para conſeguir a Regencia, ou para alcançar a Coroa. Ella, combatida de tantos movimentos eſtranhos, formou a idéa, de que nada lhe era taõ conveniente como ter ſegura a peſſoa do Meſtre longe da Corte: mas deſejando de o fazer com huma apparencia de honra, que a ella naõ eſ-

Era vulg. tiveſſe mal, e do Meſtre foſſe bem recebida; o perſuadio, como a ſituaçaõ de tantos negocios a forçavaõ a pedir-lhe ſe quizeſſe encarregar do governo da Provincia do Alem-Téjo, que neceſſitava de huma peſſoa reſpeitavel aos Póvos perturbados, que os contiveſſe até vêr o ſemblante, que tomavaõ as couſas. Ou foſſe que o Meſtre entendeo, que neſta eleiçaõ a Rainha fazia delle huma grande confiança, ou que por naõ eſtar conſtante na fé do Povo de Lisboa, duvidava declarar as ſuas intençóes, e cumprir a promeſſa, que fizéra a Alvaro Paes: Elle acceitou o novo cargo, que lhe conferiaõ, e ſe diſpôz para a partida.

CA-

CAPITULO II.

Era vulg.

O Meſtre de Aviz, nomeado Governador do Alem-Tejo, volta do caminho, mata ao Conde de Ourem Joaõ Fernandes Andeiro, e he acclamado Regente do Reino.

NAõ he explicavel a complacencia, que moſtráraõ a Rainha, e Andeiro da acceitaçaõ do Meſtre, que ſe diſpunha a marchar para o Alem-Téjo a occupar o governo da Provincia. No dia da partida as conſciencias criminoſas redobráraõ o júbilo; mas foi de pouca duraçaõ a alegria. O Meſtre, que pernoutára em Santo Antonio do Tojal, naõ pode ter ſocego, atacado de muitas lembranças. Elle ſe contemplava o refugio da Corte, que deixava orfã; a palavra empenhada a Alvaro Paes, que naõ cumprira; o ſegredo communicado a varias peſſoas, que poderiaõ revella-lo, e elle ficar perdido: Tudo imagens funebres, que o fizeraõ deter-

Era vulg. minar a retroceder, e ſem perda de tempo tirar a vida ao Conde. Para cobrir a reſoluçaõ, mandou a Fernando Alvares de Almeida ſeu Védor vieſſe na meſma noite á Cidade, e avizaſſe a Rainha, como elle no dia ſeguinte voltava á ſua preſença por entender neceſſario pedir-lhe novos deſcachos para ſegurança das fronteiras da Provincia, ſem que nella tiveſſe mais demora. Servio a induſtria do Meſtre para naõ fazer ſuſpeitoſa a vinda á Rainha, e ao Conde, que o eſperáraõ ſem maior ſobreſalto, faceis, e credulos, como ſem remorſos.

A ſua chegada na manhã ſeguinte em companhia de alguns homens armados naõ deixou de perturbar a Rainha, que lhe perguntou o motivo de retroceder, e a cauſa de conduzir gente com armas. A ambas as perguntas reſpondeo o Meſtre com ſimulaçaõ ajuſtada, que a Rainha teve por indifferente; mas ao Conde pareceo affectada, e para evitar o que temia, mandou ás ſuas creaturas,

que

que com pressa fossem a casa armar- se, e voltassem a acodir-lhe no perigo, que receava. Este desacordo facilitou a occasiaõ ao Mestre, que os mais Fidalgos foraõ deixando para a executar, por lhe perceberem a intençaõ. Entretanto os Condes de Barcellos, e Ourem disputavaõ entre si, qual havia dar naquelle dia de jantar ao Mestre; mas elle ordenando ao de Barcellos se retirasse com os mais, e o esperasse em sua casa: tomou da maõ ao de Ourem, como quem queria dizer-lhe algum segredo, e quando o teve na camara immediata ao quarto da Rainha, a hum golpe de espada lhe abrio a cabeça. Acodio Ruy Pereira; atravessou-o com hum estoque, e cahio morto o monstro da fortuna, o infeliz Joaõ Fernandes Andeiro, que pagou com o seu sangue derramado por mãos Reaes os crimes, com que profanára o sagrado da Magestade insolente, e temerario. Era vulg.

O Mestre se retirou immediatamente a huma das varandas do Paço: mandou a alguns dos seus criados desces-

Era vulg. ceſſem a fechar-lhe as portas : ordenou a outros marchaſſem a cavallo, clamando pelas ruas até a caſa de Alvaro Paes, que acodiſſem a ſeu Amo, que o queriaõ matar em Palacio. As mais peſſoas, que nelle eſtavaõ, atonitas com o ſucceſſo naõ imaginado, cuidáraõ em ſalvar-ſe fugindo, duvidoſas do que lhes poderia ſobrevir. A Rainha gritando a altas vozes, que lhe tinhaõ matado o criado mais benemerito, e fiel, ſem merecimento para golpes taõ crueis, e deshumanos, mandou perguntar ao Meſtre, ſe taõ bem ella tinha de morrer. Elle ſe juſtificou, ordenando ſe lhe diſſeſſe: Que fora indiſpenſavel a huma peſſoa da ſua qualidade tomar as armas, naõ contra huma Rainha; mas a favor do Povo para o livrar de hum Miniſtro odioſo, que lhe tyrannizava a Patria: que ſe o meſmo Povo tiveſſe a audacia de lhe faltar com o reſpeito devido á ſua Mageſtade, que elle faria huma gloria bem particular de morrer na ſua defenſa.

Em

Em quanto no Paço ſe paſſavaõ eſtas couſas, os criados do Meſtre atroavaõ as ruas de Lisboa, pedindo ſoccorro para ſeu Amo, que eſtava chegado aos termos de perder a vida, pelas ſugeſtões da Rainha cruel ás mãos do tyranno Conde de Ourem. Aſſim ſe conduzíraõ até a caſa do Velho Alvaro Paes, que recobrando eſpiritos com a boa nova, que eſperava, montou a cavallo, e ſahio fazendo as meſmas exclamações, voando a auxiliar o Meſtre no figurado aperto. Naõ he crivel a comoçaõ, que eſta nova cauſou no Povo de Lisboa, ſem diſtinçaõ de ſexo, ou idade. Todo elle correo de tropel ao lugar do imaginado perigo do ſeu Principe, que diziaõ fora chamado do caminho do Alem-Téjo com engano para o matarem dentro das paredes do Paço. Quando o viraõ com as portas fechadas, o furor degenerou em deſeſperaçaõ, ſuppondo o Meſtre já morto, e ſe lançou a dar-lhes fogo para elle ſobir, e abrazar quanto eſtiveſſe dentro. Entaõ ſe lhe moſtrou o Meſtre Era vulg.

Era vulg. a huma janella gritando, que elle eſtava ſaõ, e ſalvo; que o morto era o Conde de Ourem; que ſe portaſſem como bons Portuguezes a favor da Patria á maneira do ſeu exemplo. Os vivas, que feriaõ os ares, foi o applauſo deſta vigoroſa acçaõ, que levou ao Meſtre em triunfo entre a Nobreza, e o Povo ao Palacio do Conde de Barcellos, irmaõ da Rainha, que o eſperava cheio de alvoroço com outros muitos Fidalgos, todos officioſos.

Poſto em ſeguro o Meſtre, continuavaõ os alaridos do Povo, que ſe faziaõ mais horroroſos com os repiques plauſiveis dos ſinos, em que a Igreja Cathedral naõ imitava as outras. Entendeo o Povo, que eſta omiſſaõ provinha do Biſpo ſer Caſtelhano, o D. Martinho Sciſmatico, que já o fora de Sylves, e por eſte tempo tinha ſido criado Cardeal em Avinhaõ pelo Anti-Papa, abertamente faccionario da Rainha. Elle, que ouvia o deſconcerto do eſtrondo, e ignorava o motivo, até ſaber a cauſa

-del

delle, fez fechar as portas do Templo; ſobio-ſe á torre, e com elle Gonçalo Vaſques, Prior de Guimarães, e hum Eſcrivaõ de Sylves, que era ſeu hoſpede. O Povo, que o conheceo no alto da torre, tranſportado de furor, porque naõ mandava repicar os ſinos em applauſo do Meſtre triunfante, ſem mais averiguaçaõ ſobio a cima Sylveſtre Eſteves, Procurador da Cidade, com mais dous, e arrojáraõ o Biſpo, o Prior, e o Eſcrivaõ da torre abaixo: Quéda myſterioſa, que permitio Deos para moſtrar caſtigo ás mãos dos Portuguezes, ainda que com indignidade, o unico Prelado, que entre elles ſuſtentou incorrigivel o eſcandaloſo Sciſma. A infima plebe deſpio o cadaver reſpeitavel, que levou de raſtos pela rua, clamando: Juſtiça, que manda fazer o Papa noſſo Senhor neſte Sciſmatico Caſtelhano por deſobediente á Santa Madre Igreja de Roma. Era vulg.

Quando ceſſáraõ os movimentos populares, o Meſtre, acompanhado dos Condes de Barcellos, e Arrayolos,

Era vulg. los, de muitos Grandes, e dos ſeus criados armados, foi na meſma tarde ao Paço juſtificar-ſe com a Rainha do inſulto comettido na ſua preſença. Elles a encontráraõ na ſua Camara coberta de luto, e a percebêraõ alvoroçar-ſe com eſta naõ penſada viſita. Supprio com tudo a corage da Soberenia as evidencias covardes da natureza, e com os reſtos da Mageſtade, que ainda guardava no fundo do eſpirito, ella os recebeo como Rainha. Ao Meſtre tratou com as diſtinções devidas á ſua qualidade; aos Grandes deo ſinal para ſe aſſentarem, como elles tinhaõ direito de o fazer. O Meſtre ſe lançou aos ſeus pés, pedindo perdaõ, naõ de matar ao Conde Andeiro, mas de o fazer na ſua preſença. Todos os Fidalgos animáraõ com inſtancias os modos inſinuantes, de que o Meſtre ſe ſervia para applacar a Rainha, e a pôr em ſituaçaõ de naõ levar todo o tempo da viſita em ſilencio.

Em fim, eſta Princeza, que fluctuava entre a vehemencia da dor, e

os

os desejos da vingança, forçada por tantos rogos, naõ pode escusar-se de dizer ao Mestre: Que o perdaõ que lhe pedia do attentado, que fora hum effeito da sua liberdade, naõ admittia formalidades, que todas eraõ inuteis nos apertos da occasiaõ, que só demandava applicações sérias para naõ divertir os cuidados da segurança do Reino: Que o Rei de Castella se fazia prestes para entrar em Portugal com maõ armada, trazendo na frente do exercito o Direito indisputavel, que lhe déra o casamento com sua filha a Infante D. Brites. O Mestre penetrando, que a industria só a elle o feria, quiz ser só o que respondesse, e sem dar intervallo á consideraçaõ, que parecesse temor, lhe voltou prompto: Senhora, Vossa Alteza deve avizar ao Rei de Castella, que suspenda a sua marcha para Portugal, senaõ que se poem no risco de me encontrar em parte, aonde Eu lha faça parar, e o detenha. A Rainha, com gesto bem pouco significante, esforçou esta critica: Vós Principe o haveis Era vulg.

Era vulg. veis deter, o haveis fazer parar? Porque naõ obraſtes eſſas gentilezas nas occaſiões, que ſe offerecêraõ em vida do Rei voſſo irmaõ? O Veneravel Alvaro Paes, que notou a indiſcriçaõ por aſſumpto avançado na viſita, diſſe para o Meſtre: Senhor, ſaiamos daqui para fóra, que nós ſomos muito peſados, e por groſſeiros deſagradamos á Rainha. Aſſim o fizeraõ todos, e a deixáraõ lutando com a ſaudade, e a cólera, com a vehemencia da dor, e deſejos da vingança.

O Povo ſem ſugeiçaõ continuou nos deſatinos, que ſaõ vulgares nos Interregnos; e tranſportado do odio, que concebêra contra a infeliz Rainha, occupava em magotes as ruas, e praças públicas, diſpoſto a pilhar as caſas dos faccionarios da meſma Rainha, eſpecialmente as dos Judeos poderoſos, que ella amparava. Appareceo o Meſtre a cavallo, como Iris, a applacar eſtas turbulencias, ſervindo-ſe do nome da Rainha. O Povo lhe proteſtava, que eſta authori-

ridade naõ o abatia : que mandaſſe Sua Alteza em ſeu nome ſe queria ſer obedecido com todo o coraçaõ , toda a alma , todas as forças do Povo de Lisboa. O meſmo lhe ſuccedeo com o Juiz do crime Antaõ Vaſques, ao qual ordenando , que em voz da Rainha mandaſſe deitar hum bando para peſſoa alguma entrar armada no Gueto dos Judeos ; elle lhe reſpondeo da janella abaixo , aonde o eſtava vendo paſſar rodeado da Nobreza, e Povo : Eu mando lançar o pregaõ ; mas em nome de Voſſa Alteza que he ſó a quem conhecemos por Senhor, e Defenſor. Aſſim ſe fez ; e á maneira do mar, que amaina de repente, quando calla o vento , o Povo ſe pôz em ſocego profundo, quando ouvio no bando a voz do Meſtre, que parecia reſpeitar já como ſeu Rei. Era vulg.

Eſta acclamaçaõ ruidoſa, o alvoroço de tantos corações , ainda nos indifferentes , e deſinclinados , entráraõ a fazer taõ geral a comoçaõ , que todos os córpos de Lisboa pareciaõ

ani-

Era vulg. animados de hum mesmo espirito. Só a Rainha sem acordo pela depressaõ da sua authoridade, cada clamor favoravel ao Mestre era hum estimulo, que lhe picava os desejos da vingança. Os dicterios públicos, e livres das mulheres tanto lhe feriaõ a alma, que dizia senaõ dava por satisfeita em quanto naõ enchesse saccos das suas linguas. Por outra parte a sua politica affectava, que nada estimaria como a paz; e porque a sua pessoa era a origem da discordia, animou a industria com se retirar para Alemquer, como quem arrancava da face dos sediciosos a causa dos tumultos. Ainda que ella foi acompanhada por seu irmaõ o Conde de Barcellos, e de outros Fidalgos de grande caracter, naõ se teve por segura em Alemquer das tentativas audaciosas do Povo de Lisboa, e negociou com Gonçalo Vasques de Azevedo, Alcaide Mór de Santarem, ser admittida naquella Villa. Assim foraõ principiando os grandes trabalhos da prodigiosa mulher D. Leonor Tellés de Menezes, que chegou

gou a ſer Rainha de Portugal; agora hum objecto laſtimoſo da ſórte. Era vulg.

A retirada furtiva deſta Senhora para Alemquer naõ podia deixar de perturbar o eſpirito do Meſtre, que ſe perſuadio traçava ella a ſua ruina por meio de alguns parciaes, que occultos em Lisboa attentariaõ contra a ſua vida. Para elle ſe ſegurar na fidelidade dos que o ſeguiaõ, e deſarmar o partido, que lhe poderia ſer contrario, entendeo a ſua magnanimidade, que devia próvar as idéas ardiloſas. A primeira foi eſpalhar a voz, de que o retiro da Rainha para Alemquer ſe terminava a perdello; e que elle para lhe fugir á indignaçaõ, ſe retirava para Inglaterra. Para melhor cobrir a ſimulaçaõ, mandou embarcar as ſuas equipagens. Neſte lance foi mortal a dor do Povo, que ſem concerto o hia buſcar ao ſeu Palacio, e encontrando-o na rua feria o Ceo com clamores, os ſeus ouvidos com rogos, forçando-o a reſponder-lhe. O Meſtre, que via o effeito deſejado dos ſeus intentos, aſſegurou ao Povo,

Era vulg. vo, que ſocegaſſe; que elle lhe empenhava a palavra de naõ ſahir do Reino, e defendello contra quaeſquer uſurpadores da ſua liberdade até dar a vida.

Quando o Meſtre aſſim fazia hum partido de corações officioſos, o da Rainha naõ reſpirava mais que vingança. Ella ſe tranſportou de goſto com a noticia da retirada do Meſtre para Inglaterra; e reſoluta a abyſmallo, ganhou o Capitaõ do navio para ſaltar com a tripulaçaõ em alguma praia, e deixar o vaſo á deſcriçaõ das ondas; mandando ao meſmo tempo poſtar com cautela gentes da ſua facçaõ pela cóſta, para que varando a náo, mataſſem o Meſtre, e os ſeus criados. Eſtas diſpoſições da Rainha naſciaõ da ignorancia dos extremos paticados em Lisboa pelo Povo, a que deo a ultima maõ o nobre particular Alvaro Vaſques, que buſcou o Meſtre, e em nome da Naçaõ ſe reſolveo a fallar-lhe aſſim: Que injuſtiça he eſta, que quereis praticar ſobre nós? Abandonar hum Reino,

que

que vos reconhece, e vos eſtima por seu Protector? Que vos obriga a eſta temeridade? O furor de huma mulher? Que mais póde ella fazer, que ameaçar? E ameaças de huma maõ fragil haõ de cauſar temor ao voſſo peito viril, rodeado de hum Povo fiel, que eſpera em pouco tempo ver-vos reinar? Eſtes ſaõ os ſentimentos de todos os bons Portuguezes. Os voſſos em nada devem ſer deſſemelhantes. Era vulg.

O Meſtre de Aviz acaba de ſe confirmar no affecto de que he devedor ao Povo; mas com o deſejo de entreter a Rainha, que na repugnancia ao perdaõ da morte de Andeiro, moſtrava, que a dor, e a vingança lhe faziaõ aborrecidos os Portuguezes, e o Meſtre: Elle com huma traça nova intenta oppôr á paixaõ do odio a contrária da ternura. Declaraſe o Meſtre amante da Rainha, e com todo o ſegredo lhe manda fallar a Alemquer em caſamento, que conſeguido lhe ſegura o Throno, e repugnando-lhe juſtifica as acções. A

Era vulg. Rainha, que ou percebeo a idéa, ou naõ pode vencer o rancor para dar o lado ao matador do ſeu valido, reſpondeo á propoſta com termos ultrajantes, que o capituláraõ por huma temeridade, por huma affronta da ſua ſoberania; como ſe o filho baſtardo do Rei D. Pedro, naõ foſſe marido competente para a mulher, que a qualidade particular fez eſpoſa de Joaõ Lourenço, e a inclinaçaõ do amor frenetico elevou ao Throno de D. Fernando.

Conheceo o Povo de Lisboa, que a Rainha naõ ſe occupava de mais penſamentos, que os de eſcogitar os meios para tirar a vida ao Meſtre, unica eſperança da Pátria afflicta; e ſem mais demora todos os fieis Portuguezes á força de rogos, lagrimas, e perſuaſões na Igreja de S. Domingos conſeguíraõ, que elle conſentiſſe ſer acclamado Regente, e Defenſor do Reino, até que o Rei de Caſtella tiveſſe filhos da Rainha D. Brites. Os partidarios da Rainha, os que duvidáraõ, que o Meſtre podeſſe conſer-

var-se na Regencia, abandonáraõ Lisboa. Naõ se perturbou o seu espirito: antes, como se estivesse vendo a gloria dos successos futuros, com toda a tranquillidade formou o Conselho das pessoas mais habeis da Corte, entre ellas os seus fieis servidores Joaõ das Regras, e o memoravel Alvaro Paes, resuscitado á occupaçaõ do seu antigo cargo. Entaõ lhe disse este Heróe magnanimo: Senhor, fazei amigos, dando o que naõ he vosso, promettendo o que naõ tendes: Quiz dizer nisto o Aulico experimentado ao Mestre D. Joaõ, que confiscasse os bens dos traidores, e os désse aos fieis, e que promettesse para o futuro os da Coroa, que ainda naõ possuia, e poderiaõ ser seus. Era vulg.

Todos estes successos, que ficaõ referidos, e succedêraõ immediatos á morte do Rei D. Fernando, especialmente esta proclamaçaõ de D. Joaõ, Mestre de Aviz, para Regente: elles fizeraõ no Reino huma comoçaõ geral, que punha attentos os animos para olharem os interesses da Patria;

Era vulg. e entrando por Castella o seu estrondo, rompeo os ferros da prisaõ, que detinha ao Infante D. Joaõ, Successor verdadeiro de Portugal, como filho varaõ legitimo do Rei D. Pedro, e da Rainha D. Ignez de Castro, que se lisongeou dos seus éccos. Elle escreveo ao Mestre seu irmaõ com as palavras mais expressivas do gosto, que lhe causava a sua eleiçaõ para Regente, de que lhe dava os parabens: que ficava certo, de que elle naõ perdoaria a meio algum, que podesse contribuir para a conservaçaõ do Reino, que muito lhe recommendava por puro amor da Patria, quando elle se via fóra de toda a esperança de a poder gozar, e offerecer o sangue em seu obsequio. A Rainha D. Leonor, até agora animosa, com esta naõ pensada resoluçaõ do Estado, temeo a sua assistencia em Alemquer, e tratou com o Alcaide Mór de Santarem a negociaçaõ de ser admittida nesta Villa, que se lhe fazia suspeitosa pela repugnancia, que teve em reconhecer Rainha a sua filha D. Brites.

El-

Ella conſeguio eſte intento, como eu já diſſe, e em Santarem a deixaremos traçando as novas máquinas para a ſua conſervaçaõ, que foraõ as meſmas da ſua ruina, para nos entretermos com o que ſe paſſava em Caſtella, e como Portugal ſe diſpunha para lhe rebater os projectos, que ella pelas configurações concebia faceis. Era vulg.

CAPITULO III.

O Rei D. Joaõ I. de Caſtella entra em Portugal; o que lhe ſuccede neſta invaſaõ, eſpecialmente com a Rainha.

TANTOS movimentos, e taõ conſideraveis em Portugal, ainda naõ faziaõ alterar a indifferença do Rei D. Joaõ, que vacillava ſe devia, ou naõ entrar pelas noſſas terras com armas. Achava-ſe entaõ em Caſtella o perfido Biſpo da Guarda D. Affonſo Correa, que mais arraſtado dos intereſſes proprios, que advertido ao amor da liberdade da Patria, aconſelhou ao Rei

Era vulg. Rei marchaſſe com elle a Capital do ſeu Biſpado, que elle lhe aſſegurava na ſua devoçaõ; que ſendo ella huma das Praças mais importantes, as das Provincias viſinhas ſeguiriaõ o ſeu exemplo; e que com elle hiria avançando a ſujeiçaõ do reſto do Reino, que reconhecia o direito da Rainha ſua eſpoſa. Foi abraçado eſte parecer; entrou o Rei com trinta criados na Cidade da Guarda; pouco depois vieraõ para ella desfilando trópas; mas o Alcaide Mór Gil Cabral eſtava no Caſtello vendo eſtas manobras immovel, como ſenaõ foſſe hum Rei, e taõ poderoſo, quem lhe entrára na Praça. Vaſco Martins de Mello, o fiel Portuguez que naõ quiz acceitar em Toledo a bandeira Real, tambem veio á Guarda no ſerviço da Rainha, que ainda naõ era tempo de abandonar pelos intereſſes da Patria.

Com grande deſprazer deſte filho chegou ſeu Pai Martim Affonſo de Mello, e outros Fidalgos dos lugares viſinhos beijar a maõ aos Reis, e reconhecellos como taes, ainda que pro-

proteſtáraõ o faziaõ, cheias que foſ- Era vulg.
ſem as condiçóes do caſamento. O Rei, que ſe eſtimulava da pouca attençaõ do Alcaide Cabral, ſervio-ſe de Martim Affonſo para o perſuadir, que debaixo do ſeguro da palavra Real vieſſe á ſua preſença. Naõ duvidou fazello o Alcaide Mór; mas o Rei vio diante de ſi huma montanha de conſtancia, em quem as promeſſas, e ameaças fizeraõ a meſma impreſſaõ, que podiaõ cauſar em huma penha. Vaſco Martins, que tanto eſtranhára a acçaõ do Pai, como applaudíra eſta do Cabral, lhe mandou dizer ao Caſtello por ſeu filho Martim Affonſo: Que entendia naõ lhe poria el Rei cerco; mas que ſe o fizeſſe, elle, ſeus filhos, e criados no meſmo inſtante o hiaõ ajudar a defender-ſe até dar as vidas para ſuſtentarem a liberdade.

A eſte meſmo tempo ſuccedeo a mudança da Rainha D. Leonor de Alemquer para Santarem: e como no ſeu eſpirito ardente creſciaõ os deſejos de vingança ao paſſo, que a

au-

Era vulg. authoridade do Regente ſe avançava: ella eſcreveo aos Reis de Caſtella, para que da Guarda vieſſem a Santarem: que ſó na preſença poderia deſaffogar os eſtimulos da ſua dor: que os exceſſos do Meſtre de Aviz, e do Povo de Lisboa pediaõ hum prompto remedio: que os aggravos feitos á ſua Real peſſoa excediaõ todas as medidas: que a ſua depoſiçaõ da Regencia até elles terem geraçaõ, a deviaõ olhar como hum attentado para caſtigarem a ſoberba dos que aſſim ſe conduzíraõ com huma Rainha, que era ſua Mãi.

Já o bravo D. Nuno Alvares Pereira com outros filhos da ſua fidelidade, e valor, havia vindo de Santarem offerecer-ſe no ſerviço do Meſtre Regente, ainda que com o deſgoſto de naõ poder reduzir ſeu irmaõ o Prior D. Pedro Alvares, que ſe retirou para o Crato, donde paſſou ao ſerviço de Caſtella. Foi indizivel o alvoroço do Regente com a chegada de D. Nuno, dous corações taõ ſympaticamente unidos, que reſuſ-

ſuſcitáraõ as idades de David e Jo- Era vulg.
nathas, de Pilades e Oreſtes, em nada deſſemelhantes D. Joaõ, e D. Nuno. Quiz o Regente celebrar a vinda do ſeu amigo com a tomada do Caſtello de Lisboa, que tinha em nome do Conde de Barcellos o ſeu Tenente Martim Affonſo Valente, que o Conde mandou reforçar de Alemquer por Affonſo Annes Nogueira ſeu eſcudeiro. Naõ pareceo juſto a D. Nuno tingir com o ſangue da Patria a primeira acçaõ do novo Principe, e conſeguio por meio da perſuaſaõ a entrega do Caſtello, que foi imitada pelo de Almada, e eſtes os ultimos ſucceſſos do memoravel anno de 1383.

Como no fim delle havia o Rei 1384
de Caſtella chegado á Cidade da Guarda, e a Rainha D. Leonor mudado a ſua reſidencia, e convidando-o para vir a Santarem: entráraõ a dividir-ſe os ſentimentos na face do perigo, que ſe temia. A nobreza do Reino olhava o projecto do Regente como huma temeridade, que ſe arro-

Era vulg. rojava a perder a Patria na reſiſtencia a hum Rei taõ poderoſo. Os Povos naõ ſoportavaõ a conſideraçaõ, de que Portugal houveſſe de ſe ſugeitar a Caſtella. Tanto vacillava o corpo dos Nobres, que ſabendo Iria Gonçalves do Carvalhal, que ſeu filho D. Nuno Alveres Pereira tomára o partido do Regente, veio do Alem-Téjo a Lisboa a diſſuadillo deſta inconſideraçaõ; mas encontrou o Heróe taõ firme, que naõ ſó lhe approvou a reſoluçaõ, ſenaõ que ordenou a Fernaõ Pereira ſeguiſſe em tudo os paſſos de ſeu irmaõ D. Nuno.

Pelo contrario os Póvos, que tocados do exemplo do de Lisboa, alvoroçados com o rendimento do ſeu 1384 Caſtello, e entrega do de Almada, motejavaõ a Nobreza de covarde, de pouco amante da Patria, e davaõ todas as demonſtraçoẽs de acclamar o Regente com voz unanime. A Rainha, que o receava, e temeo, que á imitaçaõ de Lisboa, e Almada, os Alcaides Móres das outras Praças fizeſſem o meſmo; eſcreveo a todos re-

representando-lhes o empenho do Mestre como huma loucura, e a fidelidade, que elles haviaõ jurado á Rainha de Castella sua filha. Ao mesmo tempo foraõ apparecendo pelas Provincias as primeiras Cartas do Regente com expressões contrarias, que como todas respiravaõ zelo, fé, ardor de liberdade: Elle foi mais feliz nos seus intentos, que a Rainha. As Cidades de Evora, Béja, Porto, e a maior parte dos Governadores das outras Praças do Reino naõ recusáraõ entrar no seu partido, se menos seguro, mais honrado. Aquelles que assim o naõ fizeraõ, pagáraõ a sua rebelliaõ, e resistencia a duro preço, já na altura das vozes descompostas, já na maõ baixa, que nelles descarregava o Povo, como sobre homens faccionarios, e traidores. Era vulg.

A entrada intempestiva do Rei de Castella em Portugal com contravençaõ manifesta do ultimo Tratado, foi o lance mais feliz para os interesses do Regente pela declaraçaõ da maior parte das Praças, e dos animos ao

seu

Era vulg. ſeu partido. Elle, que ſe conſiderava já em eſtado de poder reſiſtir, cuidou em formar exercito, e mandou pedir a Ricardo II. Rei de Inglaterra armas, e licença para a gente, que a ſeu ſoldo o quizeſſe vir ſervir a Portugal. O Povo de Lisboa, que era a fonte donde corriaõ as idéas da liberdade: que conſiderava a apertada ſituaçaõ, em que os negocios ſe achavaõ: que via os theſouros reaes eſgotados pelas prodigalidades do Rei D. Fernando: por hum acto voluntario do ſeu amor para com a Patria, os homens levavaõ as baixellas da ſua Caſa, as Damas as joias precioſas do ſeu ornato, e juntos os coraçóes ao cabedal, tudo pozéraõ aos pés do Regente para deſpender nos gaſtos da guerra eminente. Semelhante oblaçaõ fez o Clero da prata das Igrejas, que deixou eſpoliadas para ſervirem o Eſtado.

Com dor entranhavel dos eſpiritos foi viſto mover-ſe o Rei de Caſtella da Guarda para Santarem, chamado pela Rainha D. Leonor, que abra-

abrazada no odio do Regente, ardendo pela vingança da morte do Conde de Ourem, nada mais lhe fazia eſpecie no cotejo com eſtes objectos. Chegou elle a Coimbra; mas teve de lhe reſpeitar as paredes, e paſſar de largo; porque D. Gonçalo Telles, irmaõ da Rainha D. Leonor, que era ſeu Alcaide Mór, fez-ſe deſentendido á paſſagem deſtes honrados hoſpedes pelo ſeu deſtricto. Juſtamente entendiaõ os Reis, que eſta Praça ſeria a primeira, que com tal Commandante lhe abriſſe as portas; mas D. Gonçalo, eſquecendo as razões, que tinha com as duas Rainhas, ſó lembrado de que era Portuguez com honra, preferio os intereſſes públicos, que defendia o Regente, aos movimentos do ſangue, que o unira aos Reis em particular alliança. O meſmo lhes ſuccedeo em Thomar com o Meſtre da Ordem de Chriſto D. Lopo Dias de Souſa, filho da infeliz D. Maria, irmã da Rainha, que ſem os querer ver, ſe retirou para o Pombal, e pouco depois ſeguio a voz do Regente. Era vulg.

A

Era vulg. A chegada dos Reis a Santarem, e o modo por que haviaõ ſer recebidos, deo naõ pouco que penſar á Rainha, ambicioſa pelo governo, ardendo pela vingança. Nem ſahir, nem dar entrada no Caſtello aos Reis ella queria: Modo bem eſtranho de receber os filhos pela ſua meſma peſſoa convidados. Como ſuſtentar ambas as imaginaçŏes parecia huma quimera, determinou a ſua politica eſcolher hum meio, que foi o de lhes fallar na ponte levadiça da fortificaçaõ. Se ella até entaõ ſuſtentou o proprio ſentimente contra os rógos ſubmiſſos dos mais condeſcendentes ás ſuas reſoluções; agora naõ pode reſiſtir as inſinuações dos Reis, que a leváraõ comſigo do Caſtello para o Convento de S. Domingos. Os agrados, e civilidades parece que deſterravaõ da Rainha todos os receios; mas delles veio a originar-ſe a ſua ruina. Entaõ deſatou ella os diques do furor para correr a innundaçaõ de improperios, que a cólera lhe inſpirava contra o Regente, de quem fala-

lava, como de hum uſurpador indigno, que depois de lhe arrancar dos olhos o Valído, tinha a confiança de lhe diſputar a Regencia. Era vulg.

Eſte meſmo tom diſſonante ſervio ao Rei de Caſtella para ſe arrogar o governo, que elle perſuadio á Rainha o habilitava para mais facilmente conſeguir a vingança, que ella tanto promovia. Eis-aqui o primeiro paſſo, de que ſe ſervio a Providencia para auxiliar a noſſa liberdade; para confundir as idéas de Caſtella; para voltar a ſetta contra a maõ, que a deſpedia. Quem entenderia, que á primeira propoſta a Rainha havia convir no meſmo, que receava? Mas ella entendeo, que cedia de hum direito imaginario, e por acto livre, com todas as formalidades, fez demiſſaõ da Regencia para lhe pezar, quando já naõ podia ſer fructuoſo o arrependimento, nem revogar a reſoluçaõ.

Vieraõ trópas de Caſtella, que ſe chegavaõ a Santarem a tempo, que o ſeu Rei eſtava já reveſtido de to-

Era vulg. dos os titulos neceſſarios para avançar as ſuas pretenções ſobre Portugal. Foraõ muitos os Fidalgos, e as Praças, que entaõ lhe deraõ homenage; mas de pouca duraçaõ pelo abandono, que depois fizeraõ deſte partido o maior número de humas, e dos outros para tomarem o do Regente. Santarem meſmo, que tinha dentro em ſi aos Reis de Caſtella, mandou offerecer-lhe a ſua entrega, que elle entaõ naõ teve por conveniente acceitar: muitos Fidalgos na ſua face, varios Miniſtros, e todos os eſcudeiros do Governador Gonçalo Vaſques de Azevedo vieraõ para Lisboa ſervir a Patria. O Principe Regente, ſenſivel a eſtes reconhecimentos, e attento ás novidades ſuccedidas em Santarem, applica todos os cuidados á guerra, que diſpoem com acções pequenas para ſervirem de enſaio ás façanhoſas. D. Nuno Alvares Pereira na téſta de algumas trópas marchava ſobre as Praças rebeldes a forrajar os ſeus terrenos, tomar as armas aos que encontrava, e im-

impedir-lhes a proviſaõ dos mantimentos. Era vulg

Já a harmonia dos Reis em Santarem principiava a deſconcertar-ſe, naõ ſendo toleravel ao genio grave, modeſto, e malancolico de D. Joaõ o jovial, alegre, e deſembaraçado da Rainha ſua Sogra. Accreſceo, que eſte eſpirito coſtumado a mandar, pedio, e naõ alcançou do Rei certos deſpachos, que queria em Caſtella para varias peſſoas da ſua devoçaõ. Taõ grande foi o ſeu deſprazer neſte repudio, que elle lhe inſpirou o arrependimento mais vivo de quanto obrára a favor dos intereſſes de ſeu genro. A vehemencia da paixaõ a arraſtou a perſuadir aos Fidalgos, que até entaõ a acompanháraõ, que ſe foſſem para Lisboa offerecer ao Regente, porque do ſerviço do Rei de Caſtella, nada tinhaõ, que eſperar. Dizem, que aos Chéfes das Praças mandára ordens ſemelhantes, com aſſombro de huma mudança taõ repentina em hum caſo taõ eſtranho. Ellas eraõ concebidas em termos taõ preciſos,

Era vulg. que continhaõ as clauſulas expreſſas de ſuſtentar-ſe fieis a Regente, ainda que ella foſſe em peſſoa perſuadir-lhes o contrario.

Quando a Rainha ſe conduzia, o Rei de Caſtella a inſtava, para que eſcreveſſe a ſeu irmaõ D. Gonçalo Telles, Conde de Neiva, e a ſeu tio Gonçallo Mendes de Vaſconcellos, que governavaõ Coimbra, perſuadindo-os lhe entregaſſem a Cidade. Os Chéfes aſtutos, que queriaõ dar á Patria hum teſtemunho fiel do ſeu zelo, reſpondêraõ á Rainha, que indo ella juntamente com os Reis a Coimbra, naõ faltariaõ ao cumprimento do ſeu dever, ſe os bravos cavalleiros, que eſtavaõ na Praça, o naõ impediſſem. Eſtas boas eſperanças fizeraõ ao Rei diſſimulavel a triſteza, que lhe cauſava a facilidade com que homens, e Praças, que lhe tinhaõ feito homenage, voltavaõ caſaca, e huns veſtiaõ a farda do Regente, outras arvoravaõ nos muros os ſeus Eſtandartes. Elle partio com as Rainhas na volta de Coimbra, que ſugeita,

lhe

lhe ſeguraria a melhor parte das Provincias do Nórte; mas já taõ deſgoſtado da ſogra, que temendo lhe fugiſſe, naõ fez eſpecie de lhe pôr ſentinellas das ſuas trópas, como quem a fazia guardar á viſta. Era vulg.

Com violencia ſumma houve de ſoffrer eſta affronta o genio ſenhoril coſtumado a naõ ter ſuperior. Em fim, entrou a Corte, e as armas de Caſtella nos arrabaldes de Coimbra, que eſperavaõ encontrar em alvoroço com as portas do ſeu Caſtello patentes. Nada mais ſe via nelle, que os muros bordados de trópas, que faziaõ ſcintilar as armas, ſem ſe deixarem vêr os Commandantes. Foi notificado o Conde para a entrega. Elle reſpondeo, que nunca fizéra tençaõ de render aquella Praça, ſenaõ a quem foſſe ſeu Senhor legitimo. Inſtáraõ-no pela palavra, que ſe continha na Carta recebida em Santarem. Elle tornou, que era aquella meſma, e que a tiveſſem pela deciſiva a quantas propoſtas lhe quizeſſem fazer da natureza das duas primeiras. Affectou a Rainha huma có-

Era vulg. lera toda fogo contra o irmaõ, e tio, e tratou aviſtar-ſe com elles, diſpoſta primeiro a ſegurança das peſſoas, para conſeguir com a preſença o que ſe deſprezava por aviſos.

Em tom de Mageſtade a Rainha, fallou ao Governador de Coimbra, naõ ao Conde de Neiva ſeu irmaõ. Mandou como Soberana, ordenou Senhora entregaſſe Coimbra a ſeu dono, que eraõ os Reis de Caſtella ſeus filhos. Ameaçou viril a obſtinaçaõ á obſervancia das ſuas ordens, ſe elle differiſſe abrir as portas da Praça. Lembrou, que o exemplo de hum homem da ſua qualidade communicaria os meſmos ſentimentos a todos os outros para promoverem a rebeldia, que nelles ſe redobrava pelo caracter da ingratidaõ, de que a reveſtia. O Conde com o meſmo ar tranquillo com que ouvio os arreſtos fogoſos, reſpondeo pacato. Que elle naõ podia temer ameaças, fazer caſo de reſentimentos, nem eſperar mercês dos Reis de Caſtella, quando a ſua honra lhe impedia tudo: que a primeira obrigaçaõ de

hum

hum Chéfe era a fidelidade: que a ſua havia acompanhar o eſtado dos negocios do Reino; e que ella naõ ſe cançaſſe mais em perſuadillo, porque como a Rainha naõ podia, como a irmã naõ queria obedecer-lhe. Era vulg.

Nunca reſpoſta taõ bruſca foi taõ bem acceita como eſta da Rainha, por ſer a meſma que deſejava. Ella era bem conforme ás ordens antes mandadas aos Governadores; mas dura de ſoffrer ao Rei de Caſtella, que ſobre lhe derrotar a eſperança de poſſuir Coimbra, lhe moſtrava a qualidade de homens, que guardavaõ huma fé, e uniaõ inviolaveis á Peſſoa, e intereſſes do Principe Regente. Ainda o Rei de Caſtella naõ penetrava a fundo o eſpirito intrigante da mulher, que tinha em ſeu poder. A Hiſtoria nos fornece agora hum dos acontecimentos mais conformes á ſua politica, e dos mais eſtranhos a qualquer outra. Como eſta Senhora, quando entendia, que os caſos o neceſſitavaõ, eſtimava por brilhante a negra perfidia; em Coimbra ella intenta hu-

Era vulg. huma, que em nada céde a outras, que já haviaõ ſido executadas, ou pelas ſuas ordens, ou pelo ſeu conſelho, tudo effeitos da ſua condiçaõ inconſtante.

CAPITULO IV.

Intenta a Rainha D. Leonor dar morte ao Rei de Caſtella. Deſcobre-ſe a conjuraçaõ. Succeſſos depois della.

A RAINHA D. Leonor, taõ facil em amar, como em aborrecer, havia concebido tal odio ao Rei de Caſtella, que ficava a perder de viſta o grande, de que o Meſtre de Aviz lhe era devedor. Como os deſpiques na ſua imaginaçaõ haviaõ tocar os meſmos extremos das ſuas paixões, já ella naõ traçava outro menor, que a morte violenta do meſmo Rei. O ſeu eſpirito de orgulho, que para eſtes lances tinha expedientes promptos, valeo-ſe de D. Brites de Caſtro, irmã do Conde de Arrayolos, que ella

la havia criado, e mandado para Caſtella com o emprego de Dama da Rainha D. Brites. Galanteava eſta Senhora como futuro noivo a D. Affonſo Henriques, irmaõ do Conde de Traſtamara D. Pedro, que ambos com outro ſeu irmaõ baſtardo tambem chamado D. Affonſo, eſtavaõ no campo de Coimbra. Era grande o caracter deſtes Senhores, porque eraõ primos do Rei D. Joaõ, filhos de ſeu tio o Infante D. Fradique, Meſtre de Sant-Iago. Era vulg.

Terna, choroſa, afflicta encareceo a Rainha a D. Brites o cativeiro penoſo, em que a tinha o Rei de Caſtella depois de lhe dever tantos beneficios: que deſejava eſcapar-ſe das ſuas mãos, e recolher-ſe á Cidade, aonde com o favor de ſeu irmaõ o Conde de Neiva, e dos mais parentes, que lhe acodiriaõ, poderia reentrar nas acções da ſua liberdade: que o reconhecimento da criaçaõ, que lhe tinha dado, devia eſtimulalla a empenhar os tres de Traſtamara, que ſó entendia capazes da acçaõ honroſa

de

Era vulg. de reſgatar huma Rainha priſioneira: que D. Affonſo Henriques, como amante, nada lhe negaria do que ella lhe inſinuaſſe: que eſte facilmente attrahiria ſeu irmaõ o Conde, brindado com a maõ della Rainha, ſe o Rei de Caſtella morreſſe, e que ella podia fazer Rei de Portugal: que como todo o empenho dos Portuguezes era impedir a uniaõ das coroas, ceſſaria o do Meſtre de Aviz, e ninguem faltaria em acclamar o Conde de Traſtamara, quando o viſſem marido da Rainha D. Leonor.

A Dama mavioſa ſe deixou tocar deſtas expreſsões ſenſiveis, e muito mais o eſpirito duro do de Traſtamara, que com a viſta ſubtil empregada no ſcintillar da Coroa, conſentio em tudo, quanto lhe foi propoſto, com a vaidade de ſer elle o eſcolhido para huma tal empreza. Paſſáraõ-ſe aviſos frequentes ao Conde de Neiva do que ſe tratava para eſtar preſtes a receber a Rainha, e os Parricidas dentro da Cidade. A melhor parte deſtes ſegredos ſe confiavaõ

vaõ de hum Frade Franciſcano, que era o menſageiro dos recados, amigo intimo do Judeo David, que por muito favorecido do Rei, e abominavel á Rainha, naõ quiz, que pereceſſe na revolta, e o aviſou ſe recolheſſe na Cidade. O Judeo, fiel ao ſeu bemfeitor, fez aviſo ao Rei antes da traiçaõ ſer executada. Suprendeo-ſe, fez-ſe incrivel ao Monarca, que em cerebros ſemelhantes ſe concebeſſem idéas para attentado taõ horroroſo, e conſultou ſobre elle a Rainha D. Brites. Fluctuou o coraçaõ da Rainha no meio da tempeſtade, que lhe movia o amor conjugal, e o materno. Ella naõ queria faltar ás ternuras de hum, nem aos deveres do outro. Conhecia as aſtucias da Rainha, que era Mãi; temia o perigo do Rei, que era eſpoſo; e ſem faltar á reverencia de filha, perſuadio a cautela com fé de eſpoſa. Era vulg.

Seguio o Rei o parecer da Rainha, e ſe pôz prompto a obrar, quando chegaſſe a occaſiaõ de crêr, que os aviſos eraõ verdadeiros. Hum cria-

Era vulg. criado do de Traſtamara percebeo as precauções do Rei ; os movimentos do Paço ; a deſconfiança dos ſemblantes ; o retiro dos Reis ; o reforço das guardas ; a agilidade do Conde de Mayorga , a quem ellas ſe tinhaõ encarregado , e tudo participou a ſeu Amo para ſe pôr em ſeguro. A fugida repentina dos tres irmãos de Traſtamara acabou de provar os intentos perfidos. Elles foraõ bater ás portas da Cidade ; mas o de Neiva , que os vio ſem a Rainha ſua irmã , temeo alguma traiçaõ urdida contra elle ; naõ os admittio , e ſe foraõ ao Porto , aonde embarcáraõ para Lisboa a offerecer-ſe no ſerviço do Regente. Immediatamente mandou o Rei vir D. Leonor á ſua preſença , e da Rainha ſua filha para a inſtruir no proceſſo do golpe mortal , que ſobre elle intentava deſcarregar a ſua impiedade. Reprehendeo-lhe o abominavel attentado preſente , e os mais da ſua vida paſſada. Pôz-lhe á face o Judeo , que a convenceo delle , e das ordens , que mandára de Santarem aos Chéfes

ſes das Praças para naõ ſe entregarem a ſeu genro. Era vulg.

Porém aquelle eſpirito criminoſo, com o maior ardor, vivacidade, e conſtancia, como ſe tivera a conſciencia mais tranquilla; tudo negou; deſcompôz os aſſiſtentes; ameaçou o Rei com reſoluçaõ tal, que naõ o fizera mais animoſa ſe eſtiveſſe rodeada de hum exercito numeroſo, e aguerrido, prompto a morrer em ſeu obſequio. O Rei, naõ admittindo as ſuas eſcuſas, naõ fazendo caſo dos ſeus fingimentos, lhe affirma, que a deixa com vida em attençaõ a ſer huma Rainha, Mãi de ſua mulher, mas que elle a recolherá em hum Moſteiro em Caſtella, aonde acabe os dias livre das occaſiões de inquietar os Principes, e revolver os Eſtados. Neſte lance a cólera da Rainha rompeo todos os modos honeſtos, que ſó poderiaõ applacar hum Rei taõ juſtamente indignado; e diſcorrendo, que tanta liberdade em dizer proviria da confiança nos parentes, e officioſos, que cuidariaõ em libertalla: O Rei

a

Era vulg. a entrega a Diogo Lopes Eſtunhiga; para que com huma eſcólta de gente eſcolhida a leve ſegura a Tordeſilhas, aonde em hum convento paſſou triſte, e afflicta; viveo deſprezada, e pobre; acabou infeliz, e aborrecida, quando o Meſtre de Aviz já era Rei de Portugal, a 27 de Abril de 1386.

Depois da partida da Rainha D. Leonor para Caſtella, a Villa de Alemquer, ainda que governada por Vaſco Pires de Camões, Fidalgo Gallego, ſe ſubmetteo ao Regente; e o Rei, que nada tinha que eſperar dos moradores de Coimbra, voltou para Santarem. Em quanto em Caſtella ſe ajuntavaõ os apreſtos formidaveis de mar, e terra para o ſitio de Lisboa, que eſtava determinado, os Reis ſe fizeraõ ſenhores de algumas Praças viſinhas, ſendo Alemquer a primeira, que faltou á fé pouco antes jurada; de que naõ fez eſcrupulo o Cavalheiro de Galliza. O Regente naõ ſe deſcuidava da ſua parte em fornecer todos os meios preciſos para huma defenſa vigoroſa, e tra-

trabalhou em fazer alliados, e em contentar os homens. Para o primeiro fim mandou a Embaixada, que eu disse a Ricardo de Inglaterra pelo Mestre de Sant-Iago, que era D. Fernando Affonso, filho de D. Joaõ Affonso de Albuquerque o do Ataude, e neto do memoravel D. Affonso Sanches, filho amado do grande Rei D. Diniz. Era vulg.

Para o segundo fim praticou o Conselho do velho Alvaro Paes, que fica referido, usando de huma grande liberalidade, e igual clemencia. Com esta perdoou todos os crimes precedentes: com a outra repartio todos os bens confiscados pelas pessoas benemeritas: fez mercê das Villas, que tinhaõ a voz de Castella, aos Fidalgos do seu partido, especialmente aos da Casa de seu irmaõ o Infante D. Joaõ, que vieraõ com huma bella industria, e ordem do Amo buscar o seu serviço. Estes Fidalgos vendo o Infante preso, ignorante de quanto se passava em Portugal; elles vigiados para naõ se esca-

Era vulg. caparem; ſempre temeroſos, e arriſcados, reſolvêraõ retirar-ſe a todo o riſco; mas deſejavaõ fazello ſaber ao Infante. Hum delles teve induſtria de confeſſar-ſe ao ſeu meſmo Confeſſor, e debaixo do ſigillo do Sacramento communicar-lhe os movimentos do Reino, as tentativas do Rei de Caſtella, as deſgraças da Rainha, a heroicidade de ſeu irmaõ o Meſtre de Aviz em ſuſtentar a liberdade: que elle, e ſeus companheiros, andando em Caſtella errantes, lhe pediaõ licença para o virem ſervir a Portugal. Pelo meſmo canal lhes ordenou o Infante, que ſem perda de tempo fizeſſem jornada, e aviſaſſem os muitos Portuguezes, que andavaõ em Caſtella, obraſſem o meſmo: que ſerviſſem a ſeu irmaõ com o zelo, com que a elle o tinhaõ feito; e da ſua parte lhe diſſeſſem, que logo ſe aclamaſſe Rei, por ſer o meio unico de derrotar as idéas de Caſtella, e delle ter liberdade.

Lisboa tinha occupadas todas attençőes em ſe preparar para o cerco, que

que eſperava. Reparáraõ-ſe as fortificações; eſquipáraõ-ſe galés, e navios; proveo-ſe a Praça de mantimentos com abundancia. O Regente, os Fidalgos, o fiel Arcebiſpo de Braga D. Fr. Lourenço Vicente naõ ſe poupavaõ á fadiga, que podeſſe animar o Povo com o exemplo. No meio deſtas manobras ſe recebêraõ os alegres aviſos, de que as Praças mais importantes do Alem-Tejo tinhaõ deſpicado a perfidia de Alemquer, e Obidos, declarando-ſe pelo Regente. O Rei de Caſtella, que naõ o podia impedir, e eſtava impaciente pela chegada das galés para principiar o ſitio de Lisboa, ordenou ao Meſtre de Alcantara, e ao Conde de Niebla, que com as trópas da fronteira talaſſem os terrenos daquella Provincia, que devaſtáraõ até Portalegre. Eſta irrupçaõ obrigou o Regente a ſeparar de ſi o bravo D. Nuno Alvares Pereira, e conferir-lhe o Governo do Alem-Téjo, para onde partio com hum corpo de gente eſcolhida a dar principio ao eſtabele- Era vulg.

le-

Era vulg. lecimento da ſua reputaçaõ, á gloria do Principe, á ſegurança da Patria.

Elegeo D. Nuno a Cidade de Evora para Quartel General, e ordenou que para ella desfilaſſe a gente da Provincia, que unio aos córpos com que marchára de Lisboa, poucos, e mal armados. O deſtemido Chéfe ponderou a neceſſidade, que tinha de dar á ſua alma taes diſpoſiçóes, que communicaſſe eſpiritos ardentes á materia languida, em taõ pequena quantidade, que toda delle dependia. Entaõ esforçou os actos de Religiaõ para moſtrar, que punha a ſua confiança no Deos dos exercitos. Deixou vêr a equidade natural acompanhada de hum agrado taõ indiſſerente, que naõ houveſſe qualidade de peſſoas a quem naõ attrahiſſe. Deſcobrio o valor taõ impavido, que ſe gloriava na imaginaçaõ de ſe vêr nos perigos mais enormes, para ſahir delles com honra ſublime. Fallava dos inimigos com reſpeito para perſuadir mais brilhante a vantagem de os vencer. Deſte modo, ſenhor

de

de ſi, e dos corações de todos, ſabendo que o exercito dos Caſtelhanos, em que eſtava ſeu irmaõ o Prior do Crato, marchava a ſitiar Fronteira para fazer eſta diverſaõ ao cerco de Lisboa: chamou os poucos filhos da ſua diſciplina, e com ſemblante que ſe derretia em ternura, quando derramava terror, aſſim lhes falla: Era vulg.

Todos vós, ſenaõ foſſeis Portuguezes, que eſtais promptos a dar a vida pela liberdade, terieis por hum empenho temerario o que eu vou a perſuadir-vos. Ahi ſobre Fronteira eſtaõ os maiores homens de Caſtella com forças muitas vezes ſuperiores ás noſſas, contando os ſeus triunfos ſobre a noſſa fraqueza. Que depreſſa os obrigaremos nós a mudar de idéa, ſe lhes moſtrar-mos o contrario? Porque elles naõ nos eſperaõ, vamos a elles; que eſta primeira victoria nos abrirá o paſſo para outras muitas. Ao ouvir propoſta ſemelhante naõ houve coraçaõ, que naõ palpitaſſe; pallida a cor, que indicava o medo no em-

Era vulg. penho de huma temeridade; mas acodindo os eſpiritos do valor a reanimar os alentos, que diſſipára o ſuſto, naõ ſe achou hum ſó, que duvidaſſe expôr-ſe ao perigo, que em qualquer das ſórtes era honroſo á Patria.

Ao ſom de caixas, e trombetas marchou o pequeno eſquadraõ de Eſtremoz para Fronteira, quatro leguas diſtante, que já os Caſtelhanos atacavaõ. Os ſeus eſcritores, deſculpando a Naçaõ com pretextos eſpecioſos, quando confeſſaõ a ſua derrota, perſuadem a noſſa marcha feita á ſurdina; que naõ lhes demos tempo de ſe poſtar com vantagem, nem ainda de ſe formárem em batalha. Se eſta ficçaõ ſenaõ deſmentíra com a verdade, que eu vou a referir; que apparencia lhe podem dar os Caſtelhanos, ſe elles eſtavaõ já dentro de Portugal; ſe eraõ muitas vezes ſuperiores aos Portuguezes; ſe a ſua ordem de batalha tinha vantagens incomparaveis á noſſa? Primeiramente, duas leguas antes de chegar a Fron-

tei-

teira, eſperava no caminho hum cria- Era vulg.
do do Prior do Crato, que ſabendo da marcha de ſeu irmaõ D. Nuno, lhe mandava eſtranhar a temeridade de ſe perder; que mudaſſe de reſolução, e de ſerviço teria do Rei de Caſtella as mercês, que naõ ſeriaõ firmes feitas pelo Meſtre de Aviz, evidentemente impoſſibilitado de ſe manter em Portugal. D. Nuno, depois de ordenar ao criado reſpondeſſe a ſeu irmaõ, que ſe o partido do Meſtre era o menos forte na apparencia, que na realidade era o mais juſto; que ainda no caſo do Rei de Caſtella lograr os ſeus intentos, nada poderia aballar a fidelidade, que elle havia jurado ao Regente, que o Prior olhaſſe por ſi, e naõ ſe embaraçaſſe com elle: ultimamente lhe diſſe, que correſſe até matar o cavallo para o aviſar, como D. Nuno marchava a enveſtir os Caſtelhanos a todo o riſco no ſeu meſmo campo.

Com eſta reſpoſta taõ preciſa, os Chéfes inimigos eſtimulados reſolvêraõ poupar caminho a D. Nuno, e

Era vulg. marcháraõ formados ao ſeu encontro. Aviſtáraõ-ſe os dous campos na planicie, que chamaõ os Atoleiros, de que a batalha tomou o nome. Cada partido ſe occupou em tomar as ſuas vantagens. O noſſo, como menos numeroſo, que conſentia poucas diviſões, formou hum eſquadraõ fechado com os intrepidos na vanguarda; no centro o Eſtandarte com o Simulacro adoravel do Crucificado; na retaguarda as milicias biſonhas. Ao contrario os Caſtelhanos, que cobríraõ o corpo de batalha de duas grandes allas, naõ ſó com o deſignio de fazerem parecer o exercito maior; mas deſtinadas a abraçar o noſſo, que ficando no ſeu centro, ſeria a hum tempo atacado por todos os lados. Eraõ os inimigos mais fortes que nós, e bem ſe conheciaõ menos firmes, quando, ſuperiores em número, ſe ſuſpendêraõ em enveſtir-nos, temeroſos de entrar em huma acçaõ, que foſſe deciſiva.

O bravo D. Nuno, vendo nos ſemblantes dos Portuguezes, que nada

da mais tinha que ajuntar a ſua intrepidez, depois de adorar com o roſto em terra no Eſtandarte a Imagem de Jeſu Chriſto; de ordenar ſe deſmontáſſem os 300 Cavalleiros, que tinha, para eſperarem a pé firme nas pontas das lanças o repelaõ de mais de dous mil cavallos dos inimigos; levantou o grito de guerra Portugal, S. Jorge, que era o ſinal de avançar. Ao écco dos clamores ſe ſeguíraõ os golpes das armas. Os Caſtelhanos nos enveſtíraõ com vigor extremo; eſtendendo as allas para nos colherem pela retaguarda; mas a ſua cavallaria eſpetada nas lanças, deſpedia os homens, que degolava o furor, e deſcompondo os que a ſeguiaõ, foi facil introduzir a confuſaõ em todo o exercito. Como o corpo da batalha recuava, fizeraõ o meſmo as allas; e obſervando D. Nuno a boa occaſiaõ de carregar o inimigo, mandou montar os 300 Cavalleiros, que com as lanças enriſtadas atropelavaõ quanto ſe lhes punha diante. Enfraqueceo a corage Caſtelhana, já ſem acordo Era vulg.

pa-

Era vulg. para a defenſa, nem para a fugida. O ſeu exercito em pouco mais de meia hora de combate foi inteiramente derrotado ſem perda de hum ſó Portuguez, e com morte de 117 cavalleiros contrarios, de muita da ſua infantaria, do Meſtre, e Claveiro de Alcantara, e feridos o Conde de Niebla, o Prior do Crato, e outros Fidalgos de grande qualidade.

As conſequencias deſta victoria principiárаõ a fazer-ſe conſideraveis pelo terror, que ella derramou nas Praças, que ſeguiaõ a voz de Caſtella. Já parecia aos ſeus Commandantes, que elles tinhaõ pouca apparencia de ſe firmar na ſua protecçaõ, e nas ſuas trópas. D. Nuno Alvares, que aſſim o penſava, no dia ſeguinte á victoria, para ſe aproveitar da conſternaçaõ dos inimigos, ſahio de Fronteira na téſta de hum groſſo deſtacamento, foi inſultar as ſuas reliquias, que ſe haviaõ refugiado na Villa de Monforte, donde ſenaõ reſolvêraõ a ſahir, e ſubmetteo á obediencia do Regente os Lugares daquelles contornos.

nos. As Villas mais diſtantes com as guarnições reforçadas pelo Rei de Caſtella, e entretidas por elle com a eſperança da conquiſta de Lisboa, para que ſe diſpunha, ainda ſe conſerváraõ na ſua obediencia; mas antes que entremos na narraçaõ do ſitio daquella Capital: Sitio, para cuja defenſa concorreo o Ceo movido pela juſtiça da noſſa cauſa; entretenhamonos hum pouco nos ſucceſſos menores, e glorioſos, que lhe precedêraõ. Era vulg.

CAPITULO V.

Varios ſucceſſos militares depois da batalha dos Atoleiros, e os mais até ao ſitio da Corte de Lisboa.

DOM Nuno Alvares Pereira, Fronteiro Entre o Téjo, e Guadiana, com as ſuas façanhas principiou a alentar os ſequazes da liberdade. Como os inimigos naõ ſe atrevêraõ a ſahir de Monforte, elle voltou para Fronteira; e porque os dias eraõ os da Se-

Era vulg. Semana Santa, quiz moſtrar ao mundo em actos de Religiaõ, que ſe o ſeu valor vencia os homens, o conforto lhe vinha do alto. Na ſexta feira Maior ſahio elle de Fronteira a pé deſcalço viſitar a Igreja de Noſſa Senhora do Aſſumar, huma legua diſtante, que achou cheia das indecencias immundas, que nella deixáraõ os Caſtelhanos, quando a fizeraõ cavalharice. Comoveo-ſe o coraçaõ pio do noſſo Heróe, e banhado em lagrimas de ternura o roſto, que na campanha ſcintilava raios de ardor; elle por ſuas mãos varreo o Templo, com tanta acceitaçaõ do ſeu Habitador Divino, que nelle meſmo lhe remunerou o obſequio com o aviſo dos de Arronches, que pediaõ foſſe tomar entrega daquella Praça pelo Principe Regente.

No Sabado de Alleluia partio D. Nuno a tomar poſſe de Arronches, que o recebeo entre vivas como a triunfante. O Alcaide Mór, que era hum bravo Caſtelhano chamado D. Affonſo Sanches, quiz fazer-ſe forte

no Caſtello; mas correndo a gente de D. Nuno com a do Povo, e dando fogo ás portas, entráraõ eſpada em maõ, e fizeraõ priſioneiro o Alcaide com toda a guarniçaõ. Ainda com as armas quentes, D. Nuno recebe outro menſageiro de Alegrete, que lhe rendia obediencia; e deixando Arronches encarregada a ſeu tio Martim Gonçalves do Carvalhal, ſe recolheo a Evora para provêr nos mais negocios da Provincia. Animados com os bons ſucceſſos do Chéfe, o Commandante de Villa Viçoſa Alvaro Gonçalves Coitado, e o do Landroal Pedro Rodrigues, entráraõ juntos em Caſtella, e talando as campanhas de Alconchel, e Villa Nova del Treſno, ſe recolhêraõ com huma preza importante de todo o genero de gados. Era vulg.

Eſtes meſmos Cabos, zeloſos no ſerviço do ſeu Principe, ſouberaõ por aviſos particulares, que Vaſco Porcalho, Commendador Mór de Aviz, aquelle homem, que a Rainha D. Leonor culpou ao Meſtre da ſua priſaõ

Era vulg. ſaõ em Evora, era infiel ao meſmo Meſtre Regente, que entaõ impedio aos ſeus criados tirar-lhe a vida. Como elle agora reſidía em Villa Viçoſa, os dous Commandantes acima ditos o prendêraõ depois de huma reſiſtencia dura. Remettido á Corte, tanto ſoube inſinuar-ſe no agrado do Principe, que ſe tivéraõ os aviſos por falſos, e elle foi reſtituido a Villa Viçoſa com as maiores demonſtrações de honra. De tudo ſe eſqueceo eſte Fidalgo para traçar o ſeu deſpique contra os dous cabos, que naõ podia effeituar ſem huma traiçaõ manifeſta, entregando a Praça aos Caſtelhanos. Elle o convencionou em Santarem com o ſeu Rei, em quanto com diſſimulaçaõ amigavel tratava a Alvaro Gonçalves, que hum dia o tomou por compadre, e no outro foi por elle prezo com ſua mulher, e filhos. Na meſma noite deo entrada na Praça a muitos Caſtelhanos, que marcháraõ de Olivença com os Commendadores Móres de Alcantara, e Calatrava, deſejoſos de ex-

piar

piar com eſta façanha a ſua covardia Era vulg.
na batalha dos Atoleiros, e no dia ſeguinte, com admiraçaõ do Povo, foi o Rei de Caſtella acclamado por Vaſco Porcalho.

O Alcaide Mór do Landroal ſentio em extremo a priſaõ do ſeu camarada Alvaro Gonçalves, de que deo parte ao Regente com a noticia da traiçaõ de Porcalho, e ao Chéfe da Provincia. O Regente conheceo o ſeu engano; D. Nuno diſvelou-ſe em impedir a ruina do animoſo Alvaro, e mandou hum reforço a Pedro Rodrigues, para, como bom amigo, ſahir do Landroal, quando os Caſtelhanos conduziſſem o preſo a Olivença, e lho arrancaſſe das mãos. Elle ſe enſaiou para eſta empreza com outra naõ menos glorioſa, que foi a derrota dos dous Commendadores Caſtelhanos, com trezentas lanças, que voltavaõ ricos de deſpojos feitos nos campos de Evora. Pedro Rodrigues os eſperou com oitenta Cavalleiros, quando elles ſe recolhiaõ; e dando na vanguarda, que conduzia a preza,

ma-

Era vulg. matou 50, e pôz o resto em fugida. Como a victoria ficava incompleta sem o destroço da cavallaria, que cobriaõ os Commendadores; naõ reparando na desigualdade do número, o Alcaide Mór os envestio com golpes taõ pezados, que perdiaõ vidas, e terreno, até abertamente se porem em fugida para Villa Viçosa.

Lourenço Martins do Tojal, e Gonçalo Lourenço de Sampayo, dous bravos cavalleiros nossos, se conjuráraõ para a toda a brida perseguirem os Commendadores, e cada hum matar o seu. Já em grande distancia do nosso campo, elles rompêraõ pelo esquadraõ inimigo, e cada qual do seu bote de lança deitáraõ os Commendadores em terra; mas atacados por toda a sua trópa, os esforçados cavalleiros abertos em feridas perderiaõ a vida, senaõ sobreviera Pedro Rodrigues, que só com se mostrar causou tal terror nos Castelhanos, que sem acordo voltáraõ caras. Este successo animou os nossos cavalleiros para a resoluçaõ de soltar Alvaro Gonçalves

a todo o risco. Elles espiavaõ do Landroal com diligencia, quando seria levado o preso de Villa Viçosa, e com que guarda. Informados do dia da partida, e de que os mesmos Commendadores em pessoa o haviaõ conduzir com a escolta de 200 cavallos, e hum troço de infantaria; Pedro Rodrigues, e os seus cavalleiros se emboscáraõ no pinhal, que ficava na estrada de Villa Viçosa para Olivença, chamada da Corte de Oliveira. Era alta noite, quando as vigias deraõ parte de virem chegando os Castelhanos com pouca ordem; os Commendadores na vanguarda; immediato a elles o preso carregado de ferros, bem descuidados do perigo, que os esperava. Era vulg.

Com grande prazer esperou o Alcaide Mór a occasiaõ de livrar o seu amigo; animou os camaradas para hum feito honrado; e apenas os inimigos abocáraõ na estrada do pinhal, os nossos gritando S. Jorge, fizeraõ maõ baixa sobre elles. Entráraõ a saltar cabeças pelo campo á força de valentes cutiladas; outros tiravaõ os

cor-

Era vulg. corpos das ſellas eſpetados nas lanças; a Infantaria ſem corage ſoffria os golpes retirando-ſe á ſombra das matas; os Commendadores perdêraõ os cavallos, e ſe ſalváraõ a pé com o reſto dos fugitivos pela fragoſidade dos montes. O prezo Alvaro Gonçalves, que lhe chegava a hora de deixar de ſer Coitado, para que por erro o naõ alcançaſſe alguma lançada, no principio da refrega ſe deitou abaixo da mula, que o levava, e ſe eſcondeo em huma moita para vêr com a luz da manhã o fim da tragedia. Rompeo o dia, e os noſſos, que ficáraõ no campo do combate, naõ vendo nelle o preſo, culpáraõ o ſeu deſacordo em ſe empenharem tanto na peleija, eſquecendo o principal objecto della. Alvaro Gonçalves, que conheceo a voz de Gonçalo Lourenço de Sampayo, ſahio das matas arraſtando as ſuas cadeias com grande alvoroço dos noſſos, que o conduzíraõ a Eſtremoz, aonde eſtava D. Nuno.

Payo Rodrigues Marinho, Portuguez valeroſo, ſuſtentava em Campo-

po Maior a voz do Rei de Castella. Desejava o Regente attrahir este Cabo ao seu partido, e encarregou ao valeroso Gil Fernandes, de quem já tenho fallado, que o persuadisse. Com a palavra mutua de honra se ajustáraõ os dous Cabos a fallar com segurança fóra dos muros daquella Praça. Marchou Gil Fernandes de Elvas ao lugar destinado, aonde o Marinho perfido, e perjuro, o prendeo para tirar pela sua liberdade hum avultado resgate. Naõ era o Gil homem capaz de soffrer esta injúria sem despique. Vêr-se livre, e vingado foi o mesmo. Elle talou com a gente do seu partido as campanhas de Castella até Xeres, donde trouxe importancias dobradas ás do seu resgate, depois de postrar muitos cadaveres para testemunhos do seu resentimento. O Marinho sahio com forças maiores a tomar-lhe contas. Elle as deo taõ ajustadas, que o Marinho lhe cahio no poder para pagar o crime da aleivosia. O Gil fez delle entrega a Martim Vasques para o guardar a bom recato, em quanto Era vulg.

da-

Era vulg. dava alcance aos que fugiaõ. Entaõ lhe diſſe o fiel Portuguez : Ora Payo Rodrigues, já que ſois taõ bravo, pagareis o que fizeſtes a Gil Fernandes, que he taõ manſo. Reſpondeo-lhe Payo Rodrigues hum pouco livre : mas o Vaſques, que uſava poucas ceremonias, de hum golpe lhe levou a cabeça, que trouxe a Elvas em ſinal do ſeu triunfo.

Quando no Alem-Téjo ſuccediaõ eſtas aventuras, a noſſa Armada de Lisboa, que fora incorporar-ſe com a do Porto para voltarem unidas em ſoccorro ao ſitio, que aquella Capital eſperava, marchou commandada pelo Conde de Traſtamara, que ainda eſtava no Porto, a invadir as Praças maritimas de Galiza. Ella metteo em contribuiçaõ, e tomou muitos navios nas de Bayona, Angia, Corunha, Neida, e Betancos, donde ſe fez na volta do Porto a eſperar as ordens de navegar para Lisboa. Eſperava o Rei de Caſtella a ſua armada de Sevilha para principiar o ſitio da noſſa Corte ; e com a noticia de eſtar preſtes, partio

tio de Santarem na testa de 12ↀ cavallos, e grande número de infantes. Pouco depois chegou a vã-guarda da frota composta de quatorze galés, que fizeraõ caminho pelo Téjo a 40 náos grossas, que as seguiaõ. O quartel do Rei junto ao Convento de Santos brilhava pela magnificencia das suas tendas, das dos primeiros Chéfes, e Grandes da Corte. O avultado número das trópas em terra, a quantidade de navios de alto bórdo no rio faziaõ huma perspectiva, ao mesmo tempo que alegre, taõ temivel, que justamente poderiaõ desconfiar os sitiados do bom successo da defensa. A todas as exterioridades correspondia a boa ordem, e disciplina do campo, o provimento dos viveres, a corage dos soldados. Era vulg.

Mas aos Portuguezes, que vencer, ou morrer pela Patria o estimavaõ por acto indistincto, nada os assombrava; antes o maior apparato lhes servia de estimulo mais picante para meditarem a gloria mais sublime. Bem o mostráraõ na chegada do Rei

Era vulg. os dous irmãos Ruy Mendes, e Mem Rodrigues de Vaſconcellos, que vendo ſobre o monte de S. Gens ao deſtemido Capitaõ D. Joaõ Ramires de Arelhano com hum grande corpo de trópas inſultando os da Cidade: Elles ſahíraõ com 200 de cavallo; fizeraõ rodar os Caſtelhanos pelo monte; prendêraõ a D. Joaõ Ramires, e varrêraõ o campo com os Eſtandartes de Caſtella na face do ſeu Rei. Bem o fizeraõ vêr na meſma chegada deſte Principe, quando elle paſſava com hum groſſo de gente pelas portas de Santa Catharina, Fernando Alvares de Almeida, e outros gentiz Fidalgos, que atacados pelo Rei em peſſoa, o noſſo Regente lhes fechou as portas á retirada, para aquelle Monarca vêr diante de ſi tantas montanhas de aço, que immoveis aos repelões de huma multidaõ de lanças, o forçáraõ a deſiſtir do empenho antes de arriſcar a Mageſtade, ou perder a reputaçaõ. Bem o manifeſtou Gomes Rodrigues, quando veio defronte da meſma porta hum dos mais alen-

alentados do exercito pedir combate particular, que elle persuadia se poderia estimar como sentença definitiva da justiça dos partidos do vencedor; e sendo Expectadores do Castelhano o seu exercito posto em armas, as nossas trópas, bordando os muros, do Portuguez: Este aos primeiros golpes deo com o Castelhano morto em terra, ficando mudo o seu campo, que teve em máo agouro o successo; alegre nas acclamações o Povo de Lisboa, que por elle se prognosticou a victoria. Era vulg.

O Principe Regente, vendo o sitio formado, despedio Ruy Pereira para o Porto a fazer expedir a armada, e escreveo a D. Nuno Alvares, que estava em Evora, marchasse com a gente, que podesse tirar da Provincia a embarcar-se nella. Os do Porto, que naõ tinhaõ Commandante, offerecêraõ a armada em tal occasiaõ ao Conde de Neiva, já declarado a favor da liberdade. Naõ duvidou elle acceitar a offerta, e partio de Coimbra a encarregar-se da commissaõ; mas tan-

Era vulg. to elle, como os mais Cabos, ſabendo que D. Nuno vinha com marchas forçadas a embarcar-ſe: naõ querendo na ſua companhia homem tamanho, que levaria toda a gloria da empreza, ſoltáraõ panno, e ſe fizéraõ na volta de Lisboa. D. Nuno, que recebeo eſta noticia em Coimbra, retrocedeo para o Alem-Téjo, contente com a generoſidade de ceder as Villas da Rainha D. Leonor, que o Regente lhe tinha promettido, a favor de ſeu irmaõ o Conde de Neiva, que ſem eſta condiçaõ duvidava acceitar o governo da armada, ambicioſo do premio antes de fazer o ſerviço.

Com a noticia da vinda da armada do Porto, o Rei de Caſtella convocou a conſelho para ſe reſolver ſe a ſua havia ſahir a combater no mar alto, ou eſperalla dentro do rio. Quando ſe debatia a contrariedade das opiniões, appareceo a noſſa pela ponta de S. Giaõ, tremolando flamulas, e galhardetes, empavezada, e guerreira. Ella ſe compunha de dezaſete Galés, e outro igual número de navios de

al-

alto bordo, a que fazia a vã-guarda a Era vulg.
Náo de Ruy Pereira, que com os brios do ſeu Apellido tomou por mais honrado o lugar do maior perigo. Ella entrou no Téjo com tanta confiança, como ſe navegára em triunfo, ſem que os Caſtelhanos, chegados antes, entraſſem nos deveres de lho impedir. Eſta incuria, ou eſta frouxidaõ cauſou novos alentos aos Portuguezes, que já ſe impacientavaõ pelo combate.

Naõ teve elle muita tardança; porque várias náos noſſas, deſtacadas para tentar o animo dos inimigos, de modo ſe empenháraõ, que fizeraõ em ambas as Frótas o choque geral. Todo elle foi de opiniaõ por ambas as partes; mas ſenſivel aos Portuguezes por hum acaſo laſtimoſo, em que perdeo a vida Ruy Pereira fazendo as vezes de ſoldado intrepido, e por tres náos groſſas, que nos apriſionáraõ. Já os inimigos ſe perſuadiaõ, que eſte golpe nos abatêra o valor; que todas as vantagens futuras ſeriaõ ſuas; que a deſte combate aliſtára a for-

Era vulg. fortuna ao ſeu ſoldo, eſpecialmente quando foraõ reforçados depois delle por mais vinte e hum navios, e nos noſſos faltavaõ tres. Segunda batalha, em que nenhuma das partes cantou a victoria, lhes deſmentio as idéas; mas elles ficáraõ em eſtado, que ſe foraõ para Reſtelo reparar as ruinas, e nós bordámos a noſſa praia junto aos muros da Cidade para ſuſtentar a defenſiva, que era o que entaõ nos importava.

CAPITULO VI.

Continuaçaõ do ſitio de Lisboa com o mais que aconteceo até os Caſtelhanos o levantarem.

NA Naçaõ Portugueza o amor da Patria, que a Eſtrangeiros bem inſtruidos ouvi já notar de ſuperſticioſo, he taõ vehemente, que Diogo Lopes Pacheco, já muito avançado em annos, e ſeus filhos Joaõ, Fernando, e Lopo, que eſtavaõ em Caſtella muito reſpeitados: ſabendo o

que

que o Meſtre de Aviz obrava em Portugal pela liberdade, marcháraõ com trinta criados para ſer participantes da honra da noſſa reſoluçaõ, que em Caſtella nem era para penſada. Elles chegáraõ ao Téjo quando principiava o ſitio de Lisboa, e naõ querendo arriſcar-ſe na paſſagem, foraõ para Almada. Os ſeus eſcrupuloſos moradores, como elles vinhaõ de Caſtella, naõ houve remedio a conſentillos dentro dos muros, e apenas os deixáraõ aquartelar nos arrabaldes. Entrou o Rei em viva cólera quando ſoube eſta retirada de Diogo Lopes, que caracteriſou pela ingratidaõ mais indigna, ſuppoſtos os grandes beneficios, que Diogo Lopes recebêra delle, e de ſeu Pai D. Henrique. Sem mais penſar mandou hum grande deſtacamento aos Arrabaldes de Almada prender Diogo Lopes, que aviſado da paſſagem dos Caſtelhanos, com ſeus filhos, criados, e parte da guarniçaõ ſahio a elles para dar próvas da fé no coraçaõ, do valor em annos velhos. Era vulg.

Taõ

Era vulg.

Taõ rudo foi o ataque, que aos primeiros repelões cahíraõ mortos 40 Castelhanos; mas como o partido era muito desigual, e Diogo Lopes teve a infelicidade de ficar prisioneiro, seus filhos, e a trópa cuidáraõ em retirar-se com honra. A vista do veneravel Velho acabou de enfurecer o Rei, que resolveo castigar a fiel Almada. Mandou elle sitiar o Castello por Pedro Sarmiento, e Joaõ Rodrigues de Castanheda, que por espaço de mez e meio encontráraõ huma resistencia inimitavel, e lograria os seus effeitos, se secca a Cisterna, a sede extrema, e a impossibilidade de lhe introduzir a agua necessaria naõ obrigasse o Principe Regente ordenar aos moradores, que se entregassem. Porém os da Villa de Ourem repararaõ esta perda de Almada, entregando-se ao Mestre D. Lopo Dias de Sousa, que prendeo nella a dous filhos do Conde de Barcellos, antes amigo do Regente, agora declarado contra a liberdade da Patria com a irmã Rainha preza em Castella.

O

O ſitio de Almada naõ impedia o ardor do de Lisboa, nem o ſeu rendimento esfriou o reſentimento do Rei, aſſim pelo deſprezo, que em Thomar fez D. Nuno Alvares Pereira, quando voltava de Coimbra, das vantajoſas promeſſas, com que o mandou brindar para ſeguir o ſeu partido; como porque o ſeu reconhecimento a eſta benevolencia Real foi vir com a ſua gente, perecendo de fome, atacar, vencer, e deſpojar junto a Santarem huma groſſa partida Caſtelhana para ſupprir com o valor deſta preza os gaſtos da jornada até Evora. Crimes taõ honrados eſtimuláraõ tanto ao Rei D. Joaõ, que mandou a Joaõ Rodrigues de Caſtanheda paſſaſſe logo a Badajóz, e caſtigaſſe a D. Nuno, que com a ſua chegada ao Alem-Téjo aggravára os delictos, tomando por huma ſurpreza cheia de confiança a Villa de Monçaráz. Entendeo o Caſtanheda, que hum Moço de vinte e tres annos, como era D. Nuno, reſpeitaſſe hum Capitaõ antigo, qual elle ſe deixava vêr; e Era vulg.

o

Era vulg. o perſuadio por hum trombeta, que mandou a Elvas, reconheceſſe o ſeu legitimo Rei, e naõ quizeſſe vello da outra parte do Caya com cara de enfadado.

Reſpondeo-lhe D. Nuno, que para o ſeu Soberano ſer Rei de Portugal, primeiro havia eſperar, que a Rainha lhe deſſe hum filho para os Portuguezes o reconhecerem como tal, na fórma que elle jurou no ultimo Tratado: que lhe agradecia os ſeus conſelhos, paixaõ dominante dos Velhos dallos aos rapazes, que lhos naõ pedem: que elle o eſperava no dia ſeguinte, e o convidava para a ſua meza, aonde o acharia com cara de riſo, e ſemblante de féſta. Apenas D. Nuno deſpedio o trombeta, ordenou ſe tocaſſe a pegar; e ainda o Caſtanheda naõ acabára de ouvir o recado, já elle eſtava á viſta de Badajóz com 400 cavallos, e a infantaria de Elvas. Naõ convinha á honra do Caſtelhano deixar de acceitar o convite, que lhe vinhaõ fazer na caſa propria, e ſahio com todo o ſeu poder; mas ſen-

ſendo enveſtido com huma reſoluçaõ, que ſenaõ concebe, a furia do repelaõ o metteo a golpes pelas portas de Badajóz, aonde todos ſobiraõ á muralha para verem o roſto alegre, e o animo deſenfadado com que D. Nuno levou o reſto do dia na frente della. Era vulg.

Eſtas noticias no campo, e na Praça de Lisboa produziaõ os encontrados effeitos, que ſaõ faceis de penſar. O Rei de Caſtella chamou a Pedro Sarmiento, e dando-lhe ordem, que com a gente do exercito, que quizeſſe levar, foſſe ajuntar-ſe com a que tinha no Crato o Prior D. Pedro Alvares Pereira; reſolveo, que havia trazer-lhe alli a D. Nuno morto, ou prezo. Vaidoſo o Sarmiento por ſer eſcolhido para reparar a fraqueza do Caſtanheda, eſcreveo do Crato a D. Nuno, que ſe achava em Evora, dizendo-lhe o eſperaſſe no campo, aonde elle hia para o açoitar á viſta de todos, como a minino. D. Nuno naõ quiz reſponder por eſcrito: Seria reſpeito, ou temor, mas nada o alterou. Dizei a meu amigo

Pe-

Era vulg. Pedro Sarmiento (foi a reſpoſta de D. Nuno,) e aos mais Capitães, que o acompanhaõ ; a promptidaõ com que lhe obedeço em buſcallos : que prepare os inſtrumentos para os açoites, que eu levarei de boa vontade, ſe elle vir, que lhe vira as coſtas o minino, que ſaberá ſer cortez ás ſuas cãs.

Ajuntou D. Nuno a gente que pode, e marchou duas leguas de Evora a eſperar os inimigos, que apparecêraõ em grande número com os muitos cabos reſpeitaveis na ſua teſta. Ambos os córpos fizeraõ alto, quando ſe aviſtáraõ ; D. Nuno querendo ſer acomettido, os Caſtelhanos duvidoſos ſe acometteriaõ. Antes de ſe expôr á fortuna, tentáraõ como prudentes a D. Nuno com huma menſagem nova, reiterando as perſuasões de mudar caſaca. Elle lhes fez reſponder : Que naõ viera ao campo gaſtar o tempo em cumprimentos, ſenaõ a levar os açoites : que ſe moveſſem a dallos, ou que poſeſſem pé em terra, como elle eſtava, que naõ du-

duvidava ſer o meſmo que marchaſſe a recebellos, ſe condeſcendeſſem em pôr-ſe na acçaõ, que lhes requeria. Dous dias os eſperou o valeroſo Heróe ſem elles ſe moverem, nem mudarem de poſtura. No terceiro ſe reſolveo a atacallos, naõ podendo demorar mais tempo o deſaggravo da injúria; mas quando amanheceo achou-ſe ſó no campo, porque os inimigos ſe haviaõ retirado para Lisboa com todas as apparencias de quem foge. Era vulg.

Sentio o Rei em extremo eſte deſar das ſuas armas: muito mais D. Nuno, que ſobejando-lhe o valor, naõ eſtimou a victoria, por lhe faltar o conflicto. Naõ ſoffreo aquelle animo intrépido deixar de moſtrar ao mundo, que naõ combatêra, porque os Caſtelhanos lhe fugíraõ; e arbitrando comſigo a idéa façanhoſa, que havia emprehender; com a meſma trópa, que o acompanhava, foi ſeguindo a marcha dos inimigos, e de repente ſe lançou ſobre a Villa de Almada. O Caſtanheda, que já eſtava nella, fugio ſem acordo. Naõ pode ſur-

Era vulg. ſurprender o Caſtello, que achou com as pórtas fechadas; mas ſaqueou a Villa, e com cólera juſta as caſas do Sarmiento, e Caſtanheda; paſſou á eſpada quantos Caſtelhanos apparecêraõ; e formando a ſua gente em huma grande fileira com os Eſtandartes ſoltos ſobre a rocha fronteira a Lisboa, deo aos moradores, que diſcorrêraõ quem era, huma viſta bem alegre. No meſmo dia ſe recolheo a Palmela, aonde eſteve até ao fim de Setembro, quando os Caſtelhanos levantáraõ o ſitio.

Todas as noites mandava elle accender muitos fogos nos altos da Villa para dar ſinal ao Regente, de que alli eſtava o mais fiel dos ſeus ſervidores, prompto a ſeguillo em todos os deſtinos. Reparou o Rei de Caſtella na continuaçaõ deſtas luminarias, e perguntou ao Sarmiento quem ſeria o author daquelles ſinaes, a que ſe reſpondia com outros ſemelhantes no Palacio Real de Lisboa. Dizendo Pedro Sarmiento, que entendia ſer D. Nuno Alvares Pereira: O Rei, deſcobrindo

do o fundo da ſua afflicçaõ, lhe tornou, que ſe admirava, de que ſendo elle o Adiantado de Caſtella conſentiſſe, que hum Commandante de cinco potros lhes eſtiveſſe fazendo taes deſprezos na ſua face. O Sarmiento, que ſe vio neceſſitado a deſculpar a covardia propria, encarecendo o valor alheio, reſpondeo ao Rei: Que déſſe graças a Deos, ou ao Rio, que tinha na frente; que a naõ ſer elle, o Chéfe de cinco potros o viria viſitar dentro do ſeu pavilhaõ real. Era vulg.

Muitos cuidados entráraõ daqui em diante a opprimir o eſpirito do Regente pela difficuldade do remedio. Hum delles foi a priſaõ, de que deſejava reſgatar a Diogo Lopes Pacheco, que viera de Caſtella com os filhos offerecer-ſe no ſeu ſerviço. Deſte ſe livrou elle pela troca, que fez com D. Joaõ Ramires de Arelhano, que tinha priſioneiro; e em recompenſa da ſua fidelidade reſtituio a Diogo Lopes a honra, fama, e fazenda, de que o privára o Rei D. Fernando. Outro maior foi o da traiçaõ intentada por

D.

Era vulg. D. Pedro de Caſtro, filho do Conde de Arrayolos, que guardava a pórta de Santo Agoſtinho com huma trópa de Caſtelhanos do partido antigo do meſmo Rei D. Fernando, e ajuſtou dar por ella entrada ao de Caſtella. Joaõ Lourenço da Cunha, marido da Rainha D. Leonor, que ſoube eſta conjuraçaõ, quando eſtava em artigo de morte, a revelou ao Regente, que ajuntou com a actividade de a diſſipar, a clemencia indiſivel do perdaõ, que deo a D. Pedro contra o clamor geral de todo o Povo. Sobre todos intoleravel era o cuidado de remediar a fome, que hia chegando a Cidade aos termos de ſe perder. A eſte perigo acodio Deos, que ſendo ſó quem dá, e tira Imperios, neſta occaſiaõ naõ quiz Portugal ſugeito a dominio eſtranho, e defendeo a noſſa liberdade com os esforços do ſeu braço, como ſe hirá vendo no diſcurſo deſta narraçaõ, ainda que contraida.

Principiáraõ a picar no campo queixas contagioſas acceleradamente mortaes, que pozeraõ em conſternaçaõ

çaõ o Rei, e os ſeus Generaes. Ellas o obrigáraõ a tentar antes os meios da negociaçaõ, que os das armas, já prevendo que poderia reduzillo o mal a termos de levantar o ſitio. O Regente naõ querendo ter por indifferentes quaeſquer propoſtas, ſe diſpôz para ouvir as que o Rei determinava mandar-lhe fazer. D. Pedro Fernandes de Velaſco, Camareiro Mór, foi o nomeado pelo Rei de Caſtella para eſta commiſſaõ importante. Sahio o Regente da porta de Santa Catharina a ouvillo; e elle deſenvolveo a pertençaõ do Rei ſeu Amo á noſſa Coroa bem firmada no ſeu caſamento com a Rainha D. Brites. Propôz-lhe, que ſe quizeſſe abater as armas, ficaria com o governo do Reino aſſociado de hum Fidalgo Caſtelhano, que elle nomeaſſe para eſſe effeito. Bem longe deſtas idéas, o Principe reſpondeo ao Deputado em termos vagos, e taõ geraes, que nada ſignificaſſem. Derrotou a força do caſamento pela rotura, que o Rei fizera no ſeu Tratado; de ſórte, que Velaſco teve de voltar como Era vulg.

Era vulg. veio, ſem negociaçaõ, nem eſperança.

Como nada reſultou da conferencia, foi renovada a guerra; e o Pincipe, que ſe envergonhava, de que ſe diſſeſſe no mundo, que elle naõ ſahia ao campo, e ſoffreſſe os inſultos dos Caſtelhanos dentro dos muros de Lisboa; eſcreveo a D. Nuno Alvares marchaſſe com a gente do ſeu partido ſobre a reta-guarda dos inimigos, que elle ao meſmo tempo atacaria pela vã-guarda, para em hum dia livrarem de tantas calamidades a Capital do Reino. Aſſim diſcorriaõ os animos, quando o contagio tirando a vida aos Chéfes mais importantes do exercito, entre elles Velaſco, *Sarmiento*, Caſtanheda, o Conde de Mayorga, e o bravo Almirante Toar: o Principe de Navarra, cunhado do Rei de Caſtella, lhe repreſentou naõ tentaſſe a Deos, levantaſſe o ſitio, e ſe recolheſſe a Caſtella, antes que as ſuas forças ficaſſem ſepultadas nos campos de Lisboa. A confuſaõ, ou a dor do Rei foi taõ viva, que a deſaffogou

gou em gemidos; o ſeu ſentimento, ou a ſua indignaçaõ taõ grande, que a reſpirou com o proteſto de deſejar vêr o aſſento de Lisboa lavrado a ferros de arado. Era vulg.

A ſua triſteza, e o ſeu pejo tudo o Rei quizera eſconder em Santarem; mas a eſperança de dominar Portugal algum dia, o fez tirar a público por meio de muitas Cartas inſinuantes, com que rogava aos Governadores das Praças do ſeu partido ſe mantiveſſem nelle firmes, em quanto voltava a Caſtella a reforçar-ſe. Occupado em fim do humor melancolico, que lhe agitavaõ tantos eſpectaculos triſtes, quantos encontrára em Portugal naõ eſperados; elle ſe reſolveo a ſahir do Reino, aonde viera ſer teſtemunha do deſtroço das ſuas armas, ſem conſeguir nada digno de qualquer Capitaõ, quanto mais de hum Rei taõ poderoſo ſobre hum Eſtado taõ fraco, ainda mais debil por dividido. Elle ſe foi; meditando, que já mais Principe marchára taõ abatido como elle neſta ſahida de Portugal. A ſua triſte-

Era vulg. za deſcoberta no roſto ſe communicava aos Grandes, que naõ podiaõ eſcuſar-ſe ao ſentimento na perda dos parentes, e amigos: ſentimento dobrado pela companhia dos cadaveres, que levavaõ embalſamados com ſal para lhes darem ſepultura nos jazigos dos ſeus Maiores. Nada ſe via neſta retirada, ſenaõ o ajuntamento numeroſo de hum Reino grande, mais em tom de acompanhar hum enterro ceremonioſo, que de conquiſtar huma Coroa brilhante.

Neſta figura chegou o Rei D. Joaõ a Sevilha, aonde teve por conveniente naõ deſabuſar a credulidade dos ſeus vaſſallos com o uſo, que elle dava ao titulo de Rei de Portugal. Para melhor os entreter foi provendo em Fidalgos Portuguezes os empregos, que do tempo do Rei D. Fernando eſtavaõ vagos. Neſtes exercicios, ainda que com mais de apparencia, que de entidade, D. Joaõ deſaffogava o animo para o diſpôr á continuaçaõ dos ſeus projectos, quando ſe lhe offereceſſe occaſiaõ mais oppor-

portuna. Ora deixando nós ao Rei de Castella luctando com as imaginações tristes dos seus infortunios, levemos a memoria a lembrar-se dos alvoroços plausiveis de Lisboa. Era vulg.

Viaõ os nossos dos muros, e naõ entendiaõ os movimentos dos Castelhanos no seu campo ao tempo, em que elles se dispunhaõ para levantar o sitio. Na noite os desenganou o fogo, que pozéraõ ao arrayal, e assustou a D. Nuno Alvares em Palmela, entendendo que a Cidade se abrazava. Na manhã foi completo o gosto, quando os vimos pelas costas em retirada vergonhosa. O Principe Regente transportado de hum prazer religioso, correo ao Templo seguido do Povo, para mostrar na acçaõ de graças, que hia render ao Ceo, como o levantamento do sitio era hum effeito menos da sua ambiçaõ, e da sua gloria, que da sua piedade, e da sua esperança em Deos. Os Ministros do Evangelho para nos persuadirem a grande obrigaçaõ, em que estavamos ao Dominante Supremo dos Imperios, dé-

Era vulg. déraõ todo o tom de horribilidade ao riſco, em que eſtivemos de ſupportar hum dominio eſtranho: Deſgraça, que elles reduzíraõ a eſtado de muito mais odioſa, que nós naquelle tempo imaginavamos. O Povo confundia o goſto com os allaridos das feſtas, e dos vivas, que entoavaõ em igual ponto a clemencia do Regente, a ſua fortuna, a ſua gloria, o ſeu valor.

O fideliſſimo D. Nuno Alvares Pereira, impaciente por ſe congratular com o ſeu Principe, naõ eſperou que a Armada dos Caſtelhanos ſahiſſe do rio para paſſar a Lisboa. Elle ſe embarcou em huma falua, e ſe pôz ſurto na bocca do Montijo até horas de meia noite, donde partio a toda a força dos remos. Quando ſe vio no meio da Eſquadra inimiga mandou aos ſeus trombetas, que tocaſſem. Os Caſtelhanos confuſos ſe pozéraõ em armas; e deſcobrindo a falua, de todas as náos ſe perguntou quem paſſava. Foi-lhe reſpondido, que o Fronteiro do Alem-Téjo D. Nuno Alva-

vares Pereira. Como ſe o écco deſte nome foſſe hum trovaõ horrendo nos ouvidos dos Caſtelhanos, todos de repente emudecêraõ, e naõ houve quem lhe impediſſe a paſſagem. Quando foi hora competente deſembarcou, marchou em direitura ao Paço, e dado aviſo ao Principe, correo a recebello á ſalla, aonde lhe lançou os braços, e ſe uniraõ os corações, que ligára o amor. Era vulg.

A vinda de D. Nuno foi acompanhada das demonſtrações da notavel inclinaçaõ, que ao Regente moſtravaõ os Póvos na concurrencia de lhe offerecer cada qual quanto poſſuia para os gaſtos da guerra, ſe ella continuaſſe. Eſta feliz diſpoſiçaõ a favor do Principe era hum caminho aberto para elle ir dando paſſos á Coroa. D. Nuno aproveitou a occaſiaõ para o perſuadir: Que ſe os Portuguezes ſe lhe uniaõ por amor, que era juſto ligallos mais com os vinculos da Religiaõ no ſagrado do juramento ſolemne de fidelidade, que eſtimula os homens a fazer-ſe inſeparaveis dos ſeus

So-

Era vulg. Soberanos : Que em Lisboa eſtavaõ tantos honrados , que de neceſſidade ſe haviaõ dividir pelos empregos do Reino ; outros ainda naõ muito firmes na conſervaçaõ do partido da liberdade ; que a huns , e outros era juſto tellos aſſuſtados com o temor de ſer perjuros : que o meio de conſeguir eſte projecto ſem reparo, elle o entendia facil na propoſta do modo por que ſe havia continuar a guerra ; para o que convocaſſe a Nobreza , e Povo , o Principe lha fizeſſe , que elle entaõ moveria o aſſumpto do juramento , que ſe lhe repreſentava indiſpenſavelmente neceſſario.

Sabia o Principe, que quanto D. Nuno fallava eraõ affectos emanados de hum coraçaõ candido ; e convindo com elle , mandou convocar as gentes na Igreja de S. Domingos , aonde lhes fez eſta pathetica falla : Vós ſabeis , Patricios amados , e companheiros fieis , que por morte do Rei D. Fernando Eu quiz deixar o campo livre aos pertendentes da Coroa , e embarcar-me para Inglaterra, até vêr

o

o eſtado dos negocios do Reino: Vós Era vulg.
mo impediſtes temeroſos de vos ſugeitar dominio eſtranho: vós me violentaſtes a dar palavra de naõ abandonar a Patria: vós me rogaſtes para acceitar o Governo até ſe encherem as condições do contrato do caſamento do Rei de Caſtella, com a Rainha D. Brites: Elle naõ teve paciencia para o eſperar: Rompeo a ſua ambiçaó no deſacordo de faltar á fé de Soberano na priſaõ de meus irmãos os Infantes D. Joaõ, e D. Diniz, na de ſeu meſmo irmaõ o Conde de Gijon por ſer caſado com huma filha do Rei D. Fernando: Entrou no Reino armado, e o tratou como inimigo: Vós o acabais de vêr no cerco, que pôz a eſta Corte: Eu a defendi com a força do voſſo braço: moſtraſtes, que ſois Portuguezes: Elle deixou entre nós partido grande, que nos deve ter acautelados: Elle voltará no anno futuro ao empenho, que forma na ſua idéa ſer o ponto mais eſſencial da ſua honra: Vós entendo eſtares firmes em ſuſtentar o da liberdade, para que

Eu

Era vulg. Eu offereço o ſangue, e a vida: Chamei-vos para vos dizer, que ha de continuar a guerra, e que ſó de vós depende arbitrar os meios para a fazermos vigoroſa.

D. Nuno Alvares Pereira tanto que vio o paſſo franco para avançar a ſua idéa, foi o primeiro em fallar, e depois de tecer elogios correſpondentes ás boas intenções do Principe, accreſcentou: Que a primeira acçaõ com precedencia a todas as outras, devia ſer hum acto ſolemne feito no Senado da Camara, pelo qual juraſſem ſervir com fidelidade ao Principe todos os que o reconhecêraõ Regente, e eſtimavaõ Protector: que para a reſoluçaõ dos mais negocios civís, e Militares, ſe convocaſſem Cortes para a Cidade de Coimbra no principio da Primavera, aonde os Póvos do Reino tomariaõ pelos ſeus Procuradores as deliberações mais conformes á manutençaõ da liberdade. Applauſo univerſal mereceo a propoſta de D. Nuno; e deſtinado o dia ſeis de Outubro para o acto do juramento, e

pa-

para lugar delle o Palacio da Alcaceva, com aſſiſtencia de muitos Prelados, de muitos Fidalgos da Corte, e do Reino, e de hum concurſo numeroſo, ſe celebrou a ceremonia auguſta, preſente o Principe debaixo de hum docel magnifico, que acceitou o juramento, e já com apparencias de Rei, todos lhe beijáraõ a maõ. Era vulg.

Coroou o Regente eſte acto com as avultadas, e copioſas mercês, que fez a todas as peſſoas, que mais ſe diſtinguíraõ na defenſa da Corte, para que os premios preſentes eſtimulaſſem os eſpiritos a obrar no futuro outras gentilezas, que os mereceſſem ſemelhantes. D. Nuno Alvares, que naõ queria perder tempo, ſe recolheo logo para Evora a diſpôr os meios de fazer reſpeitavel a ſua Provincia. Elle deixou aconſelhado ao Principe, que ſahiſſe de Lisboa em figura de quem hia picar a reta-guarda dos Caſtelhanos, e perſeguillos na retirada, quando já elles iriaõ chegando a Caſtella; porque de ſe deixar ver aſſim ás Praças contrarias, ou indifferen-

tes,

Era vulg. tes, poderia trazer algumas á ſua devoçaõ, como depois moſtráraõ os ſucceſſos.

CAPITULO VII.

Das expedições que ſe ſeguiraõ depois do levantamento do ſitio de Lisboa, e como foraõ convocadas as Cortes de Coimbra.

O PRINCIPE Regente na Eſtremadura, e D. Nuno Alvares Pereira no Alem-Téjo naõ quizeraõ, que a Patria os viſſe ocioſos. Sahiraõ ambos ao meſmo tempo a ſugeitar algumas das Praças obedientes a Caſtella; mas os primeiros paſſos do Regente, que marchava huma noite a ſurprender Sintra com o Arcebiſpo de Braga, e Conde de Neiva, foraõ detidos por huma tormenta taõ horroroſa, que o forçou a retirar ſem proſeguir na empreza, que lhe era importante, por eſtar Sintra taõ viſinha de Lisboa, e a ſuſtentar por Caſtella o Conde de Cea D. Henrique Manoel. O pezar

que

que lhe causou este infortunio, brevemente o suavisou com a restauração de Almada, que lhe abrio as portas, e mostrou o zelo, que tinha pelo seu serviço, agora preferido á conservação de vinte refens honrados, que o Rei de Castella levou da Villa por penhor da sua fidelidade. O Regente fez aos moradores as mercês, que merecia a delicadeza da que com elle usárão no tempo do sitio, e nesta entrega; então sacrificando-se a si nos seus córpos; agora offerecendo por victima as almas nos refens dos filhos. Era vulg.

Elle se fazia prestes para ir sobre Torres-Vedras, quando os paizanos de Alemquer o rogárão quizesse em pessoa marchar áquella Villa, que elles desejavão pôr na sua devoção. Para não ficar inutil a primeira resolução, dividio a gente; parte para o seguir a Alemquer; outra parte para principiar o sitio de Torres ás ordens de João Fernandes Pacheco. Não pode Alemquer ser levada de surpreza com o favor da paizanage, porque

che-

Era vulg. chegáraõ de dia os barcos, que conduziaõ a trópa do Regente, a que se oppôz vigoroso o Alcaide Mór Vasco Pires de Camões. Fortificou-se o Principe no campo, e mandou intimar a entrega ao Chéfe, que respondeo com a defensa gentil de seis semanas, em que se deraõ muitos, e vistosos combates. Em hum delles perdeo a vida com alentos generosos D. Affonso Henriques, irmaõ bastardo do Conde de Trastamara, que seu Pai o Infante D. Fradique tivéra da célebre Paloma, e naõ deixou geraçaõ, que pela honra de descender de hum Infante, multiplicasse a vileza de tal Mãi.

A força dos combates, e o aperto da sede reduzíraõ o Camões a capitular a entrega com os Artigos seguintes: Que lançaria do Castello a guarniçaõ Castelhana, e elle o defenderia pelo Regente em attençaõ a ter sido criatura do Rei D. Fernando, e estar casado com a filha de hum Fidalgo Portuguez: Que se voltasse ao Reino a Rainha D. Leonor sem tra-

zer

zer Caſtelhanos, poderia entregar- Era vulg.
lhe a Villa, por ſer pertencente aos ſeus Eſtados: Que o Regente poria no Caſtello guarniçaõ Portugueza, mas que o Alcaide Mór elegeria os Cabos. Com eſtas clauſulas entregou entaõ a Praça de Alemquer o Gallego Vaſco Pires Camões forçado pela neceſſidade, com a intençaõ pervertida; mais facil a ſer ingrato ao beneficio, que perder a conjuntura de ſe moſtrar officioſo a Caſtella.

De Alemquer marchou o Regente para o ſitio de Torres-Vedras, que ſe fez penoſo pelo rigor do Inverno, que ſobreveio. A Providencia que parece guardava no ſeu ſeio eſta Reliquia do Santuario dos noſſos Reis fideliſſimos, a preſervou de hum fim deſeſtrado debaixo dos muros deſta Praça. Ponderava o Rei de Caſtella a pouca apparencia de lograr os ſeus deſignios; e como via a difficuldade de os conſeguir por força das armas, reſolveo-ſe a tentallos por meio da perfidia, a todos os homens eſtranha, em hum Rei abominavel. Para eſte ef-

fei-

Era vulg. feito, elle imagina o modo de arrancar do mundo o noſſo Regente, que lhe formava o maior obſtaculo ás ſuas pertençóes. Parecendo-lhe expediente ſeguro valer-ſe do meſmo traidor, que em Coimbra lhe quiz tirar a vida, e por ſe ſalvar tomou o partido do Regente, agora o perſuade a amontoar as infamias, e que mate ao Protector o homem refugiado, que quiz matar o ſeu meſmo Soberano. Eſte era o Conde de Traſtamara, entaõ aſſiſtente na Cidade do Porto, ao qual o Rei de Caſtella eſcreveo a Carta ſeguinte:

« Que elle devia lembrar-ſe, que » além de vaſſallo, era ſeu primo ir» maõ; duas razões, que o obrigavaõ » a ſervillo contra os ſeus inimigos: » Que elle naõ ignorava, como o » maior de todos era o Meſtre de » Aviz, que tinha a confiança de diſ» putar a ſua mulher a poſſe de Por» tugal: Que ſe eſqueceria de tudo, » ſe elle Conde quizeſſe matar o dito » Meſtre, o que lhe ſeria facil por » eſtar eſtimado confidente dos Por-

» tu-

» tuguezes : Que no mundo naõ se Era vulg.
» lhe podia fazer maior serviço, que
» executar esta morte, e por isso os
» premios seriaõ talhados pela medi-
» da da sua estatura: Que se apressas-
» se em abrir esta pórta para reen-
» trar na sua amizade, que lhe pre-
» parava a maior fortuna; porque o
» sublimaria ao primeiro homem de
» Hespanha o Rei, que nunca seria
» ingrato para deixar de confessar,
» que ao Conde de Trastamara devia
» o Reino de Portugal.» Recebida es-
ta Carta; esquecido o Conde de quem era; arrastado das promessas de hum Rei injusto; lisongeado de vãs esperanças, naõ se contenta só com entrar nas intenções do Rei de Castella, senaõ que assegurando involver nellas aos seus amigos, e criaturas, o poem certo, em que nada mais falta que buscar a occasiaõ para executar o designio.

Sem perder tempo sahio o Conde do Porto, e chegou ao campo com semblante, de que vinha obsequiar o Regente, assistindo-lhe no sitio de

Era vulg. Torres. A alliança já contraida com D. Brites de Castro lhe facilitou communicar a seu irmaõ D. Pedro de Castro, já traidor no sitio de Lisboa, e benignamente perdoado, como fica dito, as intenções com que seguia o Regente. Trouxe mais á sua facçaõ a Joaõ Affonso de Baeza, Gallego favorecido do Rei D. Fernando, e ao Asturiano Garcia Gonçalves de Baldez, que era alentado Cavalleiro, mui destro no manejo dos cavallos. Estes foraõ os conjurados, que andavaõ esperando conjuntura para a sua atrocidade, que fizeraõ saber a Joaõ Duque, Alcaide Mór de Torres, por meio de escritos mettidos nas sétas, que arrojavaõ á Praça, para estar prevenido a recebellos depois de a executarem. O Regente estimava muito ao Baeza, que o acompanhava, quando sahia ao campo a cavallo, e para mostrar destreza, vinha de longe vibrando a lança até a apontar aos peitos do Principe, e entaõ com velocidade a abatia.

Depois da conjuraçaõ praticava elle estas destrezas com mais frequen-

cia,

cia, como ensaio, para, quando tivesse occasiaõ de estar mais proximo da Praça, a metter-se de véras, e salvar-se nella. O memoravel Fernando Alvares de Almeida, que depois foi Ayo dos Infantes, fez-se-lhe intoleravel a repetencia deste brinco do Baeza, e resoluto a impedilla na primeira conjunctura, lhe cortou a carreira; com a sua lhe abateo a lança, dizendo: Reportai-vos, que este modo de insultar o meu Principe he indecente, e eu naõ vo-lo-hei de consentir. Alvoroçou-se a consciencia culpada; mas o Regente, que nada sabia, os socegou; e como aos traidores se frustrou esta idéa, cuidáraõ em inventar novos arbitrios. Elles os tinhaõ bem dispostos ao tempo, que pelo caso succedido no Castello de Gaya, o Conde de Neiva, e Ayres Gonçalves de Figueiredo se desgostáraõ de modo, que o Regente se necessitou a mandallos prender por Vasco Martins de Mello, e remettellos para Evora, aonde estiveraõ alguns annos. Era vulg.

Era vulg. A prisaõ repentina de taes pessoas, ignorados os motivos, causou tal medo nos conjurados, que o Conde de Trastamara sem acordo se refugiou na Praça; o Baeza, e D. Pedro de Castro fugíraõ para Santarem; o Baldez, que estava na guarda com Antaõ Vasques de Almada foi por elle preso; posto a tormento, confessou todas as circunstancias da conjuraçaõ, e á vista da Praça se lhe deo vivo fogo lento. O barbaro Alcaide Mór despicou este castigo justo, mandando cortar as mãos, e os narizes a seis prisioneiros, que tinha nossos na Villa, e pendurados estes destroços da impiedade ao pescoço de hum, o mandou ao campo com este presente. Os nossos o gratificáraõ, mettendo os Castelhanos nos instrumentos de arrojar pedras, que os arrameçavaõ á muralha, aonde se esmagavaõ: Brincos, em que se exercitava a cólera, quando se devia dar lugar á ira.

Seguíraõ-se a estes infortunios a grande invernada, que sobreveio, e impedia as operações do sitio; o des-

Era vulg.

prazer de Vaſco Pires de Camões tornar a levantar-ſe com a Villa de Alemquer; o deſgoſto de Affonſo Lopes de Texeda, Commandante de Torres-Novas, com Diogo Gomes Sarmiento, que o era de Santarem, derrotarem huma partida noſſa, e prenderem o Meſtre de Chriſto D. Lopo Dias de Souſa, e o Prior do Crato Alvaro Gonçalves Camello: Motivos, que obrigavaõ o Regente a levantar o ſitio para ir ás Cortes de Coimbra, e preparar-ſe para a jornada, em que o deixaremos occupado; porque devemos referir os ſucceſſos de D. Nuno Alvares Pereyra no Alem-Téjo, que principiando felices, pela meſma conjunctura do tempo, e dos negocios foraõ atalhados.

Logo que D. Nuno chegou a Evora concebeo penſamentos de ſe fazer ſenhor dos Caſtellos de Villa-Viçoſa, e de Portel pelos terem por Caſtella dous Fidalgos ingratos ao Principe Regente: na primeira Villa o Commendador Mór Vaſco Porcalho, na ſegunda Fernaõ Gonçalves de Souſa.

Ha-

Era vulg. Havia em Portel hum Clerigo chamado João Mattheus, que soffria impaciente a infidelidade da sua Pátria, e que a guarnecessem Castelhanos. Elle se resolveo a libertalla, e tirando em cera o molde das chaves da porta principal, veio a Evora, e o offereceo à D. Nuno para se fazerem por elle novas chaves, que levou, deixando ajustada a noite para a empreza. Foi grande o gosto do nosso Chéfe na offerta do mesmo, que desejava; e sahindo de Evora, foi esperar na Torre dos Coelheiros a hora de marchar occulto. Chegados a Portel, o Clerigo que estava á lerta com os seus amigos, abrio a porta, por onde entrou D. Nuno com a sua gente; mas sendo sentido dos Castelhanos, se travou hum disputado combate, que foi vencido, e ganhada a Villa. O Sousa entregou o Castello por capitulação salvas as vidas, e permittida a passagem para Castella.

Divulgou-se esta noticia da surpreza de Portel pela Provincia, e ella fez lembrar em Villa-Viçosa o engano

no de outra ſemelhante, traçada de modo, que nella infallivelmente havia perecer D. Nuno, o objecto do odio entranhavel de Porcalho, ſe naquella noite o naõ guardára a Providencia para depois lhe dar formoſos dias. Fingio o perfido huma Carta em nome de varios viſinhos, que pediaõ a D. Nuno marchaſſe a tal hora á pórta da torre, aonde elles o eſperavaõ para lhe dar entrada. Havia da torre á pórta hum paſſadiſſo com muitas ſeteiras, por onde podiaõ ſer arrojadas grandes pedras, e aqui eſperou Porcalho os convidados bem prevenido para os eſmagar na entrada. Em quanto a noſſa gente ſe apeava, adiantáraõ-ſe Fernaõ Pereira, irmaõ de D. Nuno, com hum criado valeroſo, e o célebre Alvaro Gonçalves Coitado para examinarem a entrada da pórta. O Porcalho, que entendeo ſer D. Nuno, fez lançar tal tempeſtade de pedras, que Fernaõ Pereira, e o ſeu criado ficáraõ logo mortos, e o Coitado priſioneiro. Sentio D. Nuno a morte de ſeu irmaõ, e como naõ tinha

Era vulg.

Era vulg. nha forças para levar a Praça á eſcala viſta, contentou-ſe com mandar pedir o cadaver de Fernaõ Pereira, que veio enterrar no Convento de Saõ Franciſco de Eſtremoz.

1385 Em quanto no Alem-Téjo ſuccediaõ eſtas couſas, o Regente determinado a levantar o ſitio de Torres-Vedras, mandou antes, que o Arcebiſpo de Braga marchaſſe do campo com boa parte da gente a Coimbra para elle o ſeguir depois com o reſto ſem tanta oppreſſaõ dos Póvos. Tinha-ſe feito aviſo a D. Nuno Alvares para vir a Torres, e com a ſua chegada ſe determinou o dia quinze de Fevereiro para o da partida ás memoraveis Cortes de Coimbra, aonde ſe decidio o negocio da noſſa liberdade. Huma ſolemniſſima prociſſaõ compoſta do Cabido, Clero, e Religiões ſahio a receber ao Principe em triunfo, que ſe fez mais plauſivel pela numeroſa multidaõ de meninos, que a precedia, fe indo os ares com eſtas vozes ſonóras: Portugal, Portugal, viva o noſſo Rei D. Joaõ, em boa ho-

hora venha o noſſo Rei. Com o acontecimento de Evora ao meſmo tempo quiz Deos moſtrar-nos, que elle pozera eſtas palavras na boca das innocencias de Coimbra. Quando ellas aſſim davaõ as boas vindas ao futuro Monarca, huma menina de oito mezes, filha de Eſtevaõ Annes Derreado, que eſtava no ſeu berço em Evora, deitando fóra os bracinhos com movimento de alvoroço, diſſe em voz clara a todos perceptivel: Portugal, Portugal por el Rei D. Joaõ. E naõ fallou mais até ao tempo habil da natureza, a que entaõ elevou a ordem o ſeu Author Supremo. Era vulg.

Vieraõ concorrendo a Coimbra os Tres Eſtados do Reino, que haviaõ formar as Cortes, e ſe acháraõ preſentes pelo Eccleſiaſtico doze Prelados; grande quantidade de Nobreza, que todo ſe comprometteo em ſetenta e dous votos da ſua claſſe; e pela do Povo cincoenta, e hum Procuradores. Antes de ſe entrar nas Secçóes, todos os Eſtados conferiraõ entre ſi, e uniformemente aſſentáraõ

por

Era vulg. por baze a exclusiva total dos Reis de Castella á nossa Coroa. Depois se determinou, que indisputavelmente se havia proceder á eleiçaõ de hum Principe Portuguez, que revestido da Dignidade Real se plantasse na tésta do seu Povo, lhe administrasse justiça, e o defendesse das invasões de seus inimigos. Entráraõ os partidarios a descobrir as suas inclinações até entaõ rebuçadas no temor, ou na politica. D. Nuno Alvares Pereira, que sabia usar da segunda, e naõ conhecia o primeiro, na frente dos Prelados, e da maior parte da Nobreza, sahio por elles a campo, e abertamente se declarou pelo Mestre de Aviz. Martim Vasques da Cunha, que pela sua qualidade fazia huma grande róda de parentes, sustentou com todos a voz do Infante D. Joaõ, preso em Castella, por ser filho legitimo do Rei D. Pedro, e de D. Ignez de Castro; o que supposto, naõ se devia entender o Throno vago.

Outros entendiaõ, que a eleiçaõ de Rei devia differir-se, em razaõ de fal-

faltarem Procuradores das muitas Villas, que eſtavaõ por Caſtella: que entre tanto continuaſſe o Meſtre na Regencia, até que os ſucceſſos podeſſem melhor qualificar as reſoluções. Porém eſte partido, e o de D. Nuno Alvares naõ toleravaõ, que ſe propozeſſe para Rei em contrapoſiçaõ do de Caſtella ao Infante D. Joaõ, que elle tinha preſo em ſeu poder. Elles diziaõ, que por eſte motivo valia tanto a eleiçaõ de D. Joaõ, como collocar no Throno huma farçada Mageſtade: Que eſte era o meio de fazer o Infante mais infeliz, ou pela perpetuidade da priſaõ, ou pela violencia de huma morte deshumana, que em qualquer dos caſos deixava o Reino no meſmo, ou peior eſtado. Os Procuradores de Lisboa deſcarregavaõ hum golpe, que dava em que cuidar o reparo no proteſto, que faziaõ, de que a ſua Cidade, e Senado naõ reconheceria outro Rei, ſenaõ ao Meſtre de Aviz. Era vulg.

Eſte Principe, por todas as ſuas acções a titulo juſto chamado de Boa me-

Era vulg. memoria, já mais quiz consentir, que na sua presença se tratassem estas materias, para que o respeito della naõ perturbasse a liberdade dos que tinhaõ voto deliberativo. Elle se satisfez de comprometter todas as razões do seu direito á Eloquencia do Doutor Joaõ das Regras, Orador célebre, Jurisconsulto profundo, homem excellente, dotado de arte, e de força, bem visto nas Leis, de que se saberia valer para firmar na authoridade dellas a precisaõ justa de eleger hum Rei, que descendesse dos Principes, que antes reináraõ em Portugal. Nós vamos a ouvir a sustentaçaõ do Direito do Mestre de Aviz D. Joaõ á Coroa de Portugal nesta

ORAÇAÕ

Do Doutor Joaõ das Regras recitada na primeira Secçaõ das Cortes de Coimbra.

SENHORES, Fidalgos, honradas pessoas, que inspiradas por Deos aqui vos

vos ajuntaſtes, para com o ſeu ſoccorro tratarmos huma das materias mais importantes, que tem ſobre Nós attentos os olhos de todo o mundo: Tratarmos de huma guerra formidavel, que nos ataca: reſolvermos ſe por morte do Rei D. Fernando, ultimo Varaõ dos noſſos Monarcas primitivos, ficou o Throno vago, ſaõ os dous pontos altos, que vós vindes debater, e ſobre que eu eſpero façais a juſtiça de me ouvir. Eu naõ me contrairei ſómente a elles para os ſeparar, e diſcorrer com diviſaõ. Eu abraçarei em hum todo, quanto vós deſejareis advertir, e da producçaõ das minhas provas tirareis taõ claras as deducções, que deſterradas as dúvidas, fique facil conduzir-vos ao fim, para que vos congregaſtes, ſem o eſcrupulo de teres as decisões por mal penſadas pela falta de ſer advertidos. Era vulg.

A eſſes que entendem naõ ſeraõ válidas eſtas Cortes, por naõ aſſiſtirem nellas os Procuradores das Cidades, e Villas, que tomáraõ o partido de Caſtella: Eu devo ſómente lembrar-

lhes,

Era vulg. lhes, que o Conclave he legitimo, e canonica a eleiçaõ do Papa, ainda que a ella naõ eſtejaõ preſentes, nem votem todos os Cardeaes.

Que a Coroa eſteja vaga, Nós o vemos, porque ninguem a poſſue. Por iſſo a pertendem o Rei de Caſtella; ſua mulher a Infante D. Brites; os Infantes D. Joaõ, e D. Diniz, pertendidos legitimos de el Rei D. Pedro, e de D. Ignez de Caſtro. Affecta o Rei de Caſtella o ſeu direito por ſer filho de D. Joana, e D. Fernando de D. Conſtança, ambas filhas de D. Joaõ Manoel, Principe de Vilhena, e elles primos com irmãos. Mas, Senhores, quem deu direito a D. Joaõ Manoel ſobre a Coroa de Portugal? Ainda que elle o tiveſſe, que juſtiça conſente, que a linha mulheril, na ſucceſſaõ de hum Reino, preceda á dos Varões, que exiſtem deſcendentes dos que antes o poſſuíaõ? Hum Reino tem a natureza de hum Morgado, e as ſucceſsões de ambos ſaõ conformes.

A

A Rainha D. Brites nos podia fazer eſpecie, como filha do ultimo Rei D. Fernando. Mas vós naõ deſterrais todas as imaginações, que ella vos póde cauſar, pela conſtante certeza de ſer huma eſpuria, naſcida de matrimonio nullo? Vós ignorais, que a Rainha D. Leonor foi caſada com Joaõ Lourenço da Cunha, de quem teve huma menina, que morreo logo, e a Alvaro da Cunha, que alli eſtá preſente? Vós naõ ſabeis, que ella enganou a el Rei D. Fernando; dizendo, que Alvaro da Cunha naõ era ſeu filho; mas da ſua criada Elvira, e de Loupo Dias de Souſa: que Joaõ Lourenço nunca a conhecêra, e que o Rei como enfeitiçado ſe gabava, de que a achára virgem? Vós tendes alguma dúvida, que Joaõ Lourenço da Cunha, outro dia morto em Lisboa, declarou á hora da morte, que Alvaro da Cunha era ſeu filho, e que como tal o deixou por herdeiro de todos os ſeus bens? Vós naõ tendes huma ſciencia certa, que ſem embargo de Joaõ Lourenço ſer parente de D. Leo-

Era vulg.

Era vulg. Leonor em gráo prohibido, que elles foraõ dispensados pela Sé Apostolica: Dispensa, que teve em seu poder o Conde velho tio de D. Leonor, e que muitos dos que estais presentes a vistes com os vossos olhos?

Neste caso, e consummado o matrimonio, naõ podia D. Leonor receber outro marido em vida do primeiro, e por consequencia he espuria a Rainha D. Brites, filha de D. Fernando. Além disto, ella naõ póde herdar pela rotura do Tratado matrimonial, que tem força de Lei. Ella, e seu marido promettêraõ, e juráraõ naõ entrar armados em Portugal, nem pertenderem o governo do Reino, em quanto naõ tivessem filhos: que fazendo o contrario perderiaõ o direito á herança; e se sugeitáraõ a taes penas pecuniarias, que se houvessem de as pagar, naõ o fariaõ, vendendo toda Castella duas vezes. Pois qual he de vós o que ignora, que estes Reis, antes de terem successaõ, pertendêraõ o Governo da nossa Monarquia; entráraõ nella com maõ armada, e nos fi-

fizeraõ guerra taõ cruel, como eſtaõ mudamente publicando as meſmas pedras das noſſas Praças? Depois deſtas razões, ponderai ſe priva, ou naõ da ſucceſſaõ de Portugal ſerem os Reis de Caſtella Sciſmaticos, Fautores do Anti-Papa, e ſentenciados como taes pela Santa Sé Apoſtolica. Era vulg.

Os Infantes D. Joaõ, e D. Diniz ſaõ os voſſos maiores obſtaculos: vós por elles vos moſtrais ſenſiveis; eu o creio, por que vejo em muitos de vós huma commoçaõ terna; mas ella naſce de huma preoccupaçaõ, que ſendo deſterrada, mudareis de ſentimentos. Vós eſtimais eſtes frutos produzidos de hum matrimonio legitimo. He engano; que o Rei D. Pedro naõ recebeo por mulher a D. Ignez de Caſtro. Elle ſim jurou o contrario; mas com providencia de quem tudo governa, que declarando o anno, diſſe lhe naõ lembrava o dia. Que falta de memoria taõ eſtranha no negocio mais importante do homem! Qual de vós, os que vos ligaſtes com o matrimonio, ſe eſquece do dia do ſeu

Era vulg. recebimento? Estevaõ Lobato, que foi huma das testemunhas, que juráraõ no Summario do Rei D. Pedro, disse, que elle se recebêra no primeiro dia de Janeiro: O dia em que o anno principia: Dia de Festa taõ solemne, unida á do dia de voda, poderia haver quem o riscasse da memoria? Em vida del Rei D. Affonso, póde attestar Diogo Lopes Pacheco, que me ouve, como mandando perguntar por elle a seu filho se estava casado com D. Ignez para a estimar por sua nora; e elle o negou constantemente.

Nem se diga, que esta negaçaõ foi em D. Pedro temor reverencial; porque depois de lhe faltar o motivo para elle na morte de seu Pai; depois de estar reconhecido Rei, quando ninguem lhe podia obstar as suas resoluções: Elle deixou passar mais de quatro annos sem fazer público o pertendido recebimento de D. Ignez de Castro. Se o Reino ignora os motivos de el Rei D. Pedro dilatar tanto esta declaraçaõ; eu vos faço saber a to-

todos, que proveio delle applicar entaõ os officios mais fortes com o Papa, para que lhe legitimasse os filhos; e porque o naõ pode conseguir, rompeo a sua paixaõ em dar o annunciado juramento. Era vulg.

Mas caso negado, que D. Pedro recebesse a D. Ignez, o matrimonio era nullo por causa do parentesco dos contrahentes em gráo prohibido. Todos vós sabeis, que el Rei D. Pedro era neto de D. Sancho IV. de Castella, e D. Ignez bisneta do mesmo Rei, filha de D. Pedro Fernandes de Castro, primo em segundo gráo do Rei D. Pedro. Depois do parentesco de consanguinidade, elles contraíraõ o de affinidade, quando D. Ignez elevou da pia bautismal hum dos filhos do Infante. Este acto pertende annullarse com a razaõ frivola, de que D. Ignez naõ fez tençaõ de ser Madrinha. Esta escusa será boa para o foro interno; mas para o da Igreja, que he aquelle por onde se deve julgar a validade do acto; ella foi verdadeira Madrinha, e como tal deve ser jul-

Era vulg. gada. Neſtes termos o noſſo Throno eſtá vago, e os Principes, que tem direito a elle. todos ſaõ baſtardos.

Os dous Infantes D. Joaõ, e D. Diniz, ainda que foſſem legitimados, para nós ſeria duro confeſſar-lhes a preferencia. Elles naõ eſtaõ decahidos do direito á Coroa por ſe terem refugiado em Caſtella, e abandonado o Reino? Elles naõ tomáraõ as armas contra o ſeu Soberano, e naõ fizeraõ hoſtilidades ſobre Nós, que conſervamos a memoria bem freſca, vivo o reſentimento, e a dor dos males, que elles cauſáraõ á Patria? A que Portuguez naõ he odioſo o Infante D. Joaõ depois da morte barbara, que elle deo a ſua primeira mulher D. Maria Telles de Menezes? Acçaõ indigna de hum Principe, que por dever manifeſtar o caracter da Religiaõ, e da honra, e conduzir-ſe por modo contrario: ella ſó baſtava para dar a D. Joaõ a excluſiva da Coroa. *Acabou Joaõ das Regras de fallar a primeira vez, ſem dizer palavra reſpectiva ao Principe Regente, e o que ſe*

se seguio á sua Oração, dará materia ao Capitulo seguinte. Era vulg.

CAPITULO VIII.

Continuação das Cortes de Coimbra até ser acclamado Rei o Principe Regente D. João.

EU não me metterei a decidir as razões, por que hum espirito tão illuminado como o de João das Regras, a quem nada do mais forte, e mais subtil escapou na sua Oração vasta, que eu contrahi, deixou passar huma prova de tanta importancia, como he a das Leis fundamentaes do Reino, promulgadas nas Cortes de Lamego, que o Rei Filippe II. tirou da Torre do Tombo, e levou para Castella, nas quaes diz o Rei D. Affonso Henriques. « Se a Filha do Rei desposar Principe, ou Senhor de huma » Nação estrangeira, ella não será re- » conhecida Rainha, porque Nós não » queremos, que os nossos Póvos se- » jão obrigados a obedecer a Rei,

» que

Era vulg. » que naõ naſcer Portuguez. » Como quer que ſeja, a peroraçaõ de Joaõ das Regras moveo a todos para darem huma excluſiva unanime ás pertenções dos Reis de Caſtella; julgarem a Joaõ Lourenço da Cunha por legitimo marido de D. Leonor Telles, e ella por Amiga do Rei D. Fernando.

Mas os applauſos com que ſe celebrava a pureza, e força de razões, de que eſte Orador eloquente ſe ſervíra, naõ impedíraõ a Martim Vaſques da Cunha moſtrar a ſua impaciencia a reſpeito da excluſaõ dos Infantes D. Joaõ, e D. Diniz. A ſua firmeza igualava a robuſtez do ſeu genio, e a rectidaõ das ſuas intenções. Elle ſe levantou no meio da Aſſembléa, e fazendo acçaõ para ſer ouvido, diſſe de hum tom forte: Nós devemos fazer a guerra a Caſtella em nome do Infante preſo: o Regente, ainda que illuſtre no ſangue, diſtinto pelo merecimento, reſpeitavel pelo valor, naõ hade ſer preferido a ſeu irmaõ, a quem a Coroa pertence: Nós naõ podemos paſſar avante ſem o ouvir, nem to-

tomar a ſua ſahida do Reino por huma excluſiva do Throno. Que motivos, Senhores, o obrigáraõ a deixar á Patria? Aquelles que o direito concede a todos os homens; que foi eſcapar-ſe á cólera da Rainha D. Leonor. Bem inſtruidos eſtais, em que ella traçava a ſua ruina, e que elle ſem a retirada, naõ podia eſcuſar a morte: Em fim, Senhores, vós podereis fazer o que quizeres; eleger Rei a quem vos parecer: Eu o ſervirei: Eu o ajudarei a defender o Reino: Eu darei por elle a vida: Mas, que eu conſinto, que o Regente ſeja Rei á face de ſeu irmaõ, ainda que preſo, e em Caſtella, iſſo naõ direi eu nunca. Era vulg.

D. Nuno Alvares Pereira, que naõ pode conter-ſe ſem atacar a Martim Vaſques com argumentos de ſoldado: Porque a Secçaõ ſe concluia ſem ficar o Regente acclamado, veio ao Paço, e o achou ſatisfeito pela boa intençaõ de Martim Vaſques para com o Infante D. Joaõ. D. Nuno, que naõ podia tambem diſſimular a ſua pa-

Era vulg. para com elle, lhe disse, que louvava a dilataçaõ do seu animo Real; mas que soubesse, que nas Cortes naõ havia outro contra elle para lhe embaraçar o ser Rei, senaõ Martim Vasques da Cunha: Que elle vinha pedir-lhe licença para o despachar depressa, antes que lhe fizesse mais serviços. O Regente, que nas vozes, e no semblante estava vendo o coraçaõ de D. Nuno, com ternura amorosa, e rigoroso aperto lhe impedio se embaraçasse com Martim Vasques. Farei o que me mandais, respondeo D. Nuno, se elle naõ se mostrar soberbo; que se o fizer, como hei de eu acabar com o meu coraçaõ que o soffra?

Alguns diziaõ, que Joaõ das Regras nas suas razões articulára cousas novas, que elles até entaõ naõ tinhaõ ouvido, e dellas se deviaõ dar próvas de convencer para elles se deliberarem a votar. Por esta razaõ tiveraõ commissaõ do Corpo das Córtes os Bispos de Evora, e do Porto para tirarem hum Summario de testemunhas sobre aquelles factos, em que juráraõ Dio-

go

go Lopes Pacheco, Vaſco Martins de Souſa, Vaſco Pires Bocarro, e Gil Martins Cochofel, que ateſtáraõ os caſos vulgarmente naõ ſabidos, que o Doutor Joaõ das Regras articulára. Feita eſta diligencia, ſe procedeo a ſegunda Aſſembléa, aonde foi lido, e approvado o Summario, que tiráraõ os Biſpos, e depois tornou a orar Joaõ das Regras com eſte ſentido: Era vulg.

Senhores, naõ ha homem algum no mundo, que deixe de ſer obrigado a moſtrar-ſe parcialiſta dos dictames ingenuos da razaõ. Eſte movel univerſal foi o unico, que me compelio a propôr-vos, quanto eſta Aſſembléa reſpeitavel já teve a bondade, e me fez a honra de ouvir. Naõ baſtou a minha verdade, a minha ſolidez, as próvas de convicçaõ para alguns de vós deſterrares as imaginações da legitimidade dos Infantes D. Joaõ, e D. Diniz, que lhes confere o direito indiſputavel á ſucceſſaõ do Reino. Ora, Senhores, ſabei, que em vida de ſeu Pai, o Infante D. Pedro (Eu vos declaro o que naõ quizera, mas eu devo fazello) per-

Era vulg. pertendeo diſpenſa para caſar com D. Ignez. Seu Pai o prevenio, eſcrevendo com cautela ao Arcebiſpo de Braga D. Gonçalo Pereira, que entaõ eſtava na Curia, para que divertiſſe o Papa de conceder ao Infante a graça, que pedia, que com effeito lhe foi negada.

Depois de mortos o Rei D. Affonſo, e D. Ignez de Caſtro; D. Pedro, que ſe entendia naõ caſado, e baſtardos ſeus filhos, deſejando habilitallos para herdarem a Coroa, mandou Giraldo Eſteves á Curia ſollicitar do Papa Innocencio VI. a legitimaçaõ dos Infantes, em que o Papa naõ conveio. Pois ſe o meſmo D. Pedro teve por invalido o ſeu caſamento com D. Ignez, e ſeus filhos por illegitimos, a qual de Nós he licito negar tal verdade? Como os podemos conſiderar habeis para levarem a Coroa por herança? Como naõ havemos declarar o Throno vago, e eleger para elle hum Principe digno?

Tambem devo deſabuſar aos que entendem, que ao caſamento de D. Pedro com D. Ignez precedeo diſpenſa dos parenteſcos. Naõ houve mais diſ-

pen-

penſa, que aquella que impetrou D. Affonſo ao Papa Joaõ *XXII*. para o Infante D. Pedro caſar com alguma Senhora ſua parenta. Eu vos corro o veo a eſte myſterio. A tal diſpenſa ſervio para o caſamento do Infante com D. Branca. Quando depois em virtude da meſma recebeo a D. Conſtança, foi taõ picante o eſcrupulo do Arcebiſpo de Braga, que naõ quiz aſſiſtir ás bençãos matrimoniaes. Do remorſo do Arcebiſpo naſceo o da conſciencia de D. Pedro para naõ ter por válido o terceiro caſamento, para o qual naõ tinha mais diſpenſa que a primeira. Por iſſo elle a pedio depois, e naõ a logrou; inſtou pela legitimaçaõ dos filhos, e naõ a conſeguio. Aqui tendes neſte pergaminho a inſtrucçaõ Real, que D. Pedro deo ao Embaixador, aſſignada por Gomes Paes de Azevedo, e por Meſtre Affonſo, ambos do ſeu Conſelho: Vede-a, examinai-a, conferi-a, e vos deſenganareis, que D. Joaõ, e D. Diniz ſaõ dous baſtardos. Era vulg.

Com eſte diſcurſo intrépido, façanhoſo, arrojado, Joaõ das Regras der-

Era vulg. derrotou entaõ a verdade conſtante da legitimidade dos dous Infantes. Como ſentio toda a Aſſembléa aballada, esforçou o punho, apertou a eſpada, e com golpes de Eloquencia para todos os lados, fez valer ſobre todos o merecimento do Meſtre de Aviz Regente; entendendo talvez lhe baſtavaõ dous inſtrumentos; a ſua lingua para lhe dar a Coroa; a eſpada de D. Nuno Alvares Pereira para a ſuſtentar. Esforçou-ſe mais a ſua dexteridade depois que toda a Aſſembléa, entrando Martim Vaſques da Cunha com o ſeu partido, aſſignou hum acto ſolemne de Cortes, em que ſe declarava, que o Throno eſtava vago, e que os Eſtados do Reino podiaõ livremente eleger hum Rei, que os governaſſe. Firmado, e lido eſte Decreto de deciſaõ ſobre o ponto mais eſſencial, o Doutor Joaõ das Regras com eſpirito conſtante, e voz mais firme, aſſim continuou o ſeu Diſcurſo.

Pois, Senhores, Nós temos a eleiçaõ livre; mas o Reino he hereditario, e a Coroa deve paſſar a hum

Prin-

Principe do ſangue Real. Já Nós démos a Regencia ao Meſtre de Aviz. Agora quem nos impede a cingir-lhe a Coroa? Além das vantagens do ſeu naſcimento auguſto, elle poſſue as de grande Capitaõ, de ſábio Governador, de que elle tem dado tantas próvas inconteſtaveis na defenſa, e na adminiſtraçaõ do Reino depois da morte de D. Fernando até agora. Em vaõ ſe nota a eſte Principe naõ ſer legitimo: Defeito, que comprehende a todos os que ſaõ pertendentes á noſſa Coroa. Eſte defeito elle naõ o tem felizmente reparado na ſua Peſſoa por huma virtude verdadeiramente real? Elle naõ o faz brilhar por huma corage geralmente reconhecida por invencivel? Elle naõ o caracteriza luminoſo por hum grande número de qualidades eminentes, de que Nós todos ſomos teſtemunhas irreprehenſiveis? Os ſerviços que elle tem feito ao Eſtado ſaõ taõ grandes, e taõ conſideraveis, que eu naõ ſei poſſaõ ter outra recompenſa, ſenaõ a Coroa. Elle he hum Principe taõ digno de a levar, Era vulg.

co-

Era vulg. como tem ſido capaz de a defender. Eſta ſó razaõ he baſtante para nos determinar a todos a acclamallo.

Senhores, Nós neceſſitamos hum Rei para a guerra, que nos he inevitavel, e devemos ſuſtentar ſe queremos liberdade: Hum Rei do caracter do Regente, que ſabe governar em Principe prudente, féro, generoſo, e magnanimo: Hum Rei como elle, forte na guerra, ſabio na paz; naõ hum fraco, hum indeterminado, como D. Sancho II., que o Povo detronou por cauſa da ſua inſuficiencia, e pôz a ſeu irmaõ em ſeu lugar: Hum Rei incanſavel na applicaçaõ como elle; naõ outro, que imite os principios do governo de D. Affonſo IV., que ſe naõ ſe moderára na preferencia, que dava aos divertimentos da peſſoa ſobre os cuidados do Eſtado, elle teria o meſmo deſtino de D. Sancho. O Meſtre Regente tem huma qualidade para reinar, que naõ ſe encontrará em outro Principe. Elle conhece a fundo o genio dos Portuguezes, e ſabe a lingua popular: Quali-

lidade neceſſaria em hum Soberano, que ha de dar audiencia aos ſeus Póvos, e mandar os ſeus ſoldados. Que gloria para Nós a de elegermos hum Rei naſcido entre nós; da noſſa Naçaõ; do noſſo Paiz; que falla a noſſa lingua; que more em Lisboa, donde a cada inſtante ſaiaõ as ordens para o reſto dos Eſtados! Era vulg.

E quanto merece o noſſo Principe pela ſua modeſtia incomparavel! Aqui eſtaõ preſentes muitos, que dizendo-lhe depois da abertura deſtas Cortes, que elle poderia ſer Rei, reſpondeo cheio daquella equidade natural, que já mais deſmentio: Que tinha irmãos, aos quaes a Coroa pertencia mais juſtamente, que a elle, que era baſtardo, e os Infantes legitimos: Que naõ intentava aproveitar-ſe da ſua auſencia, e fazer-ſe juſtiça da iniquidade com que o Rei de Caſtella os detinha, para lhes tirar o Throno, que lhes tocava: Que bem longe de ſe fazer merecedor deſta reprehenſaõ, a troco da meſma vida, elle deſejava contribuir para o benefi-

cio

Era vulg. cio da ſua liberdade, e reconhecellos por ſeus Soberanos, e ſeus Senhores: Que em quanto elles naõ voltavaõ ao Reino, ſe fazia hum merecimento ſublime de o defender em ſeu nome, ſem mais titulo, què o de Regente: Que a elle lhe faltavaõ todas as qualidades neceſſarias para reinar; para reſponder ao fino amor, que devia aos Portuguezes; para ſer grato ao reconhecimento da grande opiniaõ, que a Patria tinha concebido delle.

Com tanto ardor, e modos taõ inſinuantes, com tal força de termos, e nobreza de imagens proferia Joaõ das Regras eſte Diſcurſo pathetico, que a commoçaõ da Aſſembléa já parecia, que naõ tolerava a retardaçaõ de ſer proclamado Rei de Portugal D. Joaõ, Meſtre de Aviz, como deſcendente dos ſeus antigos Monarcas. Aſſim ficou determinado neſta Aſſembléa feliz, ſem dúvida, ou diſcrepancia de hum ſó voto. O Povo de Coimbra, que o percebeo, antes que os Heraldos fizeſſem a ceremonia da publicaçaõ, elle ſahia em viſtoſo tumul-

multo a mostrar o seu prazer inex- Era vulg.
plicavel no clamor repetido: Viva D. João I. Rei de Portugal: Tudo effeitos da bondade com que o Principe tinha cativado o espiritos, ainda os do partido contrario, para que agora não houvesse hum só, que deixasse de fazer communs o gosto, e o applauso.

LIVRO XXI.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Acclamação do Rei D. João I. chamado de Boa Memoria, X. Rei de Portugal.

Era vulg. FOI geral a complacencia da Nação Portugueza pelo fim do Interregno, que ſe lhe fazia ſenſivel pelo deſcoſtume, e univerſal o goſto por vêr na ſua téſta hum Rei Portuguez. Tomárão as Cortes de Coimbra a reſolução, que acabo de referir, de elegerem por Soberano de Portugal a D. João Meſtre de Aviz. Era o dia de quinta feira ſeis de Abril do anno de 1385 nos noſſos Faſtos ſempre memoravel pela liberdade, e pela gloria, quando aquelle corpo veneravel veio ao Paço de Coimbra, e deo parte ao Prin-

cipe Regente, que Elle o havia nomeado, e eleito Rei. Sem alteraçaõ de animo, e de roſto ouvio a nova da felicidade, que tanto deſejaõ, e arraſta os mortaes a tantos exceſſos, para que o ſeu ſocego foſſe a próva mais catholica da ſinceridade, com que reſpondeo á congatulaçaõ das Cortes; Era vulg.

Que elle lhe agradecia as ſuas boas intenções, de que em todo o tempo daria aos Eſtados as evidencias mais ſignificantes do ſeu reconhecimento; mas que naõ podia acceitar o cargo, que lhe conferiaõ: Que elle naõ ignorava o defeito com que naſcêra, e que a todos era pública a profiſſaõ, que ſeguia, e o inhabilitava para deixar depois delle Succeſſor á Coroa: Que na meſma guerra com Caſtella, impoſſivel de naõ continuar vigoroſa, encontrava elle humas taes delicadezas, que deviaõ obſtar-lhe a condeſcender com a vontade dos Eſtados; porque a fortuna das armas era jornaleira, e que ſe elle venceſſe, ou ficaſſe vencido do Rei de Caſtella; ſendo vencido no eſtado de Rei, o ti-

Era vulg. nha por injurioſo; ſendo vencedor na condiçaõ de Regente, o eſtimaria pela maior gloria: Razaõ, que o eſtimulava a eſperar a gloria, e evitar a injuria: Que ſe reſolveſſem a cuidar nos meios para a guerra, e ſuſpendeſſem por entaõ quaeſquer outras qualidades de negocios.

Suſtentáraõ-ſe fortes os Eſtados em manter a eleiçaõ, a que elle naõ ſe devia eſcuſar, quando era credito da Patria oppor hum Rei a outro Rei, que vencedor, ou vencido ſempre ficava glorioſo no motivo, que era o da liberdade: Que em quanto ao impedimento dos votos para caſar, ſe pediriaõ delles diſpenſa, em que naõ podia haver duvida, por ſer a cauſa taõ juſtificada. Em fim as inſtancias dos Eſtados, eſpecialmente do popular, foraõ taõ vivas, que o Principe teve de aceitar a Dignidade, e aſſiſtir em publico com todas as Deviſas de Rei ao Pontifical, que celebrou o Biſpo de Lamego na Sé de Coimbra. Na tarde do meſmo dia o Corpo das Cortes mandou lavrar em nome de todas

as pessoas congregadas, que as formavaõ, huma Escritura publica para memoria desta grande acçaõ, que livrava a Patria do cativeiro, que temia, e que para a conservarem livre, determinavaõ expor-se ao furor do Rei mais poderoso das Hespanhas, como zelosos Portuguezes, em todos os seculos fieis aos interesses publicos da Monarquia. Era vulg.

Quanto até aqui fica referido nesta Historia, mostra com evidencia, que os negocios de Portugal naõ estavaõ em huma tal situaçaõ de tranquillidade, que se houvesse de gastar o tempo nos festejos públicos, que se costumaõ seguir a huma dominaçaõ nova. Primeiro que estas demonstrações externas do alvoroço dos animos, estava o cuidar na segurança do Rei eleito no Throno pouco firme, e cobrillo ás pertenções injustas dos seus inimigos, dos seus concurrentes, de naõ poucos invejosos. Estes seriaõ os motivos porque o espirito illuminado do novo Monarca impedio em Coimbra os excessos, em que rom-

Era vulg. rompe o gosto, e que com a sua pessoa se usassem as ceremonias da inauguraçaõ, que antes se practicavaõ; esperando ver o Reino vencedor para elle entaõ se estimar Rei. A todos deo elle exemplo, naõ perdendo instantes, de que a si mesmo se podesse arguir, se dilatasse a nomeaçaõ de Officiaes para a sua casa; de commandantes para as trópas, e para as Praças, que haviaõ variado de fidelidade no tempo da sua Regencia.

Naõ deixou o Rei passar o dia da sua acclamaçaõ, sem que os seus vassallos ouvissem, que elle nomeára para Mordomo Mór da sua casa, e Condestavel do Reino ao Grande D. Nuno Alvares Pereira, que nos movimentos do Interregno já mais desmentíra hum ponto da inclinaçaõ aos seus interesses, que acabára de qualificar nas presentes Cortes. Nomeou para Camareiro Mór a Joaõ Rodrigues de Sá; para Reposteiro Mór a Pedro Lourenço de Tavora; para Copeiro Mór a Joaõ Gomes da Silva; para Guarda Mór a Joaõ Fernandes Pacheco;

Era vulg.

cô; para Veador a Fernando Alvares de Almeida, com o officio de Claveiro Mór de Aviz; para Monteiro Mór a Lopo Vaſques de Caſtello-Branco; para Falcoeiro Mór a Joaõ Gonçalves; para Porteiro Mór a Lourenço Annes; para Eſtribeiro Mór a Garcia Affonſo; para Apoſentador Mór a Payo Lourenço; para Eſcrivaõ da Puridade a Affonſo Martins; para Eſcrivaõ da ſua Camara a Gomes Lourenço de Gomide; para Meſtre-Sala a Egas Coelho; para Paceiro a Affonſo Gonçalves; para Saquiteiro a Joaõ Rodrigues; para Eſcrivaõ da Chancellaria do Reino a Gonçalo Pires Malafaya; para Meirinho Mór a Joaõ Freire de Andrade; para Védores da Fazenda a Joaõ Affonſo de Alemquer, e a Alvaro Gonçalves de Freitas, com todos os mais empregos menores da Caſa Real.

O célebre Joaõ das Regras foi criado Chanceller Mór do Reino: Cargo, que mais era recompenſa devida á habilidade profunda deſte Magiſtrado, que teſtemunho grato do reconhe-

Era vulg. nhecimento do Rei. De todas as Dignidades, que elle tinha á ſua diſpoſiçaõ, para ſi naõ reſervou mais, que a de Meſtre da Ordem de Aviz. Para o Commandamento do exercito, depois do Condeſtavel D. Nuno, nomeou para Marichal a Alvaro Pereira; para Alferes Mór a Gil Vaſques da Cunha; para Capitaõ Mór do mar a Affonſo Furtado de Mendoça; para Almirante a Manoel Peçanha; para Anadel Mór dos béſteiros de cavallo a Alvaro Annes de Cernache, e dos de pé a Eſtevaõ Vaſques Filippe. Depois deſtas promoções feitas com conſentimento dos Eſtados, elles perſuadíraõ ao Rei criaſſe hum Conſelho ambulante, que o acompanhaſſe nas ſuas jornadas, do qual o Doutor Joaõ das Regras foi eleito Chéfe. Naõ ſe eſqueceo o Rei do fervor com que Martim Vaſques da Cunha promovêra os intereſſes do Infante D. Joaõ, e o remunerou com a nomeaçaõ de hum dos ſeus Conſelheiros, para moſtrar, que elle eſtimava nos homens, naõ as paixões ſem diſcernimento;

mas

mas a equidade, e juſtiça das ſuas intençóes. Era vulg.

Grandes foraõ as vantagens, que tiráraõ os Portuguezes de reconhecerem èſte Rei na ſituaçaõ mais critica dos ſeus negocios. Quando naõ ſe déſſe outra, baſtava ficarem os faccionarios de Caſtella, e as criaturas da Rainha D. Leonor fora de eſtado de inquietar o Governo; ſem relaçóes com a Corte, nem cabeças no Reino; que houveſſem de ſuſtentar os eſpiritos da revolta. Bem o moſtrou, como eu o diſcorro, a agitaçaõ dos Póvos, que depois de receberem com o maior alvoroço a noticia da acclamaçaõ do novo Rei, todos pelos ſeus Emiſſarios recorrêraõ a Coimbra, já como fonte da eſtabilidade da ſua fortuna, para ſó da peſſoa do Soberano receberem as ordens, e as mercês.

Foraõ muitas as que o Rei fez aos Lugares, que ſempre ſeguíraõ a ſua voz. Lisboa, que ſobre todos ſe diſtinguíra, e agora dava novas próvas do ſeu fervor nas bem ponderadas lembranças, que lhe propunha para a

con-

Era vulg. conſervaçaõ futura: Elle a illuſtrou com o titulo de Corte, e de Reſidencia ordinaria dos Soberanos; que nella aſſiſtiſſem os Tribunaes Supremos para prompta expediçaõ dos negocios reſpectivos ás economias do Eſtado. Entre outras graças concedidas aos mais Póvos, fez geral a que elles lhe pedíraõ, na aboliçaõ das Cartas de caſamento, que antes coſtumavaõ paſſar os Reis, eſpecialmente D. Fernando, em virtude das quaes as filhas eraõ tiradas de caſa de ſeus Pais, e caſadas contra ſua vontade, ordinariamente com peſſoas deſiguaes: Idéa perniciosa, que abatia as familias, que já eraõ, para exaltar as que haviaõ ſer.

Conſiderava-ſe o Rei D. Joaõ na idade robuſta de vinte e ſete annos, apto para ſopportar o trabalho de hum Governo taõ peſado, como era o do Reino, que os Póvos acabavaõ de lhe conferir. Como as ſuas primeiras acções já lhe tinhaõ dado entrada até ao veſtibulo do Templo da Honra; elle queria ſobir mais alto com paſ-

ſos

ſos mais firmes. Para ſe prevenir ſem perder tempo, deſpedio os Procuradores, que vieraõ ás Cortes; e porque antes de voltar de Coimbra a Lisboa queria emprehender algumas acções, que moſtraſſem naõ eſtava nelle ocioſa a Coroa: Diſcorreo, que todas as Praças do Reino naõ tinhaõ ſeguido o exemplo da Capital, e havia algumas, aonde os ſeus habitadores fomentavaõ o eſpirito de rebelliaõ entre ſi. Elle eſtimou por chéfe acçaõ digna da Mageſtade naõ differir a eſtes revoltoſos o fazer-lhes conhecer pela força, e pelas armas quaes eraõ os ſeus deveres, ou para lhes dar lugar de ſe arrependerem, ou para elle juſtificar os motivos de os caſtigar, já benigno, e já ſevéro. Era vulg.

Para eſte effeito reſolveo ir em peſſoa á Cidade do Porto, e para dar calor á empreza de ſubmetter as Villas de Entre-Douro e Minho, que eſtavaõ por Caſtella, e fazer conduzir mantimentos deſtas Provincias para Lisboa, que em ſi, e nos ſeus redores padecia grande falta pelos eſtragos,

Era vulg. gos, que causárão os inimigos nos seus campos na campanha passada. Elle se preparou para esta jornada com a mercê da abolição das sizas por todo o Reino: Declarando, que para os gastos da guerra queria receber dos seus vassallos os donativos gratuitos, com que sabia lhe não havião faltar, como elle acabava de experimentar no avultado, que lhe fornecêrão as Cortes de Coimbra. O nosso Fernão Lopes trata com extensão os applausos, as festas em mar, e terra, a magnificencia da pompa, o alvoroço dos corações, com que o Rei D. João foi recebido na sua fiel Cidade do Porto, que tinha dado tantas próvas de zelo no seu serviço; agora dobrado, porque já o via Rei.

Nesta Cidade lhe beijou a mão D. Leonor de Alvim, mulher do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e o Rei para lhe mostrar a distinção, que fazia de seu marido, lhe remunerou o obsequio com a mercê do senhorio das terras de Barroso, do Castello de Monte-Alegre, do

Re-

Reguengo de Baſto, dos Campos de Boilhe, e de Pena, com todas as ſuas juriſdicções, e direitos. Da ſua parte o Condeſtavel, tanto naõ quiz demorar o reconhecimento ao ſeu Principe, que como determinava ir pedir os ſoccorros do Ceo ao ſepulchro de Sant-Iago em Galliza para entrar nos perigos da guerra, que eſperava: Reſolveo fazer a jornada de modo, que della recolheſſe fructos o real ſerviço. Impedíraõ-lhe as correntes do Minho, e a falta de barcos a paſſagem para a ſua gente; e a entrada em Galliza; mas na Provincia ſe lançou ſobre o Caſtello de Neiva, que eſtava por Caſtella, e levou de aſſalto com morte do ſeu Alcaide Mór. Com a meſma felicidade tomou a Villa de Viana, que elle teve por comprada a preço caro, porque huma pedra arrojada do muro lhe matou hum bravo aventureiro, a que a Hiſtoria naõ dá nome, nem tece outro elogio, que o de dizer era o homem mais valente das Heſpanhas. O eſtrondo deſtas conquiſtas feitas ſobre a marcha, lhe abrio Era vulg.

as

Era vulg. as portas de Villa-Nova de Cerveira, Monçaõ, Caminha, e outros Lugares daquelles contornos.

Ainda que eſtes golpes deviaõ intimidar as outras Praças, que eſtavaõ na ſugeiçaõ de Caſtella; Braga, Ponte de Lima, e Guimarães os tiveraõ por paſſageiros, e ſe preveniaõ para nos reſiſtir. A meſma razaõ das conquiſtas do Condeſtavel na Provincia, e da aſſiſtencia do Rei na Cidade do Porto, foi a materia, de que ſe ſervio Ayres Gomes da Silva, Alcaide Mór de Guimarães, para fazer huma defenſa vigoroſa em obſequio ao Rei de Caſtella. Viviaõ entaõ na Praça Affonſo Lourenço de Carvalho, Fidalgo rico, e ſeu cunhado Payo Rodrigues, que naõ podiaõ occultar a ſua inclinaçaõ ao novo Rei, e por ella deſcahíraõ tanto do Alcaide Mór, que naõ lhes conſentia o uſo das armas, nem ſahirem de caſa acompanhados dos ſeus criados. Soube o Arcebiſpo de Braga o deſgoſto deſtes dous Fidalgos com o Commandante, e inſinuou a el Rei, que eſcreveſſe a Affon-

ſo

ſo para lhe vir fallar fóra de Guimarães em alguma das ſuas quintas; que lhe ſería facil, hum homem de tanto valor com ſeus parentes, dar-lhe entrada em Guimarães. Aſſim o fez el Rei, que ſahio do Porto, como quem hia á caça, e ajuſtou com Affonſo Lourenço o modo, a noite, e a hora de o fazer Senhor daquella importante Praça. Era vulg.

Como Affonſo Lourenço tinha a liberdade de ir, e vir ás ſuas fazendas, com tanto que andaſſe ſó; na tarde do dia premeditado para a empreza, diſſe ao guarda de huma das portas, que viſta a indecencia com que o Alcaide Mór o tratava de lhe naõ permittir o ſerviſſe hum criado; que o acompanhaſſe elle até fóra, e ficaſſe advertido para que na madrugada ſeguinte, quando ſeu cunhado o aviſaſſe, lhe abriſſe a porta, porque lhe era neceſſario recolher-ſe cedo da quinta aonde hia. Nada deſta propoſta ſe fez reparavel ao porteiro, que eſtava bem coſtumado a outras ſemelhantes de Affonſo Lourenço. Elle foi

eſ-

Era vulg. eſperar aquella noite a el Rei, que marchava do Porto com a ſua gente, e no maior ſilencio della o veio guiando ás viſinhanças da Villa. Eſtava á lerta Payo Rodrigues eſperando a hora ajuſtada, em que aviſou o guarda abriſſe a porta para entrar ſeu cunhado, e hum carro, que elle mandava diante. Os do campo, que vigiavaõ com o ſeu Rei na frente; apenas foi aberta a porta, Payo Rodrigues matou o guarda; elles mettêraõ de galope, e entráraõ a Praça com grandes vozes de prazer, que ſe fez commum a todo o Povo.

Ayres Gomes, com os que pode do ſeu partido, ſe recolheo ao Caſtello, reſoluto a deffendello até a ultima extremidade. Ataques fortes, e promeſſas de mercês naõ movêraõ a conſtancia deſte Fidalgo para abandonar o partido eſtranho, que abraçára. Elle aſſegurou, que ſem ordem de Caſtella naõ ſe entregava, por ſer homem incapaz de romper o juramento de fidelidade, que lhe dera. Trinta dias ſe lhe concedêraõ para aviſar

aquel-

aquelle Monarca, a quem Ayres Gomes mandou ſeu genro Gonçalo Marinho, que o achou occupado em ajuntar o formidavel exercito, que deſtinava para a noſſa conquiſta. Depois de louvar a firmeza de Ayres Gomes, lhe ordenou entregaſſe o Caſtello, que naõ podia ſoccorrer ſem deſtacar gente do exercito, que havia marchar a maiores emprezas: que ſugeito Portugal, Guimarães ſeguiría o meſmo deſtino; e que elle com a ſua familia ſe recolheſſe a Caſtella, aonde acharia promptos os premios, que merecia hum Portuguez taõ honrado. Recebidas eſtas ordens, Ayres Gomes entregou o Caſtello; retirou-ſe da Patria para morrer na jornada, e ſeu genro Gonçalo Marinho, que conduzio a familia a Toledo, perdeo a mulher, que era ſobrinha do Arcebiſpo D. Pedro Tenorio, e a tirou ao marido com o pretexto, de que o matrimonio eſtava nullo: Golpe, que Deos deſcarregou no Marinho para o fazer ſenſivel á inſpiraçaõ de abandonar o mundo, tomar o habito na Religiaõ Era vulg.

Era vulg. de S Francifco, aonde depois de vida proba, acabou com morte de Jufto.

CAPITULO II.

Das mais acções, que obrou o Rei D. Joaõ I. nas Provincias do Minho, e Beira.

O RENDIMENTO de Guimarães á mefma peffoa do Rei; os Portuguezes com elle na fua téfta, tanto efta vifta animava os fequazes da liberdade, quanto aquella tomada fez decahir os efpiritos dos que promoviaõ contra ella. Todas as Praças do Minho tremêraõ aos golpes, que de huma parte dava a efpada do Rei, e da outra defcarregava a do Condeftavel. Os de Braga, que dos principios da antiga Lufitania fempre fe tinhaõ diftinguido nas gentilezas do valor, e nas elegancias da fidelidade: fe até agora foffriaõ violentos o jugo Caftelhano, baftou a vifinhança do feu Rei natural em Guimarães para defterrarem todas as hefitações, que impedem á ma-

magnanimidade os ſeus Officios. Elles tomáraõ as armas ſem mais conſèlho, que aquelle que lhe inſpirava o zelo, ou o ardor; e atacando os Caſtelhanos da guarniçaõ, lhes fizeraõ vêr, que o termo da ſua vida era o inſtante, em que ſahiſſem da Cidadella. No eſtado de preſos os dominantes, o Povo aviſou ao Rei da ſua reſoluçaõ; pedindo os ſoccorreſſe a tempo de abater o orgulho dos inimigos, antes que elles o tiveſſem de fortificar-ſe. O Condeſtavel recebeo ás margens do Minho as ordens de vir incorporar-ſe com Mem Rodrigues de Vaſconcelos para ajudarem os moradores de Braga a lançar do Caſtello os inimigos. Depois de rudos combates, o Chéfe Caſtelhano capitulou a entrega, ſalvas as vidas, e liberdades. Era vulg.

Quizeraõ ſeguir o exemplo de Braga os moradores de Ponte de Lima, que ſoffriaõ com impaciencia a tenacidade com que ſe ſuſtentava por Caſtella o Alcaide Lopo Gomes de Lyra, Fidalgo Gallego, que o Rei D. Fernando tanto deſtinguia, e elle

Era vulg. entre nós se naturalizára. Vivia na Villa hum Cavalheiro chamado Estevaõ Rodrigues, que fez estimulo para emprehender huma acçaõ grande da indecencia com que o seu Rei era tratado pelo partido opposto da sua Villa. Elle consultou só com o seu coraçaõ as idéas, que concebia: fez sabellas ao Rei, que as approvou, e quiz authorisar com a sua pessoa, e a do Condestavel a façanha do seu vassallo. Dispôz este as cousas ardiloso, e valente para facilitar ao Rei huma porta, por onde entrou felizmente com a gente escolhida, que criada na sua escóla, já arrostava os perigos denodada. A nossa vã-guarda dentro das ruas se empenhou em hum combate de opiniaõ; mas sobrevindo o Rei com a cavallaria, só escapáraõ de ser atropellados os que se salváraõ com o Commandante em huma Torre forte.

Desejava o Rei poupar o sangue, e propôz o rendimento, em que naõ quiz convir a teima para se sugeitar depois a mais duro remedio. Foi a Tor-

Torre atacada pelo Condeſtavel, e morto Joaõ Rodrigues Guarda, que a ferrava valeroſo; mas Martim Affonſo de Mello, pondo fogo á porta, que ſe ateou em hum armazem de lenha, foi o inſtrumento principal do bom ſucceſſo. Era voraz o incendio, que naõ perdoaria a alguma de tantas vidas, que principiava a conſumir, ſe a piedade do Rei naõ as fizeſſe deſcer por cordas em ceſtões do alto das ameias, aonde ſe abrigáraõ das chammas. Ficáraõ priſioneiros todos os Caſtelhanos, que foraõ remettidos ao Porto, e Eſtevaõ Rodrigues recebeo por premio da ſua fidelidade encarregar-lhe o Rei a ſegurança, e Governo da Praça. Era vulg.

O goſto deſtes bons ſucceſſos, ou a grandeza do coraçaõ do Rei naõ o deixava perturbar com a noticia vaga do formidavel poder, que ſe ajuntava em Caſtella para vir arrancar da ſua cabeça a Coroa, que queria darlhe o Senhor dos Imperios. Outro coraçaõ menos magnanimo ſó temêra os enſaios, quanto mais os golpes dos

ſeus

Era vulg. ſeus inimigos, que no esforço, e no poder dobravaõ os motivos, que fazem reſpeitar. Entaõ ſe occupava elle nas conquiſtas, que acabamos de vêr, e em celebrar por preſagio feliz a entrada em Lisboa de duas náos Inglezas com quatrocentos homens de ſoccorro, e muitos provimentos, que na Corte de Londres conſeguíraõ os noſſos Embaixadores D. Fernando Affoſo de Albuquerque, e Lourenço Annes Fogaça: as quaes ſendo atacadas na entrada do Téjo por dez galés inimigas, que tinhaõ vindo a Lisboa; os Inglezes ſe conduzíraõ com tanto valor, que depois de matarem 250 Caſtelhanos, ſem mais perda, que a de quatro homens, deraõ fundo junto aos muros da Cidade.

Humas a outras ſe ſeguiaõ as vantagens, que hiaõ preparando o theatro para huma das gentilezas mais ſublimes da noſſa corage. O choque de Trancoſo por todas as ſuas circunſtancias, naõ ſó foi hum raſgo bem ſemelhante ao golpe da glorioſa batalha de Aljubarrota; mas huma das ac-

ções

çoẽs mais cheias de reputaçaõ nas noſ- Era vulg.
ſas idades. Já a vã-guarda do exercito inimigo, que com muitos Fidalgos mandava Joaõ Rodrigues de Caſtanheda, eſtava em Ciudad Rodrigo eſperando a chegada do ſeu Rei. Naõ quizeraõ eſtes Chéfes valentes ter ocioſas as armas, e para moſtrarem, que nos deſprezavaõ, ou naõ nos temiaõ, com ſeis centos cavallos, e dous mil Infantes, entráraõ pelas terras de Riba-Coa; taláraõ a Provincia da Beira, e fizeraõ huma preza prodigioſa, como em Paiz ſem defenſa. Martim Vaſques da Cunha, Alcaide Mór de Linhares, e Gonçalo Vaſques Coutinho, que mandava em Trancoſo, eraõ os unicos Cabos, que ſe podiaõ oppor ás correrias dos inimigos; mas a deſconfiança, que havia entre elles, naõ conſentia em genios teimoſos, que algum dos dous cedeſſe para ſer o primeiro, que rogaſſe.

Joaõ Fernandes Pacheco, filho de Diogo Lopes Pacheco, que dotado de grande valor, deſempenhava os brios do ſeu appellido, naõ podê

vêr

Era vulg. vêr callado eſte eſtrago da Patria. Elle buſca a Martim Vaſques, e o perſuade a que ſe ajunte com elle, e com Gonçalo Vaſques para caſtigarem as atrocidades, que comettiaõ os Caſtelhanos. Achando neſte Fidalgo todas as diſpoſiçõ es á medida do ſeu deſejo; elle vai em peſſoa reduzir o Coutinho a conformar-ſe com os ſentimentos do Cunha; mas elle reſiſte a militar debaixo da ſua bandeira. Propoem Joaõ Fernandes a Martim Vaſques a duvida de Gonçalo Vaſques, que o biſarro Portuguez desfaz com eſta reſpoſta cheia de generoſidade: Todo Portugal ſabe as vantagens, que a minha caſa leva á de Gonçalo Vaſques; mas eu cedo de tudo pelos intereſſes da Patria, e de tudo lhe faço ſacrificio: Ide, dizei a Gonçalo Vaſques, que eu quero ſervir ás ſuas ordens; que lhe cedo a gloria deſta empreza: que juro ſervillo nella fielmente; que eu, e meus irmãos vamos jantar com elle a Trancoſo no dia, em que ajuſtarmos ſahir a ver a cara dos inimigos.

Juſ-

Justamente alvoroçado partio João Fernandes Pacheco prevenir a Gonçalo Vasques Coutinho, que não menos satisfeito, preparou as suas gentes, e hum magnifico jantar para os hospedes honrados, que esperava. Na meza se ajustárão as medidas, que havião tomar na campanha, e ficou resoluto esperallos a pé firme no plano de Trancoso; mas que para fazerem a sua resolução mais plausivel, mandassem hum Cavalleiro desafiar os Castelhanos. Sahio de Trancoso ao campo a respeitavel tropa de 330 cavallos com hum magote de Lavradores no centro das allas, que fugírão ao primeiro repelão, para esperar em campanha raza o número oito vezes dobrado de Castelhanos. Elles nos vírão, e quizerão torcer a marcha a hum lado da planicie para os montes, que os desviasse do combate. Os nossos lhe buscárão a frente, e não houve mais remedio, que enristar as lanças, e tirar das espadas. A substancia do Paiz levada na preza, que era conduzida a salvar-se nos altos, animou os nossos espiritos

a

Era vulg.

Era vulg. a empenhar os braços para os Patricios lhe deverem a restituiçaõ do seu cabedal.

Obráraõ-se neste encontro façanhas, que se fazem incriveis. Descarregavaõ os Portuguezes golpes taõ descompassados, que se ouviaõ em Trancoso a meia legoa de distancia. Derramado o furor na tropa, naõ souberaõ advertir os nossos, que cousa era dar quartel, nem fazer prisioneiros. Todos os Cabos, e soldados Castelhanos ficaraõ mortos no campo, excepto hum, que os nossos Chéfes quizeraõ deixar vivo para lèvar a Castella as noticias do catastrofe da vãguarda do grande exercito, que marchava á conquista de Portugal. Dos Portuguezes naõ houve hum só morto, oü ferido, como contestaõ as memorias daquelle tempo, que na singeleza daõ duas almas á verdade. Queria Deos desenganar o Rei de Castella na injustiça da sua pretençaõ; mas entaõ foi o desengano taõ difficultoso, como depois a credulidade para muitos successos da natureza do choque memora-

ra-

ravel de Trancoſo. As bandeiras, as armas, os deſpojos, a preza feita na Provincia, tudo ficou nas mãos dos vencedores, que depois de fazerem geral a complacencia no Reino, com conſciencia delicada reſtituírao o ſeu a ſeu dono. Era vulg.

A gloria dos tres Fidalgos authores deſta expediçaõ ſe lhes fez mais plauſivel pela remuneraçaõ prompta do ſeu Principe, que deo maior vulto ás mercês com a confiſſaõ ſincéra da enveja, que lhe cauſava naõ ſer participante de hum feito taõ cheio de honra até para a peſſoa de hum Rei. As impreſsões que elle cauſou no de Caſtella, moſtráraõ depois os effeitos, quando paſſou pelo campo da batalha. Eſtava nelle huma Hermida de Saõ Marcos, que para naõ parecer Padraõ da victoria, o Rei colerico a mandou arrazar até aos fundamentos, vingando nas pedras inſenſiveis a reſiſtencia, que encontrava nos peitos dos homens. Mas os grandes apreſtos deſte Monarca contra nós, já naõ davaõ lugar a

ou-

Era vulg. outros expedientes, que os de cuidar na defenſiva.

O Rei, que ainda eſtava em Guimarães, antes de ſe mover para os lugares, que ſe entenderiaõ ſer do maior perigo para lhes diſpôr o remedio: Elle quiz ſondar o animo do Condeſtavel D. Nuno, e o inſtruio no poder formidavel com que o Rei de Caſtella vinha reſtaurar a québra, que tivéra ſobre Lisboa: que elle eſtava irreſoluto no que devia fazer; ſe buſcaria os inimigos em campo aberto para decidir a ſua cauſa em hum lance da fortuna, ou ſe os eſperaria em huma Praça forte, aonde os deſtruiſſe por meio de huma defenſa prolongada, ſem ſe expôr ás contingencias da batalha. O bravo Heróe, que do principio da guerra trazia conſultadas com o ſeu coraçaõ intrepido as occaſiões de honra, que ao Rei, á Patria, e a ſi meſmo podiaõ ſer glorioſas, com o eſpirito cheio de confiança, reſpondeo prompto:

Nós, Senhores, eſtamos rodeados de humas ſituações taes, que qual-

quer

quer excesso a que nos arrojemos, naõ merece o nome de temeridade. Nós defendemos a liberdade, o Rei, a Pátria, e tambem a Religiaõ contra a gente, que segue hum scisma; que quer conquistar-nos; que presume abater-vos; que vem a cativar-nos. Pois estes objectos sublimes só nos haõ de merecer acções vulgares? Que occasiões mais importantes para até dos covardes fazer valentes? E nellas como quereráõ mostrar-se os Portuguezes, que lhes conhecem a gravidade? Se nós vencermos, de hum golpe conseguimos todas aquellas vantagens: se ficarmos vencidos, tudo sacrificamos de huma vez aos simulacros da honra a quem devemos todos esses sacrificios. Antes mortos que sugeitos a hum dominio estranho. Entrarem os Castelhanos em Portugal, e nós sahirmos ao seu encontro, deve ser huma mesma acçaõ. Se nos deixarmos sitiar, que exercito temos, que nos soccorra? Para acabarmos em huma cova, como féras; vamos morrer na campanha com a espada na maõ, co- Era vulg.

Era vulg. como homens. Eu bem ſei, que o partido he deſigual; mas tambem naõ ignoro, que os Portuguezes, quando ſe empenha a honra, naõ contaõ número de inimigos. Quantos foraõ os que vencêraõ o choque de Trancoſo? Pois o meſmo Deos de entaõ, he o de ſempre; o Reino, e a cauſa tudo he ſeu; nelle devemos confiar para naõ conſentir eſtes hoſpedes na noſſa caſa.

Promettendo-ſe ſegredo inviolavel, ajuſtáraõ entre ſi o Rei, e o Condeſtavel poſtar-ſe em campo, e eſperar occaſiaõ para a batalha. Como os inimigos principiavaõ a mover-ſe em Caſtella; elles déraõ as providencias neceſſarias no Minho, e na Beira: marcháraõ, o Rei para Abrantes a eſperar a gente das Provincias; o Condeſtavel para o Alem-Téjo a conduzir a daquelle partido. Eſperava-ſe a entrada dos Caſtelhanos por Badajóz; movimento, que obrigou o Rei a paſſar o Téjo; mas retrocedendo elles a marcha para Cidade Rodrigo, o Rei tornou a occupar Abrantes, aonde

de esteve até Agosto. A causa deste retrocésso da marcha do Rei de Castella, e os movimentos, que precedêraõ á batalha de Aljubarrota, saõ dignos da attençaõ da Historia, como successos precedentes á acçaõ gloriosa, que decidio o negocio da nossa liberdade. Era vulg.

Antes que aquelle Principe se movesse de Cordova, mandou occupar o rio de Lisboa pela sua armada, composta de 40 náos grossas, dez galés, e doze fragatas, que sahíraõ dos portos de Andaluzia, e Biscaya. Indicava esta manobra, que elle viria outra vez tentar fortuna sobre Lisboa; ajuntando a esta grande frota as forças da terra, que os seus mesmos Historiadores, e dos modernos Fr. José Alvares de la Puente, sobem a trinta mil Infantes, e oito mil cavallos. Porém informado no caminho, que a Cidade de Elvas padecia grande falta de mantimentos, que lhe impossibilitavaõ a defensa por mais de quinze dias: elle determina fazer-se Senhor desta chave da nossa fronteira, e com vista

Era vulg. temeroſa apreſenta tantas trópas á face da Praça. Era entaõ ſeu Governador o bravo Gil Fernandes, que reveſtido de confiança heroica, determinou moſtrar nas obras ao Rei de Caſtella, que naõ temia as ſuas armas. Elle mandou, que as portas ſenaõ fechaſſem em quanto os inimigos eſtiveſſem no campo, para evitar o trabalho de as abrir, e fechar ás entradas, e ſahidas das eſcaramuças contínuas, que elle naõ ceſſaria de emprehender.

Humas a outras amontoava as ſahidas eſte eſpirito impavido para ter o campo ſempre em rebate. Deſejoſo de huma facçaõ, que ſe fizeſſe mais ſenſivel ao Rei; a fortuna lhe metteo em caſa a conjuntura com a noticia, que lhe déraõ do grande comboi de viveres, que naquella noite ſahia de Badajóz para o exercito. Nas horas do maior ſilencio marchou a obſervar a eſcolta, que o conduzia, e a achou em pequeno número pela viſinhança da Praça ao campo, e pela confiança, de que o reſpeito do exercito o

ſe-

segurava. Naõ podéraõ os Castelhanos soportar o primeiro peso dos seus golpes, e postos em fugida, recolheo em Elvas o comboi, que forneceo a Praça para muitos dias. Já eraõ passados vinte e cinco sem os inimigos ganharem hum palmo de terreno. Entaõ recebêraõ aviso do successo infeliz do choque de Trancoso, que quando os forçava a naõ perder gente, e tempo no bloqueio de Elvas, lhes desenfreou a tyrannia para se despedirem da Praça com acções indignas da humanidade. Era vulg.

Acaso viera a seu poder hum paizano de Elvas. O Rei lhe mandou cortar as mãos, e pendurallas ao pescoço do innocente com huma Carta a Gil Fernandes, em que o ameaçava, como aquelle era o tratamento vulgar, que daria a todos os faccionarios do Mestre de Aviz. Palavra taõ mal dada foi exactamente cumprida em mais dezasete homens de Arronches, que lhe cahiraõ nas mãos, e ficáraõ sem ellas. Gil Fernandes, incapaz de soffrer esta atrocidade, que lhe pare-

Era vulg. ceo devia imitar ſem eſcrupulo, por lhe dar o exemplo hum Rei: de oitenta priſioneiros, que tinha na Praça, cahio ſórte ſemelhante em dous Fidalgos infelices, que foraõ mandados ao Rei com as mãos, e huma Carta pendentes do peito, que dizia: O Governador de Elvas dará eſte meſmo trato a oitenta Caſtelhanos, que tem em ſeu poder; e os vaſſallos de el Rei de Portugal D. Joaõ I. teráõ cuidado de fazer o meſmo a todos, ſe eſta impiedade continuar a ter exercicio. Eſta reſpoſta foi a vantagem, que os Caſtelhanos tiráraõ da empreza de Elvas, a que o Rei acodia de Abrantes; mas elle retrocedeo para a meſma Villa com a noticia, de que os inimigos levantavaõ o campo, e ſe faziaõ na volta de Cidade Rodrigo a eſperar o Principe D. Carlos de Navarra, que vinha com hum corpo de trópas em ſoccorro do Rei de Caſtella ſeu cunhado.

Era vulg.

CAPITULO III.

Do que ſuccedeo depois da entrada do Rei de Caſtella em Portugal.

SENTIDO do máo ſucceſſo de Elvas, e tida por mais difficultoſa a entrada em Portugal pelo Alem-Téjo; o Rei de Caſtella tomou o caminho de Cidade Rodrigo para a fazer pela Beira, e ſeguir por Coimbra a jornada de Lisboa. Naquella Praça chamou a conſelho os ſeus Generaes para ſe determinar, por que forma ſe faria a expediçaõ, ſuppoſtos os aviſos conformes, de que o novo Rei ſe apreſentava para a impedir por meio de huma batalha. Os pareceres ſe dividíraõ á proporçaõ das imagens, que ſe figuravaõ os eſpiritos, que os propunhaõ. Diziaõ os menos affoutos, ou mais circunſpectos, que o Rei naõ devia ir em peſſoa arriſcar a reputaçaõ no combate com homens deſeſperados, que naõ obſtante ſerem poucos, eſtavaõ reſolutos a buſcar a liberdade pelo

Era vulg. meio da morte, e dos perigos: que com a victoria de Trancoſo ficáraõ taõ ſoberbos, que rodeavaõ o ſeu Rei, pedindo-lhe a batalha, como ultimo remedio da ſegurança, ou da ruina: que elles faziaõ guerra de Religiaõ a que era do Eſtado, naõ dando aos Caſtelhanos outro nome, que o de Sciſmaticos; e que com homens, que peleijavaõ pela Fé, e pela Patria naõ ſe buſcavaõ encontros, de que elles entendiaõ, que vencedores, ou vencidos, ſempre ficavaõ glorioſos: que, ſobre tudo, a ſaude do Rei eſtava muito debilitada; eraõ grandes os calores da Eſtaçaõ; naõ devia expôr a ſua vida; mas dividir exercito taõ numeroſo em varios, que invadiſſem o Reino por differentes partes, em quanto da ſua obrava a Armada ſobre Lisboa, naõ ſendo poſſivel ao Meſtre de Aviz ſeparar as ſuas forças para acodir a tantos lugares.

Os mais ouſados, ou menos advertidos ponderavaõ os juiſos, que faria o mundo do valor do Monarca de Caſtella, que com quarenta mil homens

mens ſe retirava de vêr a cara a hum punhado de Portuguezes, inimigos por capricho: que todos o attribuiriaõ a medo; affronta maior, que a perda de huma batalha, em que muitas vezes ſe cede ao deſtino ſem injúria do valor: que ſe os Portuguezes já eſtavaõ ſoberbos; vendo que o Rei ficava em Caſtella, lhes creſceria o orgulho, e paſſariaõ a intoleraveis: que o exercito dividido ſeria cauſa de emulaçaõ entre os Commandantes, que botariaõ a perder os ſucceſſos com vantagem dos contrarios, e froxidaõ dos Portuguezes fieis, que tomariaõ o partido do novo Rei, ou ſeríaõ omiſſos nas occaſiões de os ſervir: que o Meſtre de Aviz naõ era poſſivel tiveſſe corage para eſperar em campo ſemelhante exercito, que devia marchar a encontrar-ſe com eſſe par de homens deſeſperados, fazellos em poſtas, e ir deſcançar do trabalho dentro dos muros de Lisboa. Eſte parecer, por mais brioſo, teve-o el Rei por mais honrado: e reſoluto a entrar por Portugal em peſſoa, mandou Era vulg.

pa-

Era vulg. para Ávila a Rainha D. Brites encarregada ao Arcebiſpo de Toledo D. Pedro Tenorio.

Entrou o Rei de Caſtella em Portugal pela Provincia da Beira, e tomou Cerolico, aonde fez o ſeu Teſtamento para começar a guerra com demonſtrações de Catholico, que degeneráraõ em officios de tyranno. Aqui o vieraõ encontrar muitos dos ſeus antigos partidarios, que deſculpáraõ a infidelidade com o temor da eleiçaõ do novo Rei. Conſolado com as boas eſperanças, que lhe déraõ eſtes traidores, continuou a marcha para Coimbra, levando na vã-guarda o eſtrago, e o terror, que deixavaõ crueis ſinaes em todos os Lugares da Provincia por onde paſſava. Os Póvos abertos, e as peſſoas eraõ o entretenimento do furor brutal deſtas trópas. Tranſportado até aos deſatinos o Rei, porque Portuguez algum do partido do chamado Meſtre de Aviz naõ vinha buſcar o abrigo das ſuas bandeiras: elle naõ perdoou a ſexo, ou idade; e querendo proporcionar as ſuas cruelda-

dades com as peſſoas em quem as mandava executar; ordenou, que a humas ſe cortaſſem as linguas, a outras os pés, aos meninos os braços. Para ajuntar o ſacrilegio á inhumanidade, o impio ao barbaro, fez deſtruir a Igreja de Trancoſo, como ſe nella houveſſe de devorar o incendio a memoria do eſtrago vergonhoſo, que alli padecêraõ as ſuas trópas, e elle o anno paſſado ſobre Lisboa. O horror deſtas atrocidades animava mais os Portuguezes para deſejarem antes a morte honrada na guerra, que acabar como infames ás mãos dos verdugos. Sempre eſtes procederes eſtranhos foraõ cauſa das perdas de Heſpanha; e quando naõ houvéraõ outros exemplos, baſtavaõ em Flandres os do Duque de Alva, que fazia vaidade de ter ſubmettido ao cutelo dos Algozes milhões de cabeças. Era vulg.

Neſta marcha dos Caſtelhanos ſe advertio ao Rei, que mandaſſe fazer cortaduras nos caminhos para a impedir. Mas aquelle animo ſublime, para fazer os vaſſallos participantes

dos

Era vulg. dos ſeus ſentimentos, lhes reſpondia: Fraca defenſa; eſperemos, e combatamos, que brevemente nos veremos vingados dos noſſos inimigos. Elles chegáraõ ſem embaraço a Leiria, aonde ſe lhes ajuntáraõ os Commandantes das Praças da ſua facçaõ para ajudarem a devorar a Patria, como cancros. O Rei aviſou de Abrantes ao Condeſtavel, que chegou com a gente do Alem-Téjo, e inſtou com os Fidalgos vencedores no dia de Trancoſo para virem ganhar nova honra em maior feito: mas elles, que viraõ paſſar o grande exercito de Caſtella, mudáraõ de reſoluçaõ á viſta do inimigo, excepto Joaõ Fernandes Pacheco, e Egas Coelho, que ſe portáraõ, como diremos a ſeu tempo. Naõ deixavaõ de affligir os cuidados aos grandes corações; que he pençaõ da humanidade trazer á memoria as imagens triſtes das contingencias, quando a alma ſe recreia na gloria de ſubir triunfante ao Olympo. Por iſſo o Rei, que ſabia ſe notava de temeraria a ſua reſoluçaõ de atacar o inimigo, ſendo

do

do alguns dos que desejavaõ o combate os mesmos, que o persuadiaõ arrojado; elle se determinou a convocar o seu Conselho. Era vulg.

A prudencia humana neste congresso se oppôz aos destinos, que a nosso favor tinha decretado a Providencia. Queriaõ muitos, que se esperassem os soccorros promettidos de Inglaterra; e que em quanto naõ chegavaõ, o Rei fosse para o Alem-Téjo, e invadisse a Andaluzia até Sevilha, para obrigar o Rei de Castella a acodir á defensa da sua casa: Projecto, que o divertia do sitio de Lisboa, e a nós nos deixava livre a retirada de Castella, quando nos buscasse, para virmos unir-nos aos Inglezes, que já entaõ seriaõ chegados: que emprehender outra resoluçaõ, era tentar a Deos, e querer forçallo a que désse victoria a seis mil homens, que temerariamente fossem investir setenta mil, que tantos se dizia serem os Castelhanos. Seguíraõ os mais este parecer contrario ás intenções de el Rei; mas o Condestavel, que o via suspenso, se levantou, e disse: Que

Era vulg. Que empreza intentáraõ até agora os Portuguezes, em que peleijassem com forças iguais? Fazei lembrança de todas as Épocas, seja no tempo dos Carthaginezes, seja no dos Romanos, seja no das Nações do Septentriaõ, e ultimamente no dos Mouros, a nossa gente attendia á justiça da causa, naõ contava o número dos inimigos. A que nós temos entre mãos, he huma das mais justificadas desde as idades remotas até agora; e naõ havemos nella seguir o exemplo dos nossos Maiores? Alêm disto, quem souber da guerra, naõ dirá, que a jornada de Andaluzia he diversaõ, mas huma fugida, que se desvia do golpe, e este temor quebrará os animos, que estaõ ao presente resolutos. Ella facilitará o rendimento de Lisboa; e perdida esta Capital, que mais nos resta? Entaõ abateremos as armas, e reconheceremos Rei o de Castella. Os Inglezes naõ sabemos quando viráõ, e o perigo já o vemos. Se lhe differimos a cura, naõ nos aproveitará o remedio, quem vem fóra de tempo. No

meu

meu conceito a batalha he indiſpenſa- Era vulg.
vel, e aſſim o aſſentámos em Guimarães el Rei, e eu, que naõ mudo de parecer á viſta do inimigo. Ficaivos, Senhores, em Abrantes; tomai os pareceres, que julgares convenientes; perdei o tempo em conferencias; que D. Nuno Alvares Pereira com a gente, que o ſegue, ſe arroja á temeridade de ir atacar os Caſtelhanos, e ſenaõ poder ſalvar a Patria, morrerá por ella.

Acabou de fallar o Condeſtavel, e ſem eſperar reſpoſta, ſahio do conſelho; veio ao quartel da gente do Alem-Téjo, que recebeo com alvoroço a ſua reſoluçaõ heroica; mandou tocar as caixas, e trombetas, e rompeo a marcha para Thomar, por onde ſe dizia que vinhaõ os Caſtelhanos, com huma intrepidez ſó digna do eſpirito de D. Nuno Alvares Pereira. Fez a inveja os ſeus Officios nas meſmas peſſoas, que deſejariaõ ſer authoras deſta chamada loucura, como ſe os animos ſublimes houveſſem de apertar os ſeus impulſos dentro dos

cur-

Era vulg. curtos limites dos corações vulgares. O Rei que tudo ouvia, e callava, como quem conhecia a fundo o ardor da fidelidade do Condeſtavel; torna a ajuntar o conſelho, e lhe propoem: Que os paſſos de D. Nuno ſaõ taõ formoſos como elle; merecedores de ſer ſeguidos, nunca de ſer notados: Que o ſeu eſpirito magnanimo naõ pode ouvir ſem commoçaõ a noticia das ordens, que o Rei de Caſtella mandou dar ao ſeu exercito, e diziaõ; na marcha matem, cativem, queimem, roubem até chegar a Lisboa: Que eſtas barbaridades ſe executavaõ ſem piedade; e á viſta dellas, que ſentimentos nos deve inſpirar o amor da Pátria, a caridade pelos irmãos, a juſtiça da noſſa cauſa? O Ceo ſerá em noſſo ſoccorro, e elle terá eſcolhido ao fragil inſtrumento deſte, que o deſprezo chama Rei de Aviz, para reſgatar o ſeu Povo das oppreſsões da tyrannia. Mandemos chamar o Condeſtavel; unamonos com elle; imitemos o ardor do ſeu zelo, e naõ queiramos applicar remedios communs a males extremos.

Co-

Como a voz do Principe canonisou a acçaõ do Condestavel, ella foi unanimemente approvada, e decidida a batalha, como meio unico de impedir aos inimigos a expediçaõ sobre Lisboa. Mandou-se a Joaõ Affonso de Santarem, hum dos do Conselho, que chamasse ao Condestavel já posto em marcha; mas elle ouvindo o recado, lhe respondeo: Que depois do que ajustára com el Rei em Guimarães de naõ consentir, que os Castelhanos sitiassem Lisboa, naõ tinha sobre que tomar mais Conselho: Que da sua parte lhe pedisse por mercê o deixasse vêr a cara dos inimigos, e que se Sua Alteza tambem queria ir lhe mandasse logo aviso para o esperar em Thomar. O aperto em que entaõ estava o Reino, naõ só fazia desculpavel; mas louvavel a generosidade de D. Nuno. El Rei a engrandeceo com o elogio, de que tinha hum vassallo mais zeloso da sua Dignidade Real, que elle mesmo; e ordenou ao seu Veador Fernando Alvares de Almeida fosse ao caminho infor- Era vulg.

for-

Era vulg. formar o Condestavel da resoluçaõ do Conselho; ordenar-lhe retrocedesse a Abrantes para marcharem juntos a buscar os inimigos.

O Condestavel, que hia atroando a campanha com a marcha batida para a fazer pública; entrou no escrupulo, de que retrocedella, e saberem-no os inimigos, elles o tomariaõ por mudança de resoluçaõ, ou covardia, e contentou ao Veador com lhe pedir dissesse a el Rei, que no outro dia o esperava em Thomar; e continuou a jornada para esta Villa. Assim o executou o Rei, que com o resto das tropas se foi ajuntar com o Condestavel para se determinar o lugar, a fórma, e planta da batalha. Daqui foi mandado Gonçalo Annes Peyxoto examinar o campo dos inimigos, disfarçado com o caracter de Enviado para representar ao Rei de Castella da parte do de Portugal se retirasse do Reino, que naõ era seu, e que se repugnasse fazello, o desafiasse para a batalha. Exactamente cumprio Gonçalo Annes a sua commissaõ em Leiria, aonde notou as forças

çasde Caſtella; ſondou o animo do Rei, e ſentido do deſprezo manifeſto com que elle tratava ao ſeu Soberano; da ſua parte lhe intimou a batalha no lugar, e dia, que elle quizeſſe eleger. Era vulg.

Da ſua fez o meſmo o Condeſtavel, que mandou hum Trombeta ao campo inimigo requerer ao Rei naõ moleſtaſſe a ſua Patria; que ſahiſſe do Reino, que reconhecia por ſeu Soberano ao Meſtre de Aviz; e que ſe naõ o quizeſſe fazer, elle tomaria a licença para o obrigar com as armas. Reſpondeo-lhe o Rei de Caſtella, que elle vinha cobrar a herança, que lhe tocava por ſua mulher: que olhaſſe por ſi, abandonando o partido do Meſtre; que ſobre elle derramaria a profuſaõ da ſua liberalidade. Á viſta deſtas repoſtas, o Rei, e o ſeu Condeſtavel aſſentáraõ, que as armas deviaõ decidir a queſtaõ, e movêraõ no dia onze a ſua gente, que no ſeguinte paſſou a Porto de Móz, aonde eſtiveraõ até quatorze de Agoſto, dia ſempre memoravel nos Faſtos brilhan-

tes

Era vulg. tes de Portugal. Como nelle ſe eſperava a batalha, os noſſos paſſáraõ a noite em exercicios catholicos; os mais recebêraõ os Sacramentos de expiaçaõ, e da maõ do Arcebiſpo de Braga a Cruz, e Indulgencia da Cruzada, que o Papa concedêra a noſſo favor contra os fautores do ſciſma.

Com eſtes confortos ſahíraõ os Portuguezes do Porto de Móz na madrugada a cortar a eſtrada, que haviaõ levar os Caſtelhanos de Leiria para Lisboa. O Condeſtavel, que marchava na vã-guarda, marcou o terreno para o combate em huma campina raza, ſem montes, rios, ou roturas da terra, que nos deſſem ſuperioridade, ou alguma vantagem dos inimigos, que tinhaõ ſobre os Portuguezes a de ſete homens contra cada hum delles. Neſte plano formáraõ o Rei, e o Condeſtavel ſeis mil e quinhentos ſoldados, em que entravaõ mil e ſetecentos de cavallo, e tres mil e quinhentos entre criados, e gente de ſerviço das bagagens, que faziaõ ao todo dez mil homens. O exercito inimigo, contan-

tando tambem eſtas praças deſtinadas aos miniſterios do campo, chegava ao número de ſetenta mil. Na vã-guarda ſe poſtou o Condeſtavel com ſeiſcentos cavallos deſmontados, como fizera na batalha dos Atoleiros, para quebrar nas lanças a primeira furia dos inimigos: o lado direito era a célebre ala dos Namorados, moços ſolteiros, que eſcolhêraõ a deviſa do amor por marca da ſua corage, e os mandava Ruy Mendes de Vaſconcellos com ſeu irmaõ Mem Rodrigues, e o Alferes Alvaro Annes de Sernache: a maior parte do lado eſquerdo era compoſta dos Inglezes auxiliares, que cobriaõ Antaõ Vaſques de Almada, Joaõ de Monferrara, e Martim Paulo. Era vulg.

El Rei eſtava na reta-guarda com a bandeira Real, que arvorava Gil Vaz da Cunha, e ſe formava do reſto do exercito, que tinha na reſerva as bagagens com huma guarda em circulo da gente menos apta para a peleija. Faltáraõ no campo muitos Fidalgos de alta conſideraçaõ, que ti-

Era vulg. véraõ ao Rei, e Reino por perdidos neste encontro taõ desproporcionado; mas os que estavaõ prestes para elle, o estimáraõ materia de entretenimento, como iremos vendo nas circunstancias, que lhe precedêraõ. Como formado o exercito, ainda naõ pareciaõ os Castelhanos, os Portuguezes pozeraõ armas em terra, e se entretiveraõ em tantas danças, e folias, que naõ poderiaõ ser mais jucundas se elles esperassem por huma grande fésta. Esta manobra jovial assombrou os inimigos, quando nos avistáraõ, e a tiveraõ por presagio da sua infelicidade. A ella se ajuntavaõ os votos, que chamavaõ denodados, que contrapesáraõ os pios do Rei, e do Condestavel. O Rei votou ir daquelle sitio a pé á Igreja de Santa Maria de Guimarães, que saõ 40 leguas, pesar-se a prata armado, como estava, e fundar nelle hum Convento. O Condestavel prometteo o mesmo a Santa Maria de Ceiça em Ourem, e edificar em honra sua outro Convento.

En-

Entre os denodados foraõ célebres os votos de Martim Affonſo de Souſa, que prometteo, ſe eſcapaſſe da batalha, ir paſſar huma quarentena com a Abbadeça de Rio Tinto; mas ſeu irmaõ Joaõ Rodrigues de Sá lhe reſpondeo, que ſe tal fizeſſe, elle promettia de lhe dar com hum páo, e diz certo Eſcritor noſſo, que ambos cumpríraõ o voto: o de Vaſco Martins de Mello o moço, que jurou prender, ou ao menos pôr as mãos em el Rei de Caſtella, e por querer cumprir o voto, perdeo a vida: o de Gonçalo Annes de Caſtello de Vide, que prometteo, e guardou o de ſer o primeiro, que enſopaſſe a lança nos Caſtelhanos; com outros ſemelhantes, que indicavaõ o desafſogo militar dos noſſos aventureiros, libertadores glorioſos da Pátria na ſituaçaõ mais triſte a que a reduzíra o poder, e tyrannia. Era vulg.

Quando aſſim ſe entretinhaõ os noſſos ſoldados, quaſi a horas de meio dia appareceo o exercito Caſtelhano em multidaõ horrivel, que cobria os

Era vulg. planos, e coroava os montes. Como nos viraõ na eſtrada plantados em batalha, entendêraõ o deſignio de lhe diſputarmos a paſſagem, e fizeraõ alto os noſſos inimigos, que ſó com a fama do número pretendiaõ atemoriſarnos. El Rei perguntou aos Chéfes, que faria á viſta da reſoluçaõ dos Portuguezes. Muitos ſeguíraõ o parecer de Joaõ de Ria, Embaixador do Rei de França, que ponderou razões fortes para impedirem a batalha, que ſe foſſe ganhada por taõ poucos, mas deſtemidos, a injúria das armas de Caſtella em todas as idades ficaria irreparavel. Os pareceres contrarios tiveraõ por maior a de voltar as caras ao Meſtre de Aviz, que vinha ſacrificar á ſua deſeſperaçaõ hum punhado de homens loucos, que ſeriaõ degollados ſobre a marcha; e com eſte voto ſe acommodou o Rei.

Neſta ſuſpenſaõ eſtavaõ os dous exercitos, quando Joaõ Fernandes Pacheco, e Egas Coelho, que vinhaõ da Beira com hum pequeno corpo de gente, deraõ na frente do lado eſquer-

querdo dos inimigos. Sem os aſſuſtar Era vulg.
o repente deſte encontro, fizeraõ tocar as ſuas trombetas, e rompendo por entre os dous campos, buſcáraõ a vã-guarda do noſſo. Sahio o Rei a eſte lugar para os receber, e com elle Diogo Lopes Pacheco, que levava a ſua velhice veneravel carregada do ferro das armas, e naõ podia conter o goſto á viſta do zelo de ſeu filho. Joaõ Fernandes depois de beijar as mãos ao Rei, e ao Pai, diſſe ao primeiro em voz alta, que todos ouviſſem: Esforçai-vos, Senhor, contra eſtes inimigos; naõ os temais por muitos, que os voſſos ſaõ melhores: Eu já os conheço; ha pouco que lavei as minhas mãos no ſeu ſangue, hoje me fartarei delle: ſó vos ſinto o trabalho, que haveis ter em matar a tantos: eſtes ſaõ os que reſtáraõ dos que vós degolaſtes no ſitio de Lisboa: Deos torna a vo-los pôr diante, para que lhes façais o meſmo. Por todo o exercito ſe paſſou eſta palavra de Joaõ Fernandes, e infundio tal corage nos noſſos, que já o furor fazia

ran-

Era vulg. ranger os dentes pela tardança dos Caſtelhanos em enveſtir.

Eſtando os campos na ſituaçaõ, que fica dita, ainda elles faziaõ conſultas, e novamente mandáraõ tentar o noſſo Condeſtavel por ſeu irmaõ Diogo Alvares Pereira, pelo famoſo Pedro Lopes de Ayala, e pelo Marichal Diogo Fernandes. Chegáraõ os tres á frente do exercito, aonde Diogo Alvares deſatou os diques á ternura, ás promeſſas, á quanto havia de tocante para perſuadir ao Condéſtavel o ſeguiſſe, e a ſeu irmaõ o Prior, que aſſim lho rogava. O que vós, e o Prior pretendem de mim (reſpondeo D. Nuno) deſejo eu, que elle, e vós façais para obrares com juſtiça: Ao Rei de Caſtella dizei, que ao Condeſtavel de Portugal ſe enveſte com armas, e naõ ſe ataca com baixezas: Que ſe preſume vencer-nos, ſe deſengane, que em quanto a minha eſpada cortar, naõ ha de ter aſſento no Reino, que tyranniza cruel: A meu irmaõ direis, que cuide menos da minha peſſoa, que da ſua mettida no pe-

perigo, que elle mal penſa, e hoje lhe moſtrará o ſucceſſo: ſe eſte era o negocio a que vieſtes, retirai-vos, e ſe mais me fallares nelle, eſta eſpada vos dará a reſpoſta. Ouvido tal deſembaraço, o Marichal Caſtelhano ſe deſpedio com eſta elegancia encaminhada ao Condeſtavel: Vós ſe venceis, o mundo vos eſtimará pelos vencedores de maior honra: ſe vos ſucceder o contrario, ſereis os mais honrados vencidos: em qualquer das ſórtes ſempre ficais felices. Era vulg.

Pedro Lopes de Ayala foi ao ſeu Rei, e lhe diſſe ſe deixaſſe de batalha, e como os Portuguezes naõ tinhaõ mantimentos, naquella noite deixariaõ o campo, e lhe ficaria o paſſo livre para Santarem, ſem ſe expôr ao perigo de vir ás mãos com huns homens, que em ſe lhes fallando em liberdade, rugiaõ como féras. Muitos foraõ deſte parecer, entre elles o Conde de Barcellos; mas elle o mudou quando ouvio o deſprezo com que ſe fallava no valor dos Portuguezes, e com todo o esforço da ſua

elo-

Era vulg. eloquencia perſuadio ao Rei de Caſtella o combate, aonde elle com os mais Portuguezes, que ſe declarárão contra a Patria, tinhaõ de perder ſem honra as vidas, que podiaõ conſervar reputadas, ou arriſcallas com memoria mais illuſtre em melhor cauſa.

CAPITULO IV.

Eſcreve-ſe a famoſa Batalha de Aljubarrota, que decidio o negocio da liberdade de Portugal.

JÁ declinava o Sol do ſeu ponto vertical no dia 14 de Agoſto, o mais formoſo, e brilhante para Portugal, que depois de dous ſeculos por cauſa ſemelhante o vio renovado nas jornadas das Linhas de Elvas, do Ameixial, e de Montes-Claros: Quando o exercito Caſtelhano principiou a mover-ſe contra nós a ſom de caixas, trombetas, e grito de guerra *Caſtella, Sant Iago.* Entaõ andava o Arcebiſpo de Braga pela frente das fileiras animando os ſoldados, e advertindo-os, que

que entrados na acçaõ, repetissem muitas vezes: *Verbum caro factum est*: Perguntavaõ os maviosos, que era o que dizia o Arcebispo? Respondiaõ os denodados construindo: Que a funçaõ aos Castelhanos tinha de custar caro. Assim ha de ser querendo Deos, repetiaõ outros, que nós havemos dar-lhe hum bom mercado. Com estes apophtegmas de galhofa esperavaõ os nossos hum dos repelões mais horrendos, para depois fazerem verdadeiro o erudito Cosmografo de Carlos V. que disse nas suas Relações Universaes do mundo: Que Naçaõ alguma do Universo era comparavel no valor com a Portugueza, que fazia dos combates materia de entretenimento. Era vulg.

Quando o grande Condestavel vio, que os inimigos se moviaõ, voltou-se para os seus, e lhes fallou assim: Eia, Amigos, he hora de levantarmos as cabeças, que nos chega a redempçaõ: movamo-nos, mas taõ vagarosos, que a cada passo firmemos o pé, e apertemos o punho: pareçaõ as vossas lanças, que saõ pega-

das

Era vulg. das aos braços; vós, e as armas hum corpo indiviso: naõ vos espantem aquelles gritos, que saõ ar, que leva o vento: Eu estou lendo a victoria nos vossos semblantes: o dia he nosso, Vespera do Triunfo de Maria nossa Protectora: A elles; e em quanto houver mãos para matar, ninguem as occupe em prender. No seu posto o Rei clamava em tom de segurança, que superiormente se lhe inspirava: Já vem a multidaõ encontrar o seu destroço nas nossas espadas: Animo, Portuguezes, que hoje triunfa a Igreja Santa; hoje se rime o nosso Reino; hoje he o dia da nossa liberdade: o triunfo he certo, que Deos está comnosco; o Deos, que aqui nos trouxe sem temor, nos ha de dar a victoria com prazer: segui o vosso Rei, que vos ha de acompanhar no perigo para fazer a gloria commua.

A este tempo os Portuguezes faccionarios de Castella na vã-guarda nos envestiaõ. Em desempenho do seu voto sahio a ensopar nelles a lança o bravo Gonçalo Annes de Castello de

Vi-

Vide, que opprimido da multidaõ, foi a terra; mas ſoccorrido com tempo, foi deſempenhando a promeſſa com tal deſembaraço, que cauſava eſpanto. A vã-guarda do Condeſtavel enveſtida por muitos dos mais valeroſos Caſtelhanos, depois de huma reſiſtencia incrivel, era obrigada a recuar até ao corpo da batalha, que ſe abrio para a receber. O Rei ſahio entaõ do ſeu poſto para acodir ao perigo da gente do Condeſtavel, e tirando da eſpada, foi ferindo os inimigos, e clamando: Adiante, Senhores, que ao voſſo lado vai peleijando o voſſo Rei. O valeroſo Alvaro Gonçalves de Sandoval, que o ouvio, lhe eſperou o golpe, e lançando-ſe a elle, o fez ajoelhar, e arrancou das mãos as armas. O Rei com impulſo vehemente foi ſobre elle, recobrou a eſpada, e ſoccorrido por Martim Gonçalves de Macedo, matáraõ o bravo Sandoval. Era vulg.

Neſte lance, vendo el Rei a pé peleijando como o ſoldado mais ordinario, o noſſo valor obrou heroicidades,

Era vulg. des, que excedem todo o encarecimento, dignas de mudar a Hiſtoria em Panegyrico. Os golpes eraõ taõ eſpantoſos, que faziaõ eſtremecer os valles. O Condeſtavel enfurecido parecia fera indomita, que para ambos os lados deſpedaçava a preza. Os bravos vencedores da de Trancoſo com Joaõ Fernandes Pacheco na ſua téſta, ainda agora ſe moſtravaõ maiores homens, que entaõ. No ardor deſta refrega vio o Condeſtavel ir pelo ar huma lança, que até hoje naõ ſe ſabe quem a deſpedio, e entrando pelo campo dos Caſtelhanos, derribou a ſeu irmaõ o Prior do Crato, de cujo cadaver já mais houve noticia a pezar de todas as diligencias. Morto o Alferes Mór de Caſtella, abatemos o Eſtandante Real, e a eſta viſta os noſſos clamáraõ: victoria, que os Caſtelhanos fogem. Como ſe eſta voz fora hum trovaõ horroroſo, paſſado pouco mais de meia hora de combate, os inimigos começaõ a perder o campo, os noſſos a matar ſem piedade, acabando vingança a que principiou batalha.

O

O Rei de Caſtella ſem paciencia para ſer mais tempo teſtemunha das noſſas gentilezas, da ſua ruina, e do deſprezo da ſua Inſignia Real, a todo o correr levou as nove leguas, que eraõ do campo da batalha a Santarem. Vaſco Martins de Mello o moço, que o vio fugir, ſem mais companhia, que a ſua temeridade, foi em ſeu alcance para cumprir o voto de o prender, ou pôr as mãos; mas os Caſtelhanos da guarda, que o conhecêraõ, e víraõ ſó, carregáraõ ſobre elle, e o abríraõ a golpes. Aſſim acabou eſte gentil Fidalgo, que ſe conſultaſſe o valor com a prudencia, aſſim como o fez com a indiſcriçaõ, poderia o cumprimento da ſua promeſſa ter hum exito mais feliz. O Rei, que combatia, ſe aproveitou da confuſaõ, e deſordem do campo pela retirada do ſeu Monarca: os ſoldados redobráraõ o ardor, e a furia: a carnagem era eſpantoſa, e os inimigos ſó ſe tinhaõ por felices ſe lhes davaõ tempo de fugir; já ſem alentos para a defenſa deſde o ponto, em que perdê- Era vulg.

Era vulg. dêraõ a jactancia de vencedores, e entráraõ a sentir a realidade de vencidos.

Fatal foi o destino da sua infantaria em huma terra desconhecida, donde, além do exercito, desceo a chusma dos homens do campo, que apanhando-a errante, e dispersa, fez nella hum estrago horrivel. Até da célebre Forneira de Aljubarrota, que era mulher de espiritos formidaveis desde a sua mininice, chamada a Pisqueira, se conta sahíra a campo com a sua pá, que me parece se guarda até hoje, e que com ella matára sete inimigos. O número total destes infelices passou de doze mil, que muitos annos com os seus ossos descarnados branqueáraõ o campo da batalha. Os cativos foraõ tantos, e se davaõ taõ baratos, que o preço de muitos homens nada despertava a cubiça de qualquer soldado. Em Aljubarrota ficou banhada no seu sangue a flor da Nobreza de Castella: Aljubarrota foi a Sepultura do Povo de Hespanha, assim como o campo de Canas a do Po-

vo

vo de Roma. Todo o trem importantissimo, com que o Rei, tantos Fidalgos, e exercito taõ numeroso sahio das suas terras, ficou em nosso poder; os soldados, e paizanos bem remunerados das perdas precedentes, que tinhaõ padecido. Era vulg.

Dos Portuguezes rebeldes, que voltáraõ o rosto á Patria para seguirem o partido de Castella, morrêraõ o Prior do Crato D. Pedro Alvares Pereira, e Diogo Alvares, irmãos do Condestavel; Gonçalo Vasques de Azevedo, e seu filho Alvaro Gonçalves; o Conde de Barcellos D. Joaõ Affonso de Menezes, irmaõ da desgraçada D. Leonor, causa de tantos, e taõ diuturnos estragos em Portugal, que Deos ainda conservava com vida para testemunha da derrota das suas idéas. O mesmo destino tiveraõ os Alcaides Móres de Leiria, Obidos, e Alemquer, que por devoçaõ se acháraõ na batalha. Dos nossos faltáraõ cento e vinte homens; mas de pessoas de consideraçaõ só Vasco Martins de Mello, Mendo Affonso de Béja,

Era vulg. e os Eſtrangeiros Joaõ de Monferrara, e Bernardim Sola. Da nobreza de Caſtella foi paſſada á eſpada huma grande quantidade, que cobrio de luto todas as caſas illuſtres daquelle Reino, que na vida da Rainha D. Brites quiz deſaffogar o ſeu ſentimento, como cauſa de tantas ruinas, ſe a authoridade do Arcebiſpo de Toledo naõ a amparára.

Em quanto o Rei triunfante celebrava no campo a victoria, o de Caſtella chegou a Santarem pela meia noite, repreſentando no interior as meſmas imagens do anno paſſado, quando levantou o ſitio de Lisboa. Duvidavaõ os da Villa abrir-lhe a porta, naõ crendo chegaſſe a ella em tal eſtado o Chéfe do exercito eſtimado invencivel, mas deſenganados que era o ſeu Rei, o recebêraõ em ſilencio, e elle entrou ſem dizer palavra; o Rei de afflicto, os vaſſallos de laſtimados. Aſſim eſteve largo eſpaço recoſtado, e levantando-ſe depois como frenetico, ſe dizia a ſi meſmo: Ah Deos; que Rei ſou taõ deſgraçado!

Ar-

Arrancai-me esta vida, já que naõ soube perdella entre os meus. Quizeraõ consolallo os assistentes com a lembrança, de que elle naõ era o primeiro Rei vencido, e entre outros lhe nomeárao a seu Pai D. Henrique, que perdêra a batalha de Naxera, sem que por hum lance da fortuna contraria a sua reputaçaõ ficasse offendida. Assim he, replicou elle, mas esses Reis, e meu Pai foraõ vencidos por quem era capaz de vencer: porém Eu, derrotado pelo Mestre de Aviz, que já mais obrou acçaõ de honra, e por huns poucos de Portuguezes desprezíveis, tosquiados, e sem barba, que gloria alguma Eu teria se matasse a todos; vio o mundo até agora exemplar semelhante de deshonra, e de desgraça? Era vulg.

Preoccupado deste temor, sem alentos para refazer a fraqueza com o alimento, mandou lhe esquipassem huma barca, naõ succedesse seguillo o Mestre de Aviz, e na mesma noite passou para Lisboa á surdina, aonde esteve dous dias occulto na náo que

Era vulg. o tranſportou a Sevilha. A 17 de Agoſto ſahio da barra, ordenando á armada que o ſeguiſſe, e chegou áquella Capital de Andaluzia, ſem encontrar na ſua entrada mais que corações abatidos, e ſemblantes conſternados: Imagens da fortuna contraria, que veſtem os trages dos que ella deſcompoem. Os applauſos, as congratulações, que elle havia receber ſe vieſſe vencedor, convertêraõ-ſe em queixas, em laſtimas de quem vinha vencido: Murmurações, que elle meſmo authoriſava com o luto, que naõ deſpio o reſto da vida, com a confiſſaõ de ſer o Rei mais deſgraçado, naõ pela batalha que perdêra; mas pela ganhar quem elle naõ penſava. Entaõ ſuccedeo em Sevilha, que hum Portuguez ordinario foſſe maltratado por hum dos Officiaes de Palacio. O Rei, que vio a acçaõ, e teve a vingança por muito deſigual á injúria de Aljubarrota, diſſe ao Official: Naõ o trateis aſſim; porque os da ſua Naçaõ, que me ſeguíraõ, perdêraõ a vida na minha preſença obrando façanhas portentoſas, e os que foraõ

raõ contra mim me vencêraõ; Reſposta, que prova bem os ſentimentos ſublimes deſte Principe no abatimento da ſua ſórte. Era vulg.

No meſmo ponto que no campo ſe declarou a victoria a fez pública em Lisboa huma voz, que ninguem ſoube donde ſahíra. Os moradores levados nas azas do alvoroço, corriaõ de tropel aos Templos para pedir o auxilio do Deos dos Exercitos. Quando ſe verificou a noticia do lugar, hora, e circunſtancias do triunfo conforme com a primeira, que ſe temia vaga, e incerta; naõ cabiaõ no peito os corações, que ſahiaõ pela bocca a offerecer-ſe victimas de agradecimento ao Ceo. As Praças que ſe tinhaõ ſubmettido á protecçaõ de Caſtella, pela retirada do ſeu Rei o abandonáraõ, e obrigadas a ſubmetter-ſe ao Vencedor, ellas quizeraõ prevenir o ſeu reſentimento, implorando a clemencia, que encontráraõ benigna ás promeſſas conſtantes da ſua fidelidade. El Rei, que ſe a reſiſtencia o irritava, a ſubmiſſaõ o abatia, a todos os

 que

Era vulg. que vinhaõ humilhar-ſe aſſegurava o eſquecimento do paſſado, taõ modeſto no triunfo, como ſe elle eſtiveſſe na ſituaçaõ de vencido.

Os noſſos priſioneiros, que eſtavaõ em Santarem, entre elles o Meſtre de Chriſto D. Lopo Dias de Souſa, o Prior do Crato Alvaro Gonçalves Camelo, e D. Rodrigo Alvares Pereira, irmaõ do Condeſtavel, pelos movimentos, que obſerváraõ na Praça a noite da chegada do Rei, aſſentáraõ, que elle perdêra a batalha. No dia ſeguinte já certos da victoria, e que todos os Caſtelhanos principaes tinhaõ partido da Villa a embarcar-ſe na armada; elles arrombáraõ os carceres, convocáraõ o Povo, e levando a bandeira do Senado acclamáraõ pelas ruas o ſeu Rei. A eſtas vozes os Caſtelhanos acabáraõ de perder o animo, muitos ſe refugiáraõ nas Igrejas, os mais foraõ preſos. Ainda o Rei ſe detinha em dar graças a Deos no Moſteiro de Alcobaça, e em mandar fazer ſuffragios pelas almas dos que morrêraõ na batalha, quando foi

avi-

avisado da reducçaõ de Santarem. Depois teve o da fugida dos Commandantes de varias Praças para Castella, a saber: Gonçalo Tenreiro de Alemquer; Affonso Lopes de Texeda de Torres-Novas; de D. Henrique Manoel de Sintra; de Joaõ Rodrigues Portocarreiro de Villa-Real; de Vasco Porcalho de Villa-Viçosa; de Martim Annes de Barbuda de Monforte; e de Garcia Pires de Mouraõ. Era vulg.

Veio el Rei de Alcobaça a Santarem receber as congratulaçóes do seu Povo, e as homenagens das Villas immediatas; submissóes, que asseguravaõ a sua firmeza no Throno; e cuidou em recompensar aquelles, que fielmente o servíraõ no tempo da revolta, e confusaõ. Os primeiros que experimentáraõ os effeitos da piedade do Rei, foraõ mais de mil presos Castelhanos, que estavaõ em Santarem, e gratuitamente pôz em liberdade; ordenando ao famoso Gonçalo Annes de Castello de Vide, e a outros Cabos do Alem-Téjo, que se recolhiaõ para a Provincia, os levassem

até

Era vulg. até a fronteira com ſegurança. A meſma graça concedeo a outros muitos, que diſſimulava foſſem embarcar-ſe no reſto da ſua armada, que ainda eſtava em Lisboa. Naõ participou della o célebre Pedro Lopes de Ayala, que no disfarce de pobre, hia todos os dias receber a ſua eſmóla a caſa da Condeça, viuva de Barcellos, aonde o conheceo hum criado. Homem taõ importante, e taõ rico, foi deſcoberto ao Rei, que o mandou ſegurar em Leiria, e pagou pelo ſeu reſgate trinta mil dobras, e trinta cavallos.

O Grande Condeſtavel, como ſe diſtinguíra entre todos no ſerviço, tambem o devia ſer nos premios. Elle foi criado Conde de Ourem, com promeſſa de naõ nomear o Rei outro em ſua vida: Titulo, que vivendo ainda Joaõ Fernandes Andeiro, lhe prognoſticou hum Eſpadeiro de Santarem, que concertando-lhe huma eſpada, e querendo D. Nuno pagar-lhe, diſſe que o faria, quanda foſſe Conde de Ourem, como agora exactamente cumprio, pagando-lhe com a li-

liberdade, que tinha perdido por ſe Era vulg.
haver incorporado com os Caſtelhanos. Eſta mercê feita ao Condeſtavel foi o primeiro golpe, que principiou a abrir os fundamentos para a ſua grande Caſa, que enlaçada na de Bragança, levou o ſeu ſangue a todas as Téſtas Coroadas da Europa: mas na ſua peſſoa ella foi huma conſequencia das muitas com que os Reis Predeceſſores haviaõ honrado os ſeus Maiores. Os grandes homens de quem elle deſcendia, a antiguidade do ſeu Appellido, a nobreza da ſua Caſa, tudo concorria para fazer a D. Nuno Alvares Pereira hum Heróe completo. Baſtava-lhe a memoria de ſeu Pai o Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Pereira, que tanto ſe aſſignalou na glorioſa batalha do Salado em tempo do Rei D. Affonſo IV. como eu deixo eſcrito na vida deſte Principe, para D. Nuno merecer as attençoẽs do ſeu Soberano, que tinha de ſer Avô dos ſeus meſmos netos.

Hum mez depois deo ao meſmo Condeſtavel o Condado de Barcellos,

e

Era vulg. e fez outras muitas mercês, entre ellas as rendas de Guimarães, Ponte de Lima, Valença, Villa-Real, Chaves, Atouguia, e Bragança. A Diogo Lopes Pacheco mandou el Rei reſtituir os Paços de Bellas com as ſuas quintas, e a ſeu filho o valeroſo Joaõ Fernandes Pacheco deo a Villa de Oliveira de Conde, e outras terras. A Egas Coelho, que com elle viera da Beira, e depois com elle fugio para Caſtella, ambos infieis, e ingratos, fez mercê dos Lugares de Vella, e Germelho. A Martim Gonçalves de Macedo, que na batalha o ajudára a livrar-ſe de Alvaro Gonçalves de Sandoval, deo as Aldeias de Algozelo, e Pinelo, com os bens de Martim Affonſo de Seixas, parcial de Caſtella. A Martim Gonçalves do Carvalhal, tio do Condeſtavel, fez mercê das rendas, terras, e almargem da Cidade de Tavira, que foraõ de ſeu ſobrinho Fernaõ Pereira; e naquella Cidade veio viver ſeu filho Fernaõ Martins do Carvalhal; deixando nella deſcendencia, de que ainda hoje no

Al-

Algarve ſe conſervaõ familias com os appellidos de Pereiras, Berredos, Vaſconcellos, e outros em que ſe enlaçáraõ por caſamentos, dos quaes eu dei noticia na minha Aula da Nobreza, quando eſcrevi as Memorias dos Vereadores de Tavira. Todos os mais Fidalgos foraõ remunerados á proporçaõ; e eſtas acções tanto de juſtiça, ſervíraõ depois para dous liſongeiros fazerem arrepender o Rei, e tirar o meſmo que tinha dado a vaſſallos taõ diſtinctos; deſgoſtar o Condeſtavel, e perder os mais benemeritos, que ſe lançáraõ do lado dos inimigos, como eu direi em ſeu lugar. Feita eſta breve digreſſaõ, voltarei ao Campo de Aljubarrota para continuar no Capitulo ſeguinte com a narraçaõ das noticias curioſas, que ſe ſeguíraõ a eſta milagroſa victoria, que aſſegurou a liberdade da Patria, joia ſobre todas a mais eſtimada da altiva Naçaõ Portugueza. Era vulg.

CA-

Era vulg.

CAPITULO V.

Do mais que ſuccedeo no campo da batalha, e depois della, com o juizo mais provavel a reſpeito da Forneira de Aljubarrota.

ANDAVA el Rei pelo campo depois da victoria, e paſſando por Diogo Alvares Pereira, irmaõ do Condeſtavel, pegando-lhe, e chamando pelo ſeu nome, lhe diſſe com mais benignidade do que pedia a occaſiaõ, e as offenſas. Diogo Alvares, aqui eſtais vós? Eu vos moſtrarei hoje, que ſou voſſo melhor amigo, do que vós me tendes ſido ſervidor. Ao meſmo tempo ſoou a voz vaga, e falſa, que matavaõ o Condeſtavel. Correo el Rei a ſoccorrello, e encarregou a Egas Coelho a guarda de Diogo Alvares; mas os ſoldados, que ignoravaõ a peſſoa, e o conheciaõ Caſtelhano, ſem que Egas Coelho os podeſſe deter, o fizeraõ em pedaços. Quando el Rei voltou, e o vio morto, ſentio a ſua deſgra-

graça, e por isso recebeo com menos alvoroço a alegria com que vinha saltando o bravo Antaõ Vasques de Almada enrolado no Estandarte Real de Castella, que pôz aos seus pés, e lhe disse: Tomai, Senhor, essa Bandeira do maior inimigo, que tinheis no mundo. Era vulg.

Depois veio com os seus soldados o capitaõ Gonçalo Rodrigues natural da Certã, e lhe presentou a grande caldeira, que se guarda no Mosteiro de Alcobaça, e deo á sua familia o appellido de caldeiras em memoria do valor desmedido com que este seu ascendente a ganhára aos inimigos. A sua grandeza he taõ desmarcada, que dizem se coziaõ nella quatro bois; outros, que as rações para todos os criados do Rei de Castella, que eraõ trezentos. Quando Filippe II. a vio no Claustro daquelle Mosteiro, houve hum Castelhano zeloso, que lhe disse mandasse tirar daquelle lugar o despertador de huma memoria á sua Naçaõ injuriosa, e fundir della hum sino. Certo Fidalgo

pru-

Era vulg. prudente, que hia mais chegado ao Rei, reſpondeo: *Nò Señor, ſe quede aqui; porque ſi ella ſiendo caldera ſuena tanto, que ſerà ſi fuere campana?*

Os deſpojos da Tenda Real, e de tantos Fidalgos, que ſeguiaõ o ſeu Rei, foraõ taõ precioſos, e tantos, como de huma Monarquia poderoſa, que mandava grande parte do ſeu Povo a eſtabelecer-ſe em novo Reino, que indiſputavelmente reputava proprio. Tomaraõ-ſe as deſaſeis peças de artelharia com todo o ſeu trem, toda a bagagem, os cavallos, e carruagens do campo. Na Tenda del Rei, entre tantas precioſidades, ſe fez mais eſtimavel a Reliquia do Santo Lenho, que elle tirára da Sé de Burgos, e depois ſe deo ao Condeſtavel para a collocar no Convento do Carmo de Lisboa, aonde ſe guarda com culto religioſo.

No meſmo Convento eſtá o Sceptro de ouro, que ſe achou entre os mais deſpojos, e ſe diz fora fabricado das arêas do Téjo, que cria grãos deſte metal precioſo. O Rei, com o deſ-

desprezo de Cesar no dia de Farsalia, Era vulg. abandonou tantas riquezas aos soldados, que as haviaõ ganhado, sem reservar para si mais, que os cavallos, as armas, a artelharia, e o seu trem, que foi o primeiro deste genero, que se vio em campo nas Hespanhas.

Quiz mostrar o Ceo, que se interessava no nosso triunfo; porque no maior ardor da batalha, quando el Rei invocava o patrocinio de S. Bernardo para lhe acodir no perigo, em que o pôz Alvaro Gonçalves de Sandoval, que lhe tirou das mãos a facha, e o fez ajoelhar: Elle mesmo confessou depois em Alcobaça, que víra sobre a Tenda do Rei inimigo hum Bacculo Abbacial, que empunhava huma maõ, e braço com manga como de Monge, e que do Bacculo pendia huma Clamide militar, como tinta em sangue; vista, que lhe servio de conforto especial para recobrar alentos com a certeza, de que tinha em seu favor a protecçaõ do Santo Abbade. Tambem observáraõ muitas pessoas, que em quanto durou o combate,

so-

Era vulg. ſobre o noſſo Eſtandarte Real volitavaõ varias pombas brancas, que os interpretes entendêraõ annuncios da futura victoria. Naõ he menos ſingular o modo da morte do Prior do Crato D. Pedro Alvares Pereira, abonado pela grande authoridade de ſeu irmaõ o Condeſtavel, que depôz, como eu deixo dito, víra ſahir do noſſo campo huma lança deſpedida ſem impulſo humano, que entrando pelo dos Caſtelhanos, buſcára o Prior, e atraveſſando-o pelos peitos dera com elle morto em terra.

As noſſas gentilezas, que entaõ eraõ igualmente vulgares, e monſtruoſas, Manoel de Faria e Souſa as quiz marcar na ſua Hiſtoria com os Epitafios arrogantes, e gracioſos, que foraõ deſcobertos na Villa de Chaves de dous bravos Capitães Portuguezes, que quizeraõ deixar á poſteridade eſtas memorias do ſeu eſpirito façanhoſo. Diz o primeiro:

AQUI

Era vulg.

AQUI JAZ SIMON ANTOM,
QUE MATOU MUITO CASTELAÕ,
E DEBAIXO DESTE COVOM
DESAFIA A QUANTOS SAÕ.

Dizia o ſegundo em Latim macarronico.

HIC JACET ANTONIUS PERIS,
VASSALLUS DOMINI REGIS,
CONTRA CASTELLANOS MISSO,
OCCIDIT OMNESQUE QUISO;
QUANTOS VIVOS RAPUIT
OMNES ESBARRIGAVIT;
PER ISTAS LADEIRAS
TULIT TRES BANDEIRAS;
E FEBRE CORREPTUS
HIC JACET SEPULTUS;
FACIANT CASTELLANI FESTE,
QUIA MORTUA EST SUA PESTE.

Por tantas circunſtancias ſe fez eſta batalha a mais célebre daquellas idades, ou ella ſe contemple pela grande deſigualdade do poder de ambos os exercitos, ou pela pouca experiencia dos noſſos Officiaes contra tantos Capitães aguerridos, ſem que da noſſa parte houveſſem as vantagens de ter-

re-

Era vulg. reno, e outras de ſoccorros imaginarios, que inventáraõ os Authores Caſtelhanos para desfigurarem a Portugal a gloria de dia taõ formoſo: Dia brilhante, em que ſe decidio o negocio mais grave de huma Naçaõ, que he a ſua liberdade; que firmou a Coroa na cabeça do noſſo Rei natural, e que encheo de aſſombro a expectaçaõ de toda a Europa, até entaõ ſuſpenſa ſobre o arrojo da noſſa chamada temeridade.

Já diſſemos, que depois de vencida a batalha, el Rei veio ao Moſteiro de Alcobaça dar graças a Deos, e fazer ſuffragios pelos ſeus mórtos. Era entaõ Abbade D. Fr. Joaõ de Ornellas, generoſo, e magnanimo, que ſuſtentou o noſſo exercito depois que entrou nas ſuas terras, até que ſahio dellas, e ſoccorreo el Rei com gente, que enviou commandada por ſeu irmaõ Martim Ornellas, e obrou no conflicto acções magnificas em ſerviço da Pátria. O meſmo D. Abbade, depois de deſpedir ſeu irmaõ para o campo, ſe poſtou na ponte de Chaque-

queda com tres companhias, e muita Era vulg.
paiſanage a eſperar os Caſtelhanos fugidos da batalha, aonde matou innumeraveis: Serviço, que o Rei lhe remunerou com lhe deixar duas das ditas companhias para guarda da ſua Peſſoa, diſtinçaõ da ſua Dignidade, e com outras muitas mercês, que conſtaõ das Cartas de Doações feitas ao Moſteiro.

Hum dos inimigos mortos ás mãos da gente do Abbade, foi Ruy Dias de Roxas, marido de D. Maria de Guevara, Cubicularia do Rei de Caſtella. que aos Fidalgos, que entravaõ na ſua Tenda, coſtumava perfumar, dizendo, que o fazia para lhes tirar o máo cheiro, que traziaõ das caſas, e trato com os Portuguezes Chamorros; nome com que nos affrontavaõ os Caſtelhanos, porque entaõ principiavamos a cortar as barbas. Diogo Lopes Lobo fez priſioneira a eſta Dama aſcaroſa, e paſſando acaſo pelo lugar, aonde eſtava o cadaver de ſeu marido, ſe lançou ſobre elle a incenſallo com os aromas das ſuas lagrimas.

Era vulg. mas. Hum ſoldado, que a acompanhava, e ſabia o que ella em noſſo deſprezo practicava na Tenda do ſeu Rei, lhe diſſe com ar militar: Que he iſſo, bella Dona? Porque naõ guardaſtes para agora os voſſos perfumes? Por certo vos eraõ elles agora bem neceſſarios para embalſamar eſſe cadaver, que deita peior fedor, que o máo cheiro dos chamorros, que vos nauzeava.

Todos os mortos Portuguezes mandou o Rei conduzir para o Moſteiro de Alcobaça, aonde foraõ ſepultados. A meſma piedade ſe uſou com o corpo do Conde D. Joaõ Affonſo Tello, e com ella lhe quiz el Rei pagar o conſentimento, que dera para a morte de Joaõ Fernandes Andeiro, e depois della hoſpedallo em ſua caſa, ou talvez porque agora o ſeu voto fizera reſolver o Rei de Caſtella a dar-lhe a batalha, que foi antecedente de taõ glorioſa victoria. Aos mórtos inimigos, he opiniaõ vulgar, ſe negára a ſepultura: falta de piedade apparente, que permittiría o Ceo,

co-

como se entendeo pelo successo naõ ordinario, que fez estimar por indignos de gastar a terra, e que até perdoasse a voracidade dos brutos a huns cadaveres, que foraõ depositarios de almas separadas da communhaõ da Igreja, Sectarias do Scisma, e como taes incursas nas censuras fulminadas pela sua verdadeira cabeça o Papa Urbano VI. Esta passagem he de Fernaõ Lopes, que trata com mais extensaõ os effeitos da que pareceo inhumanidade na falta da sepultura dos mórtos. Era vulg.

A memoria que fica tocada da forneira de Aljubarrota, que se diz matára com a pá do seu forno sete Castelhanos, que se retiravaõ da batalha, he hum ponto de tradiçaõ, de que eu devo dar noticia mais individual, ainda que naõ a refíraõ os nossos melhores Escritores. Esta mulher se chamava Brites de Almeida, de alcunha a Pisqueira, e ha quem diga, que ella era natural do Algarve nascida na Villa de Albofeira, dotada de forças taõ pouco vulgares no

Era vulg. ſeu ſexo, que naõ ſó diſputava valentias com hum; mas com alguns dos homens mais robuſtos daquellas idades. He tradiçaõ conſtante, que eſta Amazona Luſitana com huma pá de ferro encabada em huma vara de páo matára ſete Caſtelhanos, que vinhaõ fugindo da batalha de Aljubarrota. Entendem huns, que ella achára dentro no forno dormindo eſtes ſete infelices fatigados do ſeu trabalho, e que lhes fizera o ſomno perpetuo: Outros, que eſgremindo no campo aquella nova clava, á força de golpes deitára em terra mórtos os ſete Caſtelhanos.

O certo he, que a pá com a figura, que eu digo, ſe guardava nos Paços do Conſelho, e o forno eſtava na rua direita da Villa, Freguesſia de S. Vicente, junto ao celleiro dos Monges de Alcobaça. Exiſte ainda hoje a dita pá, e os moradores a tinhaõ em tanta eſtimaçaõ, que naõ ſó a levavaõ na Prociſſaõ, que ſe faz todos os annos a 14 de Agoſto, dia da batalha; mas quando eſte Reino

paſ-

passou ao dominio de Castella, temendo elles, que Filippe II. quizesse derrotar a sua tradiçaõ com a ruina do instrumento della, que era a pá: Hum dos mais honrados, chamado Manoel Pereira de Moura, a metteo dentro de huma parede dos ditos Paços, aonde se guardou até ao tempo da feliz Acclamaçaõ de D. Joaõ IV. em que a clava da forneira tornou a sahir a público. Os effeitos mostráraõ o acerto dos moradores de Aljubarrota, que por muitas vezes foraõ notificados de ordem dos Reis de Castella para remetterem á Corte de Madrid o instrumento á sua Naçaõ injurioso; mas elles sempre se desculpáraõ, com que a pá naõ apparecia. Era vulg.

Eu naõ decidirei se o combate foi no forno, ou no campo, ainda que me inclino á segunda parte. Parece que no forno dentro de huma Villa inimiga, naõ viriaõ os Castelhanos refazer com o somno as suas forças lassas, expostos ao perigo evidente de mais facilmente serem mórtos, ou presos, e que antes poderiaõ

Era vulg. riaõ recobrar-ſe com o deſcanço em algum eſcondrigio pelos matos viſinhos, donde ſe podeſſem ſalvar em Santarem com o favor da noite. Eu tenho por mais provavel, que a forneira, levada da grandeza do ſeu coraçaõ, e fiada nas muitas forças, de que diſſe era dotada, ſahio com a paiſanage, que de todas as partes deſcia a perſeguir os fugitivos, e que travando com os mais os combates contra os miſeraveis mal armados, opprimidos da fadiga, medroſos, e cortados do temor, á ſua parte matou os ſete, que aſſegura a tradiçaõ.

Tambem he ſem queſtaõ, que muitos homens de Aljubarrota para levantarem hum padraõ impio á memoria da façanha da ſua forneira, foraõ ao campo da batalha, e trouxeraõ huma quantidade de oſſos dos que nella morrêraõ, e com elles fizeraõ huma calçada, que hia da caſa da forneira até ao forno. Eſte eſpaço, que era hum paſſeio da deshumanidade, moſtravaõ elles aos Caſtelhanos, que por alli paſſavaõ, como quem de-

desafrontava a injúria recebida dos vivos com este monumento injurioso dos mórtos. Durou tantos annos a calçada do forno, que nos nossos dias havia homens, que della se lembravaõ, e o Author da Chronica dos Eremitas de Santo Agostinho diz, que ainda existia no seu tempo. Era vulg.

A Camara de Lisboa por hum assento, que nella se tomou, resolveo, que todos os annos no dia da batalha se fizesse huma Procissaõ solemne, em que se repetissem acções de graças a DEOS, e a MARIA Santissima por tantos beneficios, que a sua piedade derramára sobre a Naçaõ Portugueza, ameaçada de hum duro cativeiro. O mesmo se ordenou em louvor dos Santos Vicente, e Jorge, o primeiro Patrono da Corte, o segundo o grito da guerra de Portugal, Advogado das suas armas: Costume pio, que teve observancia pontual até ao tempo da intrusaõ dos Filippes de Castella, que o tiveraõ 60 annos abolido; mas resuscitando o Reino na pessoa de D. Joaõ IV. em 1640 el-

Era vulg. elle tornou a reviver, e continua com o fervor primitivo.

Eu concluo eſte Tomo, naõ ſó com moſtrar ſegura a ſucceſſaõ de Portugal em Reis naturaes na Peſſoa de D. Joaõ I. Meſtre de Aviz, que derrotou todas as pertenções de Caſtella, para continuar no ſeguinte com as outras memorias importantes da ſua vida depois do Interregno: Mas com a lembrança da exactidaõ com que elle, e o Condeſtavel cumpríraõ os ſeus votos edificantes. Determinou el Rei a ſua romaria a Noſſa Senhora da Oliveira de Guimarães, e ſem embargo de huma diſtancia taõ grande como a de 40 leguas, ſahio a cumprilla a pé, acompanhado dos Officiaes da Caſa, e da guarda de cem Béſteiros, começando-a do campo da batalha depois de ouvir Miſſa, e fazer a Deos huma oraçaõ larga, e fervoroſa. Chegado a Guimarães, foi levado em prociſſaõ por todo o Clero á Caſa da Senhora, aonde ſe veſtio nas meſmas armas, que trouxera na batalha, e mandando-ſe pezar a

pra-

prata, deo toda para a fabrica do retabolo, que tem o Presepe do Minino Deos, ainda que ha quem diga que este retabolo o trazia na sua Capella o Rei inimigo, e que achado nos despojos, D. Joaõ o dera á Senhora da Oliveira. Depois fez fundar o Mosteiro da Senhora da Victoria, que nós dizemos da Batalha, e o deo aos Padres Prégadores da Ordem de S. Domingos. O Condestavel cumprio a sua promessa na mesma fórma a Santa MARIA de Ceiça em Ourem, e edificou o Convento de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa: Dous Padrões magnificos, que conservaõ immortal a memoria da gloriosa batalha de Aljubarrota, e dos dous Heróes, Authores da nossa liberdade, o Rei D. Joaõ I., e o seu Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Era vulg.

F I M.

IN-

INDICE

DOS CAPITULOS.

LIVRO XVIII.

CAP. I. *Principio do Reinado de D. Fernando o Gentil, IX. Rei de Portugal.* 5
- - II. *O Rei D. Fernando se empenha em huma guerra funesta com o fim de conquistar o Reino de Castella.* 19
- - III. *Ajusta-se a paz com Castella, e segundo casamento para D. Fernando com a sua Infante D. Leonor a desprazer da Leonor de Aragaõ, e se trataõ outros acontecimentos.* 38
- - IV. *Trata-se da segunda guerra do Rei D. Fernando com D. Henrique de Castella.* . . . 50
- - V. *Modos delicados com que se conduz a Rainha D. Leonor, successos do Infante D. Joaõ, Scisma do Anti-Papa Pedro de Luna, e nova guerra com Castella.* . . 69

LI-

LIVRO XIX.

CAP. I. *Da guerra do Rei D. Fernando com D. Joaõ I. de Caſtella, e outros ſucceſſos, que della foraõ reſulta.* 85
- - II. *Valimento de Joaõ Fernandes Andeiro com a Rainha, e perſeguiçaõ contra D. Joaõ, Meſtre de Aviz, que o repróva.* . . . 100
- - III. *Caracter do Rei D. Fernando, ſua morte, e ſepultura.* . 117

LIVRO XX.

CAP. I. *Movimentos de Portugal no principio do Interregno, que ſe ſeguio á morte do Rei D. Fernando.* 133
- - II. *O Meſtre de Aviz, nomeado Governador do Alem-Téjo, volta do caminho, mata ao Conde de Ourem Joaõ Fernandes Andeiro, e he acclamado Regente do Reino.* 147
- - III. *O Rei D. Joaõ I. de Caſtella entra em Portugal; o que lhe ſuce-*

ce-

cede nesta invasaõ, especialmente com a Rainha. . . . 165

- - IV. *Intenta a Rainha D. Leonor dar morte ao Rei de Castella. Descobre-se a conjuraçaõ. Successos depois della.* . . . 182

- - V. *Varios successos militares depois da batalha dos Atoleiros, e os mais até ao sitio da Corte de Lisboa.* 199

- - VI. *Continuaçaõ do sitio de Lisboa com o mais que aconteceo até os Castelhanos o levantarem.* . 214

- - VII. *Das expedições que se seguiraõ depois do levantamento do sitio de Lisboa, e como foraõ convocadas as Cortes de Coimbra.* . . . 236

Oraçaõ do Doutor Joaõ das Regras recitada na primeira Sessaõ das Cortes de Coimbra. . . 252

- - VIII. *Continuaçaõ das Cortes de Coimbra até ser acclamado Rei o Principe Regente D. Joaõ.* 261

LIVRO XXI.

CAP. I. *Acclamação do Rei D. João I. chamado de Boa Memoria, X. Rei de Portugal.* 274

- - II. *Das mais acções, que obrou o Rei D. João I. nas Provincias do Minho, e Beira.* . . 290

- - III. *Do que succedeo depois da entrada do Rei de Castella em Portugal.* 307

- - IV. *Escreve-se a famosa Batalha de Aljubarrota, que decidio o negocio da liberdade de Portugal.* 328

- - V. *Do mais que succedeo no campo da batalha, e depois della com o juizo mais provavel a respeito da Forneira de Aljubarrota.* 346

LIVROS IMPRESSOS Á CUSTA de Francisco Rolland, *Impressor-Livreiro ao bairro alto, na esquina da rua do Norte.*

Aventuras de Telemaco: Nova Traducçaõ accrescentada com muitas notas, e adornada com o retrato de Fenelon, em 8. 1785.

Atlas novo com 24 Mappas, em 8.

Adagios, e Proverbios da Lingua Portugueza, em 8.

Arte de Prégar segundo o Evangelho, em 8.

Arte Poetica de Horacio por Candido Lusitano, em 8.

Avisos Religiosos, em 8. 4 Vol.

Amigo do Principe, e da Patria, em 8.

Belizario de Marmontel: Segunda Ediçaõ, em 8. 1785.

Bom Lavrador, em 8. 2 Vol.

Boa Lavradora, em 8.

Catecismo Romano abbreviado, em 8.

Costumes dos Israelitas, e dos Christãos, em 8. 3 Vol.

Descripçaõ das Enfermid. dos Exercitos, em 12.

Despedidas da Marechal ** a seus filhos, em 8. 1785.

Diario do Christaõ, em 12.

Discurso sobre a Industria do Povo, em 8.

Escolha das melhores Novellas, e Contos moraes, traduzidos de MM. d'Arnaud,

Mar-

Marmontel, e de Mad. Gomez, em 8. 4 Vol. 1784-86.

Brevemente ſe publicará o Tomo 5.

Eſpirito do Chriſtianiſmo, em 8.

Elementos da Poetica de P. J. da Fonſeca, em 8.

Elogios Hiſtoricos dos Reis de Portugal, em 8.

Fabulas de Eſopo, em 8.

Homem Eſcrupuloſo, em 8.

Hiſtoria Geral de Portugal por Damiaõ Antonio, em 8. 5 Vol. 1786. *Brevemente ſahiráõ os Tomos 6. 7. e 8.*

Hiſtoria de Theodoſio o Grande por Flechier, Traducçaõ Poſthuma do Capitaõ Manoel de Souſa, em 8. grande 1786.

Hiſtoria Eccleſiaſtica do Abbade Ducreux, em 8. grande. 6. Vol. *Brevemente ſe publicaráõ os Tomos 7. 8. e 9.*

Hiſtoria Uuiverſal do Abbade Millot, em 8. grande. 5 Tomos. *Brevemente ſe publicaráõ os Tomos 6. e 7.*

Hiſtoria Geral de Portugal por La-Clede, em 8. grande. 8 Vol. *Brevemente ſe publicaráõ os Tomos 9. e 10.*

Hiſtoria de Carlos Magno, em 8. 3. partes em 2 Vol.

Heroiſmo da Amizade, Poema, em 8.

Imitaçaõ de Chriſto por Kempis, em 12. 1785. fig.

Imitaçaõ da SS. Virgem, em 12.

Livro dos Meninos, em 8.

Miſcellanea Curioſa, e Proveitoſa, em 8. 7 Vol. *Brevemente ſe publicará o Tomo 8.*

Noi-

Noites D'Young (as 24) com eſtampas, em 8. 2 Vol. 1785. *em bom papel.*
Noites Clementinas, Poema, em 8. 1785.
Naufragio de Sepulveda, Poema de Geronimo Corte Real, em 8.
Noticia da Mythologia, em 8.
Officio da Semana Santa; com as Rubricas em Portuguez, em 12. fig.
Obras eſcolhidas do Marquez de Caraccioli, em 8. 2 Vol. 1785.
Origem, e Orthografia da lingua Portugueza por Duarte Nunes do Liaõ, em 8.
Obras de Franciſco de Sá de Miranda, em 8. 2 Vol.
Obras Poeticas de Quita, em 8. 2 Vol.
Obras Poeticas de Valadares Gamboa, em 8.
Panegyricos, e Diſcurſos Evangelicos, em 8. 4 Vol. *Brevemente ſe publicaráõ os Tomos* 5. *e* 6.
Perfeito Pedagogo, em 12.
Peregrinaçaõ de hum Chriſtaõ, em 8.
Retrato da Morte por Caraccioli, em 8. 1785.
Reflexões ſobre a Vaidade dos Homens, em 8. 1786.
Regras da Verſificaçaõ Portugueza, em 8.
Syntaxe Latina explicada ſegundo o moderno Syſtema filoſofico, em 8. 1785.
Secretario Portuguez, quarta Ediçaõ, em 8.
Tratado das Obrigações da Vida Chriſtã, em 8. 2 Vol.
Tratado das Aguas das Caldas, em 8.
Theſouro de Prégadores, em 8. 2 Vol.
Vida de D. Joaõ de Caſtro, em 8. 1786, com eſtampas.
Vida de Jeſus Chriſto na Eucariſtia, em 8.